

o b s e r v a

observatório
de ambiente
e sociedade



Laboratório associado

RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS

Atitudes e Representações sobre o Lixo Doméstico e
Reciclagem s Alterações Climáticas no Quotidiano

Cristiana Bastos, Filipa Alvarenga, Gisela Matos, Pedro Barata

e estudo / 15

2000

RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS,
Atitudes e Representações sobre o Lixo Doméstico e Reciclagem

RELATÓRIO FINAL

Autoria

Cristiana Bastos
Filipa Alvarenga
Gigela Matos
Pedro Barata

Maio de 2000

índice

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. DESCRIÇÃO DOS PROCEDIMENTOS.....	1
3. MÉTODOS.....	2
4. MATERIAIS E RESULTADOS.....	2
4.1. DO LIXO EM GERAL.....	3
4.1.1. A PROBLEMATIZAÇÃO DO LIXO.....	3
4.1.2. AFECTAÇÃO SOCIAL DOS RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS.....	10
4.1.3. COMPETÊNCIAS PÚBLICAS E PRIVADAS.....	12
4.1.4. A EVOLUÇÃO DA PERCEPÇÃO E A PERCEPÇÃO DA EVOLUÇÃO.....	14
4.1.5. AS FONTES DE INFORMAÇÃO SOBRE O LIXO.....	17
4.2.. INFORMAÇÃO E AVALIAÇÃO DO SERVIÇO DE RECOLHA DO LIXO DOMÉSTICO.....	20
4.2.1. PARA ONDE VAI O LIXO.....	20
4.2.2. DESCRIÇÃO DO SERVIÇO.....	23
4.2.3. AVALIAÇÃO DO SERVIÇO.....	36
4.2.4. PERCEPÇÃO ACTUAL DO PROBLEMA.....	40
4.2.5. JÁ ALGUMA VEZ RECLAMOU?	46
4.3. SEPARAÇÃO E REUTILIZAÇÃO DO LIXO DOMÉSTICO.....	49
4.3.1. O QUE É LIXO? O QUE SE APROVEITA?	49
4.3.2. DESPERDÍCIO, VALOR DO LIXO E “DEITAR DINHEIRO FORA”	51
4.3.3. APROVEITAMENTO DOMÉSTICO: ANIMAIS, COMPOSTAGEM, EMBALAGENS.....	54
4.3.4. RECICLAGEM MODERNA: VIDRO E VIDRÃO.....	57
4.3.5. RECICLAGEM DE OUTROS MATERIAIS.....	61
4.3.6. UTILIZAÇÃO DOS ECO-PONTOS.....	63
4.3.7. EXPLORAÇÃO DE ALTERNATIVAS.....	67
4.3.8. O ANTIGO “DEPÓSITO”	71
4.4. MOTIVAÇÕES.....	76
4.4.1. MOTIVAÇÃO PESSOAL.....	76
4.4.2. OBSTÁCULOS.....	83
4.4.3. MOTIVAÇÃO AMBIENTAL.....	87
4.4.4. PERCEPÇÃO DA MOTIVAÇÃO DOS OUTROS.....	95
4.4.5. PERCEPÇÃO DOS INCENTIVOS.....	98
5. PROSPECTIVA.....	104

1. INTRODUÇÃO

O projecto de estudo **Resíduos Sólidos Urbanos – Atitudes e Representações Sobre Lixo Doméstico e Reciclagem**, integrado no OBSERVA, chegou ao seu termo na primeira semana de Janeiro de 1998, com a elaboração do relatório final e após a análise qualitativa dos resultados das entrevistas efectuadas em Tavira (Junho de 1997) e Gaia (Outubro de 1997). Os materiais recolhidos, constando de gravações magnéticas das entrevistas, roteiros, transcrições de entrevistas, matrizes de análise e outros instrumentos de interpretação dos resultados, ficarão arquivados no OBSERVA. Ficarão também arquivados os materiais educativos e estudos complementares recolhidos no âmbito dos contactos desenvolvidos pela equipa com instituições de pesquisa ambiental e acção ecológica.

2. DESCRIÇÃO DOS PROCEDIMENTOS

O relatório final que agora apresentamos baseia-se num estudo das práticas e representações da população portuguesa face ao lixo doméstico e respectivos destinos, e ainda das suas motivações para integrarem sistemas de redução do volume de resíduos urbanos através da reciclagem e aproveitamento de materiais.

Este estudo constitui-se numa auscultação daquelas práticas e representações enquanto captadas através de entrevistas qualitativas localmente conduzidas. Optámos por dar voz à população através de entrevistas semi-dirigidas e estruturadas por um roteiro em que as perguntas cobriam todos os temas do nosso interesse. Obtivemos expressões directas, que transcrevemos abundantemente, das atitudes e representações face ao lixo doméstico, ao desperdício, ao aproveitamento, aos serviços de recolha e tratamento do lixo, à disposição e motivações para a reciclagem moderna, às práticas já existentes relativamente a esta, à utilização de ecopontos, e à motivação para causas ambientalistas.

Menos que um estudo exaustivo e sistemático, obtivemos um painel de informação de carácter qualitativo que nos permite conhecer os termos em que se expressam todas aquelas dimensões do comportamento perante o lixo. Podem detectar-se orientações, nexos de significado, preferências, incidência de atitudes,

carácter das motivações, representações associadas, e descortinar possíveis tendências relevantes para a implementação de políticas públicas relativas aos resíduos.

A partir deste estudo podem ainda ser formulados inquéritos de natureza quantitativa que visem aprofundar longitudinalmente aspectos particulares de atitudes e representações face ao lixo na população portuguesa.

3. MÉTODOS

Após deliberação conjunta entre representantes das diversas instituições envolvidas no projecto OBSERVA, escolhemos dois concelhos para efectuar as entrevistas: Tavira, a sul, com características de cidade pequena e mais homogénea, hipoteticamente sujeita ao impacto do turismo que sazonalmente afecta a economia, sociedade e ecologia do Algarve, e Vila Nova de Gaia, a norte, com as características de grande subúrbio onde se entrozam espaços de ruralidade tradicional com a hipertrofia urbana. As 25 entrevistas de Tavira, incluindo a cidade e as áreas rurais de Cachopo e Odeleite, decorreram em Junho de 1997, e as 31 entrevistas de Gaia, incluindo Gaia(centro), Coimbrões, Madalena, Valadares, Avintes, Aguda, Sermonde e Crestuma, decorreram em Outubro de 1997.

As entrevistas foram integralmente transcritas e a partir das transcrições elaborámos matrizes de análise, tentando detectar tendências, correlação de variáveis e perfis de comportamento. Acreditamos, porém, que podeira ser incorrecto extrair conclusões de índole quantitativa de um estudo como este, que se centrou primordialmente em captar as expressões individuais sobre os diversos aspectos do lixo. Optámos assim por nos limitar a fazer comentários de índole qualitativa, recorrendo a números apenas em certos casos e com intuitos descritivos e que permitissem clarificar termos de comparação.

4. MATERIAIS E RESULTADOS

Os materiais foram tratados em quatro secções que correspondem às secções do roteiro de entrevista. Depois de analisar e discutir os resultados, apresentámo-los sob a forma conjugada de comentário e transcrição organizada dos depoimentos colhidos nas entrevistas. Optámos por dar grande destaque às vozes dos entrevistados

e seguir, através do uso máximo do discurso directo, os termos exactos da expressão que a entrevista captou. Nalguns casos evitámos a redundância, cortando alguns depoimentos, e noutros, para enfatizar o ponto em causa, escolhemos a repetição de depoimentos semelhantes.

4.1 Do lixo em geral

Este primeiro grupo de questões, titulado "Do lixo em geral", visa servir como introdução ao tema do lixo, abordando sobretudo temas de relativamente fácil enunciação, como são os da preocupação geral com os problemas gerados pela situação do lixo, e a atribuição de responsabilidades ao nível da resolução imediata do problema.

4.1.1. A problematização do lixo

Na primeira fase da entrevista, procurámos saber até que ponto a problemática associada à gestão do sistema de recolha, tratamento e deposição final dos resíduos sólidos urbanos era uma preocupação pessoalmente experimentada e sentida pelos inquiridos. A pergunta foi colocada em termos gerais e visava, através das repostas espontâneas dos inquiridos, avaliar o **grau de preocupação** com o problema do lixo e as suas configurações.

Na análise das respostas respeitantes à análise da situação actual do lixo; há que ter em conta um possível enviezamento em direcção a uma resposta "politicamente correcta" afastada do nível de preocupação experimentado. Esse enviezamento pode ser descortinado através de imprecisões como a sugestão (inadequada) de solucionar o problema dos resíduos sólidos urbanos com uma infraestrutura de tratamento de águas residuais (ETAR), feita por um habitante de Gaia com 40 anos, técnico de vendas.

A clara maioria dos entrevistados refere o problema dos lixos como um problema que os preocupa bastante. De entre os entrevistados de Gaia, apenas três afirmam categoricamente não pensarem muito no tema do lixo:

Preocupar-me, não me preocupo muito porque eu pego nele e ponho-o à porta aos dias que passa, mas é preocupante o lixo que anda por aí nas bermas e o lixo que anda para aí espalhado, e dá muito mau aspecto. (Gaia, lojista, 39 anos)

Sou sincera, e nem por isso, eu tento pôr o lixo nos latões em saquinhos plásticos e não directamente no latão, e em saquinhos plásticos também as garrafas e levo-as para os vidrões (Gaia, empregada de limpeza, 46 anos)

Sinceramente não. Penso que pode ser um problema a nível de saúde pública, por ex., quando as crianças brincam na rua em contacto com os lixos e sujidade. – (Gaia, gestora de loja, 33 anos)

E em Tavira, apenas um inquirido declara já não se preocupar:

Agora já não. A única preocupação que havia dantes era o contentor estar todo sujo. (Gaia, empregada de cozinha, Γ, 39 anos)

Uma grande maioria responde imediatamente os factores que incorporam essa preocupação, sendo que dois grandes grupos de preocupação são manifestados: a questão estética e a questão de saúde, aliás retomada e especificada em grande parte na resposta à pergunta I.4 "Quem é que é mais afectado?". Assim, a "limpeza", o "asseio" e o "aspecto" são identificados por doze vezes como uma razão premente para a preocupação com o lixo, sendo que, na maioria das vezes em que esta preocupação estética é manifestada, ela sobrepõe-se às preocupações com a doença e com outros factores. Este tipo de resposta sugere que o lixo é percebido primordialmente como uma fonte de poluição dos sentidos, desarrumação e desorganização do espaço público. Esta observação é, aliás, válida para o conjunto dos dois concelhos estudados. Alguns exemplos:

Nunca se falou do lixo, só agora é que se fala. Enfim, eu acho muito bem que haja qualquer coisa que resolva o problema do lixo, porque assim como está, está mal. Esses contentores que põem aqui, certos dias cheiram mal, as pessoas põem as cabeças do peixe e várias coisas e não há dúvidas nenhuma que fica mal aqui na cidade, não é próprio. Mesmo o aspecto é mau. Ali ao pé do rio há restaurantes, as pessoas a comerem com o cheiro do lixo é desagradável. (Tavira, comerciante, Γ, 59 anos)

As pessoas não ligam nenhuma. As pessoas metem o lixo onde querem, lá onde moro está bem que às vezes os caixotes estão cheios, mas mesmo quando estão

vazios as pessoas metem o lixo em qualquer lado. Depois há cheiros por exemplo no rio, prejudica a saúde. (Tavira, taxista, Γ, 70 anos)

Aqui em Tavira nem acontece ver lixo nas ruas. Noutras cidades talvez. Nestas alturas do S. João talvez haja um pouco mais de lixo espalhado na rua. Infecções e essas coisas. (Tavira, reformada, 72 anos)

Gosto de ver as ruas limpas e infelizmente é o que vejo menos. Aqui há zonas que são limpinhas, por ex. a minha zona nem está má, temos contentores já apropriados para o lixo, sem serem aqueles baldes. E se cada pessoa se preocupar em pôr o lixo nos contentores próprios e os lixeiros virem recolher nos dias certos nunca há cheiros, quando eles atrasam claro os contentores deitam por fora e existem cheiros. Mas isso é se houver atrasos de quem recolhe. (Gaia, empregada de cozinha, Γ, 39 anos)

É lógico que toda a gente pensa; é o lixo que anda todo espalhado pela rua. À partida agora acho que as coisas estão mais compostas, há mais lixeiros a varrer as ruas, há mais contentores para o lixo, quando dantes não havia, apesar de haver ainda sítios que se vê montes de lixo, mas as pessoas já se preocupam mais em manter nos sacos e amarrar os sacos. Penso que melhorou, não muito como deveria ser. Mas já está a caminhar para melhor. (Gaia, empregada de quarto, 39 anos)

Olhe as ruas todas sujas, o aspecto que dá. A sujidade dos contentores, os animais que depois vão ao lixo e que estão em contacto com as pessoas, tudo isso é perigoso para a saúde. Olhe eu tenho uma grande preocupação com o lixo porque até tenho medo que onde se ponha um saco de lixo vão logo ali fazer uma lixeira naquele sítio, vêm logo ali por o sacos também. E não gosto nada de contentores, porque onde há um contentor as pessoas despejam tudo, é uma porcaria. (Gaia – Aguda, reformada, 69 anos)

Preocupo-me não da forma mais correcta, mas tenho uma preocupação no mínimo mínima. O problema que eu vejo das ruas todas sujas que é desagradável e também cria problemas de saúde que com a acumulação começam os cheiros, as moscas e essas coisas. (Gaia – Santo Ovídio, porteiro da escola, Γ, 47 anos)

O risco de contágio de doenças, potencialmente identificado com o lixo mal acondicionado e com o risco a que expõe crianças e idosos, aparece como segunda preocupação.

Nas cidades o mais evidente é que o lixo causa problemas de saúde, lixo no chão, água a correr nas valetas, são situações que rapidamente levam à conclusão que são maléficos para a saúde pública. (Tavira, Tradutor, Γ, 49 anos)

Pode provocar doenças. Eu mesmo que queira andar limpa, até as unhas estão sempre pretas, a minha casa está sempre suja por causa desta porcaria abandonada(Tavira, vendedora de imobiliária, 49 anos)

Aqui em Tavira nem acontece ver lixo nas ruas. Noutras cidades talvez. Nestas alturas do S. João talvez haja um pouco mais de lixo espalhado na rua. Infecções e essas coisas. (Tavira, reformada, 72 anos)

[O que me preocupa mais são] principalmente os problemas de saúde, porque as pessoas não têm muito cuidado e mesmo às vezes a gente se descuida um bocadinho e quanto mais acumula pior vai fazendo às pessoas. Há que ter mais cuidado. Há cheiros, mas há sítios bem piores, de vez em quando sempre está um bocadinho poluído, mas nada de especial. (Tavira, estudante, 22 anos)

É de salientar que, embora a grande maioria dos entrevistados na área de Gaia resida em zonas onde a recolha do lixo é já automatizada, parece existir uma referência constante ao perigo de contágio através da recolha insuficiente e fora do tempo do lixo doméstico. É avançada, por vezes bastante graficamente, a possibilidade de contágio pela manipulação do lixo por crianças inexperientes e, menos vezes, por animais.

Depois há que pensar que as crianças pegam nas coisas da rua e isso é mau para a saúde. (Gaia, estudante, Γ, 20 anos)

Sinceramente não. Penso que pode ser um problema a nível de saúde pública, por ex., quando as crianças brincam na rua em contacto com os lixos e sujidade. (Gaia, gestora de loja, 33 anos)

Tal observação é feita independentemente do estrato socio-económico a que o inquirido pertença, revelando uma disposição generalizada para exagerar o risco de uma situação potencialmente desconhecida como é o contágio de doenças (cujo risco actual nos parece negligenciável) e remetendo para referências colectivas sobre o carácter poluente e contaminante do lixo, que precedem uma avaliação objectiva do mesmo.

Estas associações não aparecem nas entrevistas aos inquiridos da freguesia do Cachopo, zona mais rural e tradicional do conjunto das duas áreas visitadas:

Eu sei lá, as doenças que pode causar o lixo.
(Tavira – Cachopo, trabalhadora do Centro Paroquial, 46 anos)

Doenças, aqui, não trará muito, porque aquilo está sempre fechado. Agora, às vezes, aquilo tem assim restos de peixe, e isso, e pode, às vezes, quando se lhes pega trazer varejas que as moscas vêm pôr. (Tavira – Cachopo, reformada, 60 anos)

Sim, mesmo isto aqui não é uma terra que não há mesmo assim muitas doenças. (Tavira – Cachopo, reformada, 60 anos)

Em terceiro lugar no "ranking" das respostas aparece a enunciação do cheiro como principal consequência do lixo e fonte de preocupação. No entanto, a referência ao cheiro é quase sempre localizada ("junto dos contentores") e vem geralmente associada seja ao risco de contágio (segunda causa) seja à "poluição ambiental" (quarta causa).

A conceptualização do problema do lixo em termos imediatos e palpáveis traduz-se em referências discursivas à "poluição atmosférica e do solo" como o principal motivo de preocupação no que respeita ao lixo, apontada por inquiridos com maior articulação verbal. Os problemas ambientais cuja compreensão implica um maior distanciamento da situação concreta e imediata, como são os problemas do tratamento do lixo e das suas consequências, ou até a globalização dos problemas do lixo são assim mais difíceis de enunciar para os inquiridos. Em Gaia, apenas uma resposta identifica claramente um problema ambiental - a lixiviação dos solos - como um grave problema provocado pela deposição do lixo junto de ribeiras:

É um assunto que eu já tenho ouvido falar e que às vezes gosto de dar a minha opinião. Preocupa-me é isto, devia de haver mais pessoas a cuidar disso e deviam de arranjar um sítio para fazer essas coisas, fazerem (um aterro) num sítio onde não incomodassem as pessoas, acho que era uma coisa boa. Mas, se como acontece aqui em Canedo, se todas as pessoas vão dizer que não querem aqui, outros não querem ali, nunca se chega a fazer nada e por isso continua a andar a poluição no ar. Acontece aqui em Canedo, chamam-lhe a lixeira de Canedo e eles já não têm onde deitar o lixo, já está a chegar ao Rio Douro, começa-se a poluir o rio e o rio é onde se está a aproveitar as águas aqui para o saneamento das águas da zona do Porto e de Gaia. O lixo tem de se deitar em algum lado, e acho que o lixo é feio, passar pela rua adiante e ver espalhado na rua. Sou contra essas pessoas que também têm os contentores e chegam ali e deitam água choca e fica aí espalhada pela estrada, dá poluição às pessoas e maus cheiros. (Gaia – Crestuma, empregada da Câmara Municipal, 50 anos)

Em Tavira, os problemas ambientais não são directamente referidos, embora se possa detectar uma preocupação com estes problemas nas respostas de alguns entrevistados de nível cultural mais elevado:

Eu penso que o problema do lixo se pôs muito com o nascimento das preocupações ecológicas, a partir da década de 70 e é a partir daí que eu sinto que tenho preocupação por esses problemas, na medida em que são parte da nossa preocupação social. Penso que se está a fazer um esforço a nível municipal de se dar resposta à situação do lixo, porque nas cidades estão a aparecer novas condições e mais produção de lixo que tem levantado novos problemas; e a nível das regiões próximas das cidades também estão a aparecer novas situações derivadas de lixos industriais e plásticos e as Câmaras e as autarquias não têm dado uma resposta satisfatória a essa situação. (Tavira, Tradutor, Γ, 49 anos)

É uma preocupação diária . É importante porque precisamos de viver num ambiente limpo. É fundamental para crescermos saudáveis e termos uma vida saudável. (Tavira, professora de educação visual, 45 anos)

É de sublinhar que para quase todos os entrevistados (sobretudo em Tavira) é natural e óbvio que o lixo deva ser motivo de preocupação, e que, ao colocá-lo como um problema público, este é subtraído da esfera privada e imediatamente pessoal. As respostas são ancoradas em apreciações sobre a situação do lixo nos espaços públicos que variam entre o positivo e o negativo:

Já (preocupou-se com a questão do lixo), a nível da cidade e a nível de lixeiras também; na própria cidade em relação a contentores, à educação das pessoas a colocarem os sacos do lixo, à educação de deixarem o lixo na rua - são coisas que eu reparo no dia-a-dia e vejo que há muita coisa errada. (Tavira, proprietária de pensão, 50 anos)

O que me preocupa mais é o cheiro, o aspecto das ruas e até ali ao pé dos contentores está uma valeta em que elas (as vizinhas) despejam para ali a água do peixe que é um cheiro que nem se pode estar muitas vezes em casa. Não é higiene, é uma porcaria, até para as crianças. (Tavira, doméstica, 60 anos)

Os esgotos vão para o rio. Acho que a cidade é limpa, mas neste lugar as pessoas não pensam nisso. Há muitas pessoas relaxadas, mas também há muitas pessoas que se preocupam. Acho que uma vez que temos apenas um contentor, que não dá , não chega temos que pedir outro e muitas pessoas não fazem isso, se o contentor está cheio metem ao lado. (Tavira, gasoleiro, Γ, 33 anos)

Aqui em Tavira nem acontece ver lixo nas ruas. Noutras cidades talvez. Nestas alturas do S. João talvez haja um pouco mais de lixo espalhado na rua. Infecções e essas coisas. (Tavira, reformada, 72 anos)

Diz que Tavira é uma cidade limpa, pelo menos temos o prémio. Mas a não ser aqui Tavira não sei das outras terras. (Tavira, polícia, Γ, 45 anos)

No aspecto desta cidade não tenho a dizer grande coisa, está sempre limpa, há muito pessoal na recolha do lixo. Não há muita coisa a lamentar. Não se dá por isso (lixo espalhado, cheiros). Talvez noutras regiões. (Tavira, gerente de estabelecimento, Γ, 24 anos)

Sim, eu acho que a gente tem que ter cuidados por causa dos cheiros e nos perturbar nas ruas. Pode causar doenças e por isso mesmo eu tenho um certo receio. Gosto de ver as ruas limpas e infelizmente é o que vejo menos. Aqui há zonas que são limpinhas, por ex. a minha zona nem está má, temos contentores já apropriados para o lixo, sem serem aqueles baldes. E se cada pessoa se preocupar em pôr o lixo nos contentores próprios e os lixeiros virem recolher nos dias certos nunca há cheiros, quando eles atrasam claro os contentores deitam por fora e existem cheiros. Mas isso é se houver atrasos de quem recolhe. (as zonas piores) Eu não sei bem, mas sei lá as zonas da Ribeira e não sei mas talvez onde há pessoas de menores possibilidades. Eu acho que aqui na minha zona as pessoas gostam de manter as coisas mais ou menos arrumadas.(eu vivo na parte principal de Gaia o centro) (Gaia, empregada de cozinha, Γ, 39 anos)

Na minha zona, as pessoas gostam de manter as coisas mais ou menos arrumadas. (Gaia, lojista, 47 anos)

As poucas atitudes de despreocupação enunciadas estão ainda dirigidas ao efeito de “colectivização” do problema do lixo:

O assunto do lixo em geral não tenho muito que me preocupar porque não me diz respeito (Gaia, mecânico de automóveis, Γ, 65 anos)

Eu já. Mas eu não posso fazer nada, quer dizer posso mas dentro da minha casa, agora a nível de, sei lá, de cidade não, o que é que eu posso fazer? (Gaia-Madalena, enfermeira, 42 anos)

A delimitação do lixo como um problema do espaço público permite porventura um contraste forte entre a acção privada, ilibada de responsabilidades, e a acção pública, reputada insuficiente e mal gerida. Tudo isto cimenta uma desconfiança na capacidade de actuação dos poderes públicos, que, curiosamente, como se verá mais à

frente, só é diminuída nalguns casos pela percepção de que a situação da recolha do lixo tem vindo a melhorar, em parte, por via dessa mesma actuação.

4.1.2. Afectação social dos resíduos sólido urbanos – “o que salta à vista”

Visando a identificação por parte do inquirido de diferentes vulnerabilidades ao impacto do contacto com o lixo, perguntámos **quem é que, na sua avaliação seria porventura mais afectado pelo problema do lixo.**

Somos todos, todos que vivemos no planeta Terra sai afectado. (Gaia, vendedor de automóveis, Γ, 24 anos)

Somos todos nós, ao fim ao cabo somos todos nós porque aquilo não faz bem à saúde, aqui por acaso não se nota muito o lixo porque os lixeiros varrem todos os dias a rua e todos os dias à noite levam-no, ao fim-de-semana é que acumula um bocado mais de lixo. (Gaia, empregada de limpeza, 46 anos)

A população em geral, mas sobretudo as crianças. (Gaia, auxiliar de educação, 39 anos)

Somos todos. Só que há os que se preocupam e os que só pensam neles.
(Gaia, estudante, Γ, 20 anos)

Toda a população. (Tavira, Tradutor, Γ, 49 anos)

Todos nós que vivemos aqui somos afectados (Tavira, doméstica, 60 anos)

É um problema que afecta toda a gente. (Tavira, doméstica, Γ, 59 anos)

Talvez as pessoas (Tavira, polícia, Γ, 45 anos)

Todas as pessoas são afectadas mas depende se, por exemplo, se há pessoas com doenças vai afectar muito mais essas pessoas de certeza absoluta e nas outras pode vir a originar doenças. (Tavira, estudante, 22 anos)

Penso que é uma coisa relativamente uniforme[...]
(Tavira, professora de educação visual, 45 anos)

Apenas dois grupos aparecem diferenciados como mais vulneráveis: o das crianças, porque serão os adultos do amanhã mais poluído, e pela sua inconsciência, curiosidade natural e/ou impreparação, são mais atreitas a "mexer no lixo" e portanto mais facilmente contagiáveis:

Vai ser no futuro, vão ser as crianças. Porque os velhotes foram os que mais fizeram asneiras e esses já não ficam afectados. (Tavira, empregada de café, 22 anos)

É as crianças, é tudo. O lixo é uma coisa que não dá problema nenhum, claro (tom irónico). (Tavira – Cachopo, trabalhadora do Centro Paroquial, 46 anos)

Eu acho que é a população em geral, as crianças talvez porque não tenham o cuidado necessário. Os adultos sempre terão um bocadinho mais de cuidados. (Gaia, lojista, 47 anos)

A população em geral, mas sobretudo as crianças. (Gaia, auxiliar de educação, 39 anos)

As crianças que vão brincar para o meio do lixo, estão nos ambientes poluídos e depois querem brincar e não têm consciência do perigo. (Gaia, gestora de loja, 33 anos)

Em segundo lugar, e sobretudo em Gaia, aparecem-nos referências à vulnerabilidade dos “pobres”, dos “idosos” ou dos “que andam ao lixo, evocando uma ondição social marginal, miserável e de alteridade relativamente ?a identidade do inquirido.

Os inquiridos com maior informação e habilidade discursiva para discriminar situações específicas de vulnerabilidade apresentaram alguns casos particulares:

Se o lixo da ria não é limpo, o peixe vem contaminado. Se pensarmos por ex. nos frigoríficos eles expelem gases para a atmosfera, que no fundo é lixo, mas as pessoas não estão sensibilizadas. (Gaia- Crestuma, reformado, Γ, 65 anos)

Águas, os rios. (Tavira, gerente de estabelecimento, Γ, 24 anos)

[...] Porque a eles interessa, isto é a vida deles e é um ponto de vista materialista. E portanto interessa-lhes defender o seu modo de vida. A Ria está poluída: deixa de haver amêijoa, deixa de haver conquilha, etc... Eles são um bocado as vezes, os arautos e uma certa luta ecológica. (Tavira, director de escola, Γ, 35 anos)

Acho que são as pessoas que não têm quem lhes vá buscar o lixo a casa. Eu por exemplo tenho que transportar o meu lixo. Ainda bastante longe. Eu tenho a sorte de Ter uma carrinha grande que dá para levar um caixote de lixo grande. Se não tinha que passar a vida a levar o lixo e ainda são uns bons 2 Km. 25 – (Tavira – Luz, doméstica, 52 anos)

Um entrevistado particularmente bem informado identifica os vizinhos das lixeiras:

Todos nós, mas principalmente quem mora ao pé dessas situações de lixeiras, mas todos nós sofremos um bocado essa situação do lixo. (Gaia - Avintes, empregada de bar do Parque Biológico, 21 anos)

Em Gaia, aliás, surgiu-nos uma referência clara ao fenómeno NIMBY-"not in my backyard", associada a um problema local e candente – a instalação de um novo aterro sanitário para servir os concelhos de Gaia e de Vila da Feira:

[...]Mas, se como acontece aqui em Canedo, se todas as pessoas vão dizer que não querem aqui, outros não querem ali, nunca se chega a fazer nada e por isso continua a andar a poluição no ar. Acontece aqui em Canedo, chamam-lhe a lixeira de Canedo e eles já não têm onde deitar o lixo, já está a chegar ao rio Douro, começa-se a poluir o rio. é onde se está aproveitar as águas aqui para o saneamento das águas da zona do Porto e de Gaia.[...] (Gaia – Crestuma, empregada da Câmara Municipal, 50 anos)

4.1.3 Competências públicas e privadas

Com vista a evidenciar a atribuição de responsabilidades na solução do problema dos resíduos sólidos urbanos, perguntámos **“A quem é que compete resolver os problemas do lixo?”**.

Embora os diferentes agentes políticos apareçam responsabilizados pela resolução imediata do problema, as respostas atribuem também responsabilidade final aos residentes e produtores do lixo. Surge assim, o conceito de "responsabilidade partilhada", e de certo modo, a primeira indicação de um sentimento de cidadania participativa:

Eu penso que as Câmaras deviam ter uma posição dialogante e procurar parceiros junto da sociedade civil no sentido de resolver os problemas, porque não é a Câmara Municipal que pode ser responsável global de todos os problemas do lixo. (Tavira, Tradutor, Γ, 49 anos)

A responsabilidade tanto é da Câmara Municipal de Tavira como é do povo em participar na recolha do lixo. (Tavira, doméstica, 60 anos)

Eu não tenho a mania de dizer que deve ser o Estado. Acho que devemos ser todos. Tenho uma obrigação como pessoa, como cidadão, a Câmara Municipal deve ter como entidade que é e até os empresários devem ter uma obrigação diferente da minha. (Gaia, empregada de limpeza, 45 anos)

Os próprios habitantes das freguesias, ir às reuniões da Junta e ver estes assuntos. Eu não tenho ido, já tenho pensado ir, mas nunca fui (Gaia, lojista, 47 anos)

Este resultado ameniza o forte pendor para a desresponsabilização das populações na criação do problema e indicia um conhecimento ainda que primário do conhecimento da possibilidade de participação cívica. No entanto, e na maioria dos casos, a dispersão das responsabilidades evidenciada em termos como: *Acho que temos de ser todos* (Gaia - Avintes, empregada de bar do Parque Biológico, 21 anos), indica mais uma vez uma responsabilidade dos outros e confina-se apenas e somente ao problema da recolha do lixo.

A resolução dos problemas de deposição e tratamento do lixo, essa, continua confiada primeiramente às autoridades. É necessário salientar que a polémica da instalação do aterro sanitário de Sermonde, que deu origem a um movimento de contestação por parte dos residentes daquela freguesia, é só vagamente referida por alguns dos residentes das freguesias rurais e praticamente desconhecida da população urbana inquirida. Assim, a única população envolvida num processo público de contestação da decisão e com voz activa na decisão de localização do aterro (embora não eficaz) não conseguiu claramente sensibilizar a população de Gaia para a possibilidade de participação cívica. Note-se ainda que, embora a equipa de inquiridores se tenha deslocado a Sermonde com o propósito de aí inquirir alguns membros da população local, não foi possível sequer estabelecer o diálogo com nenhum membro da freguesia, tal o grau de desconfiança e desalento com a resolução final da situação.

Em termos gerais, no entanto, a resolução do problema do lixo é confiada maioritariamente às autarquias locais e, dentro destas, predominantemente à Câmara Municipal. É de salientar que, em Gaia como em Tavira, o Governo só é mencionado cinco vezes, e dessas, apenas uma vez por si só:

A Câmara, e quem manda mais que a Câmara porque é de lá que vem o dinheiro para a Câmara: o Governo. (Tavira, polícia, Γ, 45 anos)

Os que estão no presente. As pessoas em geral, todas: o civismo. O Governo tem meios para obrigar as pessoas a cumprir. (Tavira, empregada de café, 22 anos)

O Governo, mas tem que ser alertado pelas pessoas, elas é que se têm de manifestar porque são elas que convivem com o lixo e com os seus problemas. (Tavira, professora de educação visual, 45 anos)

Acho que é o governo. Deviam estudar mais processos de limpeza. Os que existem ainda não conseguiram, ou não quiseram, ou ainda não tiveram possibilidades. Depois os Presidentes vão para a Câmara e é conforme os presidentes, há aqueles que são interessados e os que deixa andar. (Gaia, empregada de cozinha, Γ, 39 anos)

Eu acho que é o governo e as Câmaras. E olhe que se for aqui a Câmara de Gaia não resolve nada. (Gaia, empregada de quarto, 39 anos)

Ao Governo, julgo eu. (Gaia – Coimbrões, peixeira, 36 anos)

O Governo tem assim uma posição coadjuvante do poder local, não se sobrepondo a este na resolução de um problema que é claramente evidenciado como local.

Em Vila Nova de Gaia, a Junta de Freguesia é também referenciada e o seu papel é identificado como essencial para assegurar a recolha do lixo de um modo mais eficiente, por via do conhecimento mais aprofundado da situação local:

Deve ser o estado, não é? e as autarquias. e especialmente as juntas de freguesia. pouco se fala nas juntas de freguesia. as juntas em geral põem tudo para cima para as câmaras e as câmaras não conseguem adivinhar onde há lixo. Acho que as juntas de freguesia e os munícipes da juntas é que deviam ser sensibilizados para evitar o lixo. (Gaia, Técnico de Vendas, Γ, 40 anos)

Finalmente, em Tavira, verifica-se a única referência às associações ambientalistas, curiosamente para formular uma censura implícita da actuação do Estado:

Ao próprio Estado, não podem ser só as próprias associações ambientalistas.
(Tavira, estudante, 21 anos)

4.1.4. A evolução da percepção e a percepção da evolução

Procurámos sondar a percepção dos inquiridos sobre as mudanças e transformações na situação do lixo nas áreas de residência, e estimulámos uma avaliação comparativa entre o passado e o presente.

Há que notar que o "passado" mencionado na questão não corresponde um horizonte temporal claramente delineado, uma vez que a pergunta pretendia alcançar a percepção subjectiva da mudança. Por vezes, o inquirido tem um horizonte temporal delimitado pela sua experiência de Gaia ou Tavira:

Agora está muito mais limpo. Eu também mudei de cidade, morava no Porto e acho o sítio onde agora moro em Gaia muito mais limpo. (Tavira, estudante, 21 anos)

Sim, antes, quando eu vim para aqui morar, que eu não era daqui, não havia aqui onde despejar, o lixo andava todo aí à roda. As pessoas despejavam onde calhava. Onde calhava e às vezes não tinham onde despejar iam despejar muito longe. As pessoas aí desses lugares e nós juntávamos e despejávamos para lá. [...] Achava que isso (deitar o lixo no monte) era uma situação muito ruim, que não havia de ser assim, mas não havia outra solução. Dantes isto não era alcatroado. Aí era muito pior com as estradas de terra.

- Melhorou então?

Sim, mesmo isto aqui não é uma terra que não há mesmo assim muitas doenças.
(Tavira – Cachopo, reformada, 60 anos)

A maioria dos entrevistados, porém, não acusa sequer essa preocupação de delimitação. Há um entrevistado que não responde por ser demasiado jovem para ter memória de outra situação que não esta:

Não. Nunca tive com essa atenção, também só tenho 24 anos. (Gaia, vendedor de automóveis, 24 anos)

Feita esta ressalva, é claramente manifesta no conjunto de perguntas a impressão de que algo melhorou na situação do lixo, embora por vezes essa afirmação geral seja depois mitigada pela asserção de que o "lixo terá crescido mas a recolha também". Assim, a imagem geral que se discerne das entrevistas é a de uma corrida contra o aumento do lixo:

Há menos lixo. Quer dizer, há mais lixo mas também há mais limpeza, dantes não havia o que há agora, como contentores para o lixo (Gaia – Avintes, vigilante do parque, Γ, 35 anos)

Alguns entrevistados salientam os factores que proporcionam esse melhoramento, como a colocação de contentores e a participação da população, mais educada e atenta:

Eu acho que estão um bocadinho mais limpas (as ruas), que as pessoas se preocupam mais. Até as próprias crianças já são habituadas a pôr os lixinhos naqueles cestos que há pelas ruas porque a gente, como mãe, vai-os ensinado (Gaia, empregada de limpeza, 45 anos)

Estas qualificações aplicadas à enunciação de um melhoramento real da situação do lixo no concelho são raramente formuladas por quem tem uma visão mais negativa da evolução recente. O laconismo destas respostas demonstra uma convicção talvez mais profunda de que o problema realmente se agravou, apesar dos esforços das autoridades:

Claro que agora há mais lixo, eles varrem, varrem todos os dias mas há muito lixo. (Gaia, mecânico de automóveis, Γ, 65 anos)

Este pessimismo é extensivo à actuação da população:

Há aí campos cheios de lixo, as pessoas fazem muito lixo, o movimento há muito (Gaia, mecânico de automóveis, Γ, 65 anos)

Dentro do universo inquirido existe uma tendência (dentro de uma amostra que, saliente-se, não deve ser considerada significativa) maior pessimismo por parte da população mais jovem, o que nos parece associar-se a dois factores: por um lado, o

impacto da entrada em funcionamento de infraestruturas mais pesadas de recolha com a urbanização do concelho de Gaia (contentores, vidrões, papelões, camiões, etc...) na memória dos que conheceram uma Gaia rural e sem infraestruturas, e, por outro lado, a assunção, por parte dos jovens, de que tudo o que se associa à poluição está a aumentar.

4.1.5. As fontes de informação sobre o lixo

Com vista a obter a fonte e, indirectamente, o nível de atenção dada ao problema dos resíduos sólidos urbanos pelos meios de comunicação social, foi perguntado aos **inquiridos** **“Onde tem ouvido ou lido a respeito do lixo e o que acha das notícias?”**.

A televisão congrega a esmagadora maioria de respostas, testemunhando o poder deste meio de comunicação social no espectro da informação (quinze vezes citada). Seguem-se os jornais (duas vezes) e a informação camarária (citada também duas vezes). É de salientar a quase exclusão dos jornais, sendo que a imprensa regional não é sequer mencionada em Gaia. Também a comunicação oral, em princípio mais acessível a quem não tem ou não quer ter acesso a meios de comunicação social, não é mencionada, senão num caso - o da construção do novo aterro:

[...]Aqui fala-se muito do que querem construir em Canedo (Gaia – Crestuma, empregada da Câmara Municipal, 46 anos)

Eu preocupo-me bastante. Leio o jornal todos os dias e vejo as notícias. Por exemplo, o aterro sanitário ali em Crestuma que querem fazer e a população não aceita (Gaia – Crestuma, empregada da Câmara Municipal, 46 anos)

Aliás, esta resposta evidencia a própria confusão da informação: a lixeira existente encontra-se no local de Canedo, concelho de Vila da Feira, relativamente perto da povoação de Crestuma, localidade do concelho de Vila Nova de Gaia, sendo que a localização escolhida da nova instalação de tratamento final - aterro sanitário - tal como já foi referido, é a povoação de Sermonde (a dez quilómetros de distância).

Os resíduos sólidos urbanos não são, pelo menos aparentemente, um problema relevante na conversa diária gaiense.

É preciso portanto considerar também a qualidade de informação que chega aos inquiridos e o modo como ela é percebida. A formulação da questão permite captar dois tipos de mensagem, claramente diferentes, e assim considerados por alguns inquiridos. Por um lado, a notícia jornalística, que poucos referem com exactidão:

Já ouvi qualquer coisa num jornal mas não posso responder. De momento não me lembro o que se passou. (Gaia, empregada do bar do ISLA, 48 anos)

Ouçõ mais na TV. Mas de momento não estou a ver. Em Gaia, falou-se muito de um problema sobre as lixeiras e as construções de aterros, houve aí uma complicação qualquer, mas não estou certo em que base é que se formulava (Gaia – Santo Ovídio, porteiro da escola, Γ, 47 anos)

A outro nível situa-se a mensagem de conteúdo didáctico ou pedagógico, como são as campanhas de educação cívica ou a informação camarária:

Eu vejo pouca TV. Mas vê-se reclames, mas não tenho nada assim presente (Gaia-Madalena, enfermeira, 42 anos)

Oiço falar mais de tipo de ensinamentos, como a gente deve fazer, onde colocar, etc. Recebo correspondência de como havemos de fazer com o lixo e também oiço na TV por causa das lixeiras e sítios onde querem fazer e as pessoas nunca querem fazer nas terras deles . (Gaia – Avintes, empregada do bar do Parque Biológico, 50 anos)

Na TV dão muitos conselhos. Falam muito naquela estações, não sei dizer, daquilo de tratamentos, quando antigamente não se ouvia falar disso (Gaia, empregada de limpeza, 45 anos)

A opinião sobre o nível de informação é também díspar. Se por um lado, há quem afirme categoricamente que a informação é muita:

Estão sempre a falar todos os dias. Não sei porque é que embirram com aquilo que vem substituir a lixeira, toda a gente faz logo uma esquisitice.[...] (Gaia – Aguda, reformada, 69 anos)

Sim, então não tenho ouvido, quantas vezes! Até havia aquele reclame do lixo, mas o nosso povo, só vêem novelas, se for as coisas do ambiente, de limpeza, da saúde, o povo não liga nenhuma

Na TV dão muitos conselhos. Falam muito naquela estações, não sei dizer, daquilo de tratamentos, quando antigamente não se ouvia falar disso (Gaia, empregada de limpeza, 45 anos)

por outro, há quem saliente a fraca quantidade de informação:

Na TV, notícias, não se ouve praticamente nada. Ouve-se campanhas, na televisão (Gaia, vendedor de automóveis, 24 anos)

Não. Temos pouca informação. Não julgo que seja grande tema na TV, nem na rádio, ouve-se falar muito pouco. (Gaia – Coimbrões, peixeira, 36 anos)

Em resumo, a grande concordante de todas as respostas é o peso mediático da televisão. Por oposição, todos os outros meios de comunicação são raramente mencionados e parecem não contribuir de maneira decisiva para a representação da situação social do lixo.

É forçoso contrastar aqui o impacto mediático a nível nacional da situação de Sermonde, onde a oposição local à intenção camarária de construção de aterro sanitário junto da localidade levou a um movimento de protesto, ao qual foi dada cobertura nacional pela televisão (entrevistas em directo do quartel de bombeiros para o programa de Margarida Marante em 1996, em prime-time televisivo), com a fraca apreensão por parte da população dos arredores de Sermonde relativamente ao problema em questão. Quando a situação é referida, é-o muitas vezes com inexactidões, sendo que a população das áreas urbanas de Gaia parece ter menos percepção do que a população das zonas rurais. Duas hipóteses podem explicar esta observação: o processo político e técnico de decisão de localização da nova infraestrutura excluiu as zonas urbanas das áreas potenciais e inclui cinco localizações, todas em áreas rurais e afastadas dos núcleos populacionais mais alargadas; mas também pode ser considerada como uma evidência do afastamento geográfico e sensorial por parte de uma população que está já habituada aos processos

públicos de recolha e que afastou da sua mente colectiva a preocupação com o destino final dos resíduos.

4.2 Informação e avaliação do serviço de recolha de lixo doméstico

O segundo grupo de questões pretende averiguar a percepção das populações sobre o serviço de recolha do lixo praticado na sua comunidade.

Nas entrevistas, explorámos o universo das percepções associadas à qualidade e limitações do serviço de recolha de lixo que usufruem, as expectativas relativamente à melhoria dos mesmos, e a sua representação sobre a atribuição de responsabilidades pela qualidade do serviço. Outro aspecto que foi tomado em conta foi o nível de mobilização cívica dos indivíduos e as estratégias individuais exploradas no âmbito de reivindicações ao serviço.

4.2.1. Para onde vai o lixo

A primeira pergunta pretendia avaliar o conhecimento dos entrevistado sobre o processo de recolha, deposição e tratamento dos RSU. Perguntámos aos indivíduos **se sabem para onde vai o seu lixo**.

No total das entrevistas, apenas dez indivíduos (três de Tavira e sete de Gaia) demonstraram saber qual o destino do seu lixo, enquanto que a maioria - 36 indivíduos - não tem a menor ideia do seu destino final; destes, 14 são de Tavira e 22 de V. N. de Gaia.

A análise qualitativa revela-nos que não existem diferenças significativas entre as duas zonas em estudo relativamente ao nível de (des)conhecimento acerca do destino do seu lixo: a maioria ignora-o e não se interroga sobre isso.

Quando muito eu tenho consciência de que existe um vidrão e eu ponho os meus vidros, mas de facto não sei qual é o destino de todo esse lixo e de toda essa triagem. (Tavira, Tradutor, Γ, 49 anos)

Para uma lixeira horrorosa, agora se já tem aproveitamento neste momento desconheço. (Tavira, proprietária de pensão, E, 50 anos)

Acho que é para uma lixeira, mas eles agora pelo folheto que eu li o lixo já ia para um local com tratamento do lixo. Na escola, há 5 anos atrás fizemos um trabalho sobre ecologia, e as minhas colegas foram a um local que mais parecia uma lixeira. (Tavira, empregada de café, E, 22 anos)

O meu lixo, não sei muito bem, mas parece que é lá para Ermesinde. Ou ia não é. Parece que vai para lá para uma coisa de tratamento qualquer. (Gaia, porteiro, Γ, 54 anos) (...) não sei qual é o destino de todo esse lixo e de toda essa triagem. (Tavira, Tradutor, Γ, 49 anos)

Não sei. Oiço passar a recolha por volta das 2:00/2:30, mas não sei para onde vai. (Tavira, doméstica, E, 60 anos)

[Sabia da existência de uma lixeira perto de Tavira, mas não tinha conhecimento da sua localização precisa.] (Tavira, doméstica, Γ, 59 anos)

Eu acho que eles fazem a distribuição do lixo do contentor para a estrumeira, agora já não sei para onde. (Tavira, vendedora de imobiliária, E, 49 anos))

Sei que vai para o camião mas depois não sei para onde vai. (Tavira, taxista, Γ, 70 anos)

Não isso não sei. (Tavira, polícia, Γ, 45 anos)

Não, não sei. (Tavira, estudante, E, 22 anos)

Para a lixeira municipal mas não sei bem onde fica. (Tavira, professora de educação visual, E, 45 anos)

Aqui não. Eu acho que passa aí uma carrinha que vem de lá, de Tavira a buscar, mas não sei para onde é que vai (Tavira – Cachopo, reformada, E, 60 anos)

Não, não sei. (Tavira – Luz, doméstica, E, 52 anos)

Não sei. (Gaia, empregada de cozinha, Γ, 39 anos)

Não. Eu tenho uma ideia onde é, mas agora o nome não me lembro. (Gaia, empregada de quarto, E, 39 anos)

Não sei. (Gaia, lojista, E, 39 anos)

Não. (Gaia, vendedor de automóveis, Γ, 24 anos)

Não sei não. (Gaia, empregada de limpeza, E, 46 anos)

Não sei. Julgo que vai para um desses sítios onde largam o lixo, não sei bem onde se situa. (Gaia, auxiliar de educação, E, 39 anos)

Não sei. (Gaia-Madalena, enfermeira, E, 42 anos)

Sinceramente não sei. (Gaia, gestora de loja, E, 33 anos)

Não sei. (Gaia – Avintes, vigilante do parque, Γ, 35 anos)

Não sei. (Gaia – Aguda, reformada, E, 69 anos)

Não tenho a mínima ideia. (Gaia – Coimbrões, peixeira, E, 36 anos)

Não estou dentro do assunto. (Gaia – Avintes, empregada do bar do Parque Biológico, E, 50 anos)

Os sentimentos negativos em relação às lixeiras como forma de tratamento dos resíduos aparecem nas expressões escolhidas para as referir:

[...]lixeira horrorosa[...]. (Tavira, proprietária de pensão, E, 50 anos)

Passo de vez em quando pela estrumeira e aquilo está impróprio num descampado. Está aí a 3 Km e mora gente lá ao pé. concordo com isso dos aterros sanitários, mas fora da cidade. (Tavira, comerciante, Γ, 59 anos)

[...]uma coisa de tratamento qualquer.[...]não sei se eles vão arranjar outra coisa melhor. (Gaia, porteiro, Γ, 54 anos)

Há várias lixeiras aqui em Gaia. Por ex. no Monte da Virgem, quando fui para lá era verde, as pessoas agora têm a mania de deixar lá o camião e mandam frigoríficos, cadeiras, fogões, é tudo, depois pegam fogo e pronto. Aquilo era espectacular, as pessoas iam fazer pic-nics, agora está tudo podre. (Gaia, estudante, Γ, 20 anos)

Apesar da expressão de repúdio pelo carácter das lixeiras, por parte de alguns, não encontramos entre os nossos entrevistados níveis de informação significativos sobre diferentes alternativas de tratamento dos resíduos. A maioria não sabe o que acontece ao lixo depositado.

O meu lixo, não sei muito bem, mas parece que é lá para Ermesinde. Ou ia, não é? Parece que vai para lá para uma coisa de tratamento qualquer. Agora não sei se eles vão arranjar outra coisa melhor. Eu acho que haviam de arranjar. (Gaia, porteiro, Γ, 54 anos)

A ideia genérica de “tratamento”, e a possibilidade de reciclagem, é conhecida por alguns, que contudo se mostram cépticos relativamente à possibilidade de o seu lixo estar a ser reciclado.

Acho que é para uma lixeira, mas eles agora pelo folheto que eu li o lixo já ia para um local com tratamento do lixo. Agora não sei sinceramente se vai ou não. Na escola, há 5 anos atrás fizemos um trabalho sobre ecologia, e as minhas colegas foram a um local que mais parecia uma lixeira. (Tavira, empregada de café, E, 22 anos)

Não sei muito bem, mas acho que é em Caminha, não, não sei o nome mas já lá fui visitar. Penso que sei o destino dele. Porque muitas vezes penso que têm um destino, eu principalmente aqui por exemplo tento separar os lixos para irem para a reciclagem mas não sei se realmente vão para a reciclagem ou não. Acho que o aterro ainda não está em funcionamento, e por enquanto vai tudo para a lixeira. (Gaia - Avintes, empregada de bar do Parque Biológico, E, 21 anos)

4.2.2. Descrição do serviço de recolha do lixo

Pedimos seguidamente aos entrevistados que nos descrevessem o serviço de recolha do lixo que usufruem e ainda, que manifestassem as suas ideias, opiniões e experiências enquanto utilizadores, procurando averiguar os aspectos ou critérios tidos como importantes para avaliar um serviço como este. Para a maioria dos indivíduos, é positiva a avaliação da qualidade do serviço que lhes é prestado, não sem que tenham apontadas críticas às diversas e frequentes limitações ao serviço.

Para entendermos a percepção que estes indivíduos têm da qualidade do serviço solicitámos que nos relatassem pormenorizadamente e com comentários específicos, factos relativos ao serviço, com os seguintes critérios:

- Regularidade e frequência da recolha
- Dimensionamento do número de caixotes, limpeza e manutenção dos contentores
- Ruído da recolha
- Efeitos visuais, cheiros e existência de catadores e animais junto ao lixo
- Comportamento da população, vizinhança

Relativamente à *regularidade da recolha do lixo* verifica-se uma diferença significativa entre V. N. de Gaia e Tavira, o que coincide com a diferença que de facto existe entre os serviços destas duas localidades.

Em Tavira, o processamento da recolha do lixo ocorre todas as noites com excepção do Domingo (apenas na aldeia serrana do Cachopo, devido à diminuta quantidade de lixo produzida, a recolha é semanal). Daí encontrarmos opiniões bastante favoráveis à situação actual de Tavira no que respeita à frequência/regularidade da recolha (complementar).

Nas cidades de Tavira passa um camião todas as noites, excepto um dos dias da semana, Sábado ou Domingo. Os horários são durante a noite. Penso que é o horário mais conveniente (Tavira, Tradutor, Γ, 49 anos)

A recolha é diária, os horários são nocturnos. Penso que são os indicados (...) Penso que funciona normal. (Tavira, proprietária de pensão, E, 50 anos)

[Mostrou-se bastante satisfeita com o sistema de recolha do lixo, vêm todos os dias à noite] (Tavira, doméstica, Γ, 59 anos)

[...] a frequência de recolha nocturna melhorou[...] (Tavira, vendedora de imobiliária, E, 49 anos)

(O sistema de recolha funciona) todos os dias menos o Sábado e Domingo. Aqui vêm de madrugada 6 da manhã; De vez em quando lavam os contentores todos os dias também não podia ser. (Tavira, polícia, Γ, 45 anos)

Não tenho razão de queixa. Acho que funciona bem; Recolhem de madrugada; Mas a nível da recolha não está mal; (Tavira, empregada de café, E, 22 anos)

Aí há cerca de 5 anos começou a recolha diária, praticamente todos os dias à noite recolhem, só ao fim-de-semana é que recolhem ou Sábado ou Domingo à noite; (Tavira, estudante, E, 22 anos)

Acho que funciona bem. (Tavira, professora de educação visual, E, 45 anos)

É nocturno. A carrinha do lixo passa por volta das dez horas, e isso funciona bem. (Tavira, director de escola, Γ, 35 anos)

Vem o carro do lixo da parte da manhã, e leva o lixo. (Tavira – Cachopo, reformada, E, 60 anos)

Vêm a recolher duas ou três vezes por semana. (Tavira – Cachopo, trabalhadora do Centro Paroquial, E, 46 anos)

Quer dizer, não é perfeito mas não é muito mal aqui em Tavira. (Tavira – Luz, doméstica, E, 52 anos)

Já em V. N. de Gaia da informação recolhida ressalta uma multifacetada insatisfação que se reporta à inexistência de uniformidade no sistema de recolha (uma vez que duas entidades diferentes tratam deste serviço, a Câmara e uma empresa privada) e ainda o facto de a grande maioria dos indivíduos auferir este serviço apenas em dias alternados (segundas, quartas e sextas).

A falta de recolha diária é apontada como uma forte limitação, que faz contrastar a apreciação com o que recolhemos em Tavira:

Não é eficaz. Não fazem recolha diária A questão é que não recolhem diariamente e a porção de lixo às vezes é maior e depois fica aquilo ali amontoado. (Gaia - Avintes, empregada de bar do Parque Biológico, E, 21 anos)

3 vezes por semana da parte da manhã 2^a, 4^a e 6 feiras.

Não acho mal de manhã, embora gostasse mais de noite. (Gaia, lojista, E, 47 anos)

Funciona muito mal. Funciona dia sim dia não e mesmo assim as pessoas não têm o mínimo cuidado. Deitam e espalham o lixo no chão. É horrível, é um serviço péssimo. (Gaia, vendedor de automóveis, Γ, 24 anos)

Há determinados dias da semana, não sei quais são, porque nem sempre vêm buscar. Não tem sido brilhante (Gaia, professora de Português - Francês, E, 25 anos)

Penso que está mais ou menos eficiente, mas tem um problema, fazem só 3 vezes por semana e há casos em que acumula o lixo (Gaia – Santo Ovídio, porteiro da escola, Γ, 47 anos)

Não é eficaz. Não fazem recolha diária e não têm cuidado em lavar os contentores. Só se vê lixo espalhado naquelas alturas de greves ou feriados. A questão é que não recolhem diariamente e a porção de lixo às vezes é maior e depois fica aquilo ali amontoado. (Gaia - Avintes, empregada de bar do Parque Biológico, E, 21 anos)

Se não houver anomalias é suficiente, mas se mete umas festas e coisas assim, já se complica; (Gaia – Santo Ovídio, porteiro da escola, Γ, 47 anos)

No que respeita ao *dimensionamento do número de contentores, a sua limpeza e manutenção*, as diferenças entre V. N. de Gaia e Tavira mantêm-se.

Em Tavira as principais razões de satisfação apresentadas baseiam-se nas mudanças ocorridas no serviço do lixo, principalmente as que se referem, por um lado, à substituição dos velhos, e pesados contentores metálicos por modelos menores e mais modernos, e, por outro, ao maior número de contentores disponíveis nas ruas.

A situação da recolha do lixo em Tavira é vista como tendo melhorado nos últimos anos, como podemos ver nos depoimentos dos indivíduos. Esta percepção aparece bem evidenciada quando os indivíduos mencionam o facto de Tavira ter ganho recentemente o prémio de “Cidade Limpa”.

Os outros contentores estavam muito sujos. Estes contentores novos estão limpos e se lavarem de vez em quando sempre é outra higiene (Tavira, doméstica, E, 60 anos)

a frequência de recolha nocturna melhorou, os contentores novos estão mais limpos e o tamanho está bem. (Tavira, vendedora de imobiliária, E, 49 anos)

Os contentores foram mudados há pouco tempo; Os novos são um bocado melhores: estão tapados. (Tavira, gasoleiro, Γ, 33 anos)

Acho que lavam (os contentores); e o tamanho podia ser maior; (Tavira, taxista, Γ, 70 anos)

Agora até têm uma máquina que aspira e lava as ruas. É bom. A recolha é durante a noite; (Tavira, reformada, E, 72 anos)

De vez em quando lavam os contentores todos os dias também não podia ser; Aqui nesta zona a quantidade de contentores dá agora a zona lá mais em baixo quando vem o turismo têm que ser os contentores maiores; Mudaram os contentores prefiro os novos os antigos eram mais pesados e parece que cheiravam mais quando vinha o fim-de-semana, o tamanho manteve-se; (Tavira, polícia, Γ, 45 anos)

Lavam os contentores, nesse aspecto está tudo bem; (Tavira, gerente de estabelecimento, Γ, 24 anos)

No entanto, são também apontadas falhas ou problemas na recolha do lixo, mas muitas delas reportam-se a zonas onde ainda a mudança dos contentores não foi implementada, e onde persistem aspectos negligenciados como a falta de lavagem e

manutenção dos contentores, factor de influência na construção e fundamentação da avaliação do serviço de lixo.

Acho que há muito pouco cuidado por parte das autarquias em relação à limpeza dos contentores e no Verão há ruas que se tornam totalmente nauseabundas e isso já foi dito várias vezes à C.M., já foram feitas declarações nas Assembleias Municipais, mas não sei se houve resposta nesse sentido; (Tavira, Tradutor, Γ, 49 anos)

Deviam ser mais lavados do que são (Tavira, proprietária de pensão, E, 50 anos)

Não limpam os contentores, às vezes têm um bocadinho de cheiro. (Tavira, estudante, E, 22 anos)

Penso que há pouca limpeza, pouca higiene nos contentores e à volta deles. Aliás, uma das terras aqui no Algarve onde eu achei mais piada é que eles têm uns quadrados na rua onde estão os contentores e que a pessoa passa na rua e não se vê. (Tavira, director de escola, Γ, 35 anos)

E está sempre tudo sujo. É um trabalho mesmo muito mal feito. Contentores metálicos cinzentos grandes: a tampa é um bocado pesada e é um pouco alto porque quando se tem uma caixote de lixo grande como é o meu é um bocado difícil deitar lá para dentro o lixo. É por isso, de certeza, que muitas vezes o lixo está ali espalhado. E cheira muito mal, é horroroso. Na cidade, vejo animais, crianças e tudo a mexer no lixo. (Tavira – Luz, doméstica, E, 52 anos)

Em V. N. de Gaia encontrámos diferentes sistemas de deposição do lixo: o sistema do contentor colectivo, o sistema da colocação individual dos sacos de lixo na rua para recolha (onde em alguns casos encontramos em vez dos sacos, pequenos contentores partilhados geralmente por dois vizinhos), o sistema da “casa do lixo”- pequena divisão de um prédio destinada à deposição do lixo dos moradores. Conforme os sistemas encontramos diferentes patamares de satisfação ou insatisfação.

Relativamente aos contentores as opiniões não revelam unanimidade:

O contentor está num canto da praça longe de nós, não tem cheiros, não se vê animais porque nem sequer lá lhe chegam. Eu agora com os contentores estou satisfeita. (Gaia, empregada de cozinha, Γ, 39 anos)

Na minha rua ainda sinto que não há nada, eu até vejo prédios novos e ainda as pessoas a pôr os sacos cá fora, não há nada onde as pessoas possam deitar o lixo. Acho que a Câmara deveria verificar isto e colocar caixotes,

porque os prédios têm sempre muita gente. (Gaia, empregada de quarto, E, 39 anos)

Eles andam sempre a mudar os contentores (contentores em bom estado) e também lavam, (Gaia – Crestuma, empregada da Câmara Municipal, E, 50 anos)

Na minha zona os contentores estão limpos sim; (Gaia – Avintes, vigilante do parque, Γ, 35 anos)

Outros há que fazem críticas quanto à contribuição dos contentores para o mau aspecto das ruas em virtude do pouco civismo das populações (negligência na colocação do lixo nos locais e horários apropriados, pessoas que catam o lixo depois de o escolherem, cães vadios que espalham o lixo, etc). Relativamente à lavagem e manutenção dos contentores estes mesmos inquiridos afirmam que é fraca ou quase inexistente a lavagem dos contentores e das ruas por parte das autoridades.

À minha porta não há contentores, a gente põe os sacos na rua. Mas onde há contentores, o lixo parece uma montanha, é lixo por todo o lado espalhado. (Gaia, mecânico de automóveis, Γ, 65 anos)

Não é eficaz. Não fazem recolha diária e não têm cuidado em lavar os contentores. A questão é que não recolhem diariamente e a porção de lixo às vezes é maior e depois fica aquilo ali amontoado. (Gaia - Avintes, empregada de bar do Parque Biológico, E, 21 anos)

Não lavam, que eu veja; vejo as pessoas a varrer, às vezes mais encostadas que a varrer, mas lavar como era necessário não, aliás eu nunca vi ninguém a lavar as ruas. (Gaia, empregada de quarto, E, 39 anos)

Sim estão limpos, pelo menos não deitam cheiro. São suficientes, porque são contentores de rua. Por ex eu tenho um caixote grande de plástico com tampa e venho pô-lo cá em baixo quando vem o carro do lixo, depois venho recolhê-lo, lavo-o e guardo-o. Há outras zonas em Valadares, que já há contentores grandes, na minha rua não, são particulares. Onde há esses contentores, vê-se o lixo espalhado e há cheiros. (Gaia, lojista, E, 47 anos)

Claro que sim, os contentores costumam cheirar. (Gaia, vendedor de automóveis, Γ, 24 anos)

Não há contentores na minha rua. Nós é que temos o cuidado de só colocar à noite os sacos na rua e no dia de recolha. Vêm recolher dia sim, dia não; Vêm-se alguns sacos pelas ruas e por vezes os animais vão lá. (Gaia, auxiliar de educação, E, 39 anos)

Até porque pelo que eu vejo, os contentores nunca estão fechados, estão tão cheios que não se fecham; Vêm-se muitos animais também; Limitam-se a tirar o lixo, acho que não lavam (os contentores) (Gaia, estudante, Γ, 20 anos)

Há determinados dias da semana, não sei quais são, porque nem sempre vêm buscar. Não tem sido brilhante.; Deitamos num contentor só do prédio que está colocado no exterior; Não (tem cheiros), porque temos o cuidado de lavar com frequência o que evita cheiros; (Gaia, professora de Português - Francês, E, 25 anos)

Nós não temos contentores e ainda bem, eu detesto contentores por causa dos cheiros; Onde eu mora está limpo; Os que moram ao pé de mim, põem o lixo bem acondicionado, agora as outras pessoas não sei. (Gaia – Aguda, reformada, E, 69 anos)

Ao princípio passavam com um carro de recolha e outro de lavagem e desinfecção. Agora há uns meses largos que não têm passado com o 2º carro. Nós é que temos de lavar para evitar os cheiros; Penso que o tamanho é normal, está bem, não são grandes, os próprios funcionários mandam para o chão de qualquer maneira, não têm cuidado; (Gaia – Santo Ovídio, porteiro da escola, Γ, 47 anos)

Evidentemente que não lavam os contentores, por sorte eu nunca vi animais de volta do lixo. (Gaia – Coimbrões, peixeira, E, 36 anos)

Há sítios que não limpam, só tiram o lixo, nós é que temos de limpar; (Gaia – Avintes, empregada do bar do Parque Biológico, E, 50 anos)

O sistema da “casa do lixo”, ou a partilha de pequenos contentores por um número reduzido de moradores, parece ser o que apresenta menos dificuldades e um maior nível de satisfação. A confiança neste sistema resulta de haver uma maior proximidade e responsabilização individual e colectiva em relação ao modo como se processa a deposição do lixo.

Por ex eu tenho um caixote grande de plástico com tampa e venho pô-lo cá em baixo quando vem o carro do lixo, depois venho recolhê-lo, lavo-o e guardo-o. (Gaia, lojista, E, 47 anos)

Não tenho razão de queixa nenhuma. Tenho um latão [...] não cheira mal porque a gente lava-o. O latão é meu e de outra senhora. É um contentor para dois inquilinos. (Gaia, empregada de limpeza, E, 46 anos)

Dentro do próprio prédio, como já disse, tem a casinha do lixo, assim não há contentores na rua. Todos os prédios têm uma casa do lixo onde nós todas as noites vamos colocar o lixo. Temos acesso por dentro do prédio e a Câmara

tem a chave para entrar e levar o lixo.

Como só vão três vezes por semana, o lixo por vezes amontoa. Aquilo é muito limpo é verdade, vai lá a mulher da limpeza e limpa tudo com lixívia, mas também se ela não fosse aquilo era um cheiro horrível; (Gaia, gestora de loja, E, 33 anos)

Deitamos num contentor só do prédio que está colocado no exterior; Não (tem cheiros), porque temos o cuidado de lavar com frequência o que evita cheiros; No meu local, sim (os vizinhos têm cuidado), mas já passei numa rua onde se não me desviasse levava com um saco de lixo na cabeça. (Gaia, professora de Português - Francês, E, 25 anos)

No que diz respeito ao factor **ruído da recolha**, a esmagadora maioria dos indivíduos - tanto em V. N. de Gaia como em Tavira - não identificam o factor **ruído da recolha** como catalizador de insatisfação relativamente ao serviço. Há, por assim dizer, uma secundarização deste critério na avaliação do serviço de recolha; mesmo que algumas pessoas mencionem ouvir o barulho dos carros de recolha do lixo, não o consideram, porém, incomodativo.

Em Tavira, a mudança de sistema de recolha do lixo pressupôs igualmente a modernização dos veículos de transporte e de recolha do lixo, o que se traduziu numa mais valia para o serviço segundo os entrevistados.

Ouve-se o camião mas não incomoda; (Gaia, mecânico de automóveis, Γ, 65 anos)

Às vezes acontece fazerem barulho. (Gaia, empregada de quarto, E, 39 anos)

Ouve-se sempre algum ruído, mas não me incomoda; Alguns respeitam (vizinhos). (Gaia, estudante, Γ, 20 anos)

Eles vêm de madrugada, mas não me incomoda o ruído; (Gaia – Crestuma, empregada da Câmara Municipal, E, 46 anos)

Vêm de noite. Não noto, não dou pelo barulho. (Gaia – Coimbrões, peixeira, E, 36 anos)

Não a mim nunca me incomodou o barulho. (Gaia – Avintes, empregada do bar do Parque Biológico, E, 50 anos)

Já me habituei, nem oiço os carros; (Tavira, doméstica, E, 60 anos)

vêm todos os dias à noite recolher e não a incomoda o barulho (Tavira, doméstica, Γ, 59 anos)

agora não fazem barulho, dantes ouvia mais, mas de há um ano para cá que é melhor. (Tavira, vendedora de imobiliária, E, 49 anos)

A minha casa está mesmo rente à estrada mas o barulho não me incomoda já estou habituada (Tavira, gasoleiro, Γ, 33 anos)

O barulho, já sabe que um carro tem que fazer barulho mas às vezes nem os ouvimos tão pouco; (Tavira, polícia, Γ, 45 anos)

Nunca me incomodou o barulho; (Tavira, empregada de café, E, 22 anos)

O barulho não me incomoda nada, estou a dormir, não oiço nada. (Tavira, estudante, E, 22 anos)

O depósito de RSU ao ar livre, pelo mau aspecto que apresenta, constitui um critério importante na percepção e avaliação do serviço do lixo. O facto de a rua se apresentar suja de lixo e com maus cheiros é factor evidenciado em V. N. de Gaia e em Tavira, sem se verificarem diferenças assinaláveis.

Os aspectos de descontentamento apresentados são, por exemplo, os relacionados com a via pública suja de detritos diversos devido, em grande parte, à inexistência de cestos de coleta de papéis em número e distância adequados, e contentores precários que sofrem de aspecto desagradável, sem tampa e, por vezes, durante muito tempo sem manutenção de limpeza. Esta situação é agravada pelos “catadores”, geralmente crianças, velhos ou outros que catam o lixo, cães vadios que o espalham:

Deviam ser mais lavados do que são; Há cãesinhos a passear de volta do lixo. Os meus vizinhos ainda vão pôr as cabeças de peixe ao lado dos contentores para os gatos comerem; Vejo muita coisa que não está em sacos de plástico, por isso a população também tem muita culpa dos maus cheiros que existem. As pessoas têm muito a aprender e muitas pessoas não admitem quando a gente as corrige, em relação a deitar o lixo, a atar os sacos. Acho horrível os talhos deitarem os ossos no contentor sem serem metidos em sacos, é uma coisa que me repugna e que me irrita profundamente. (Tavira, proprietária de pensão, E, 50 anos)

Estes contentores novos estão limpos e se lavarem de vez em quando sempre é outra higiene. Temos ali os contentores e as pessoas vão ali e não têm cuidado porque deixam aquilo aberto e aquilo é uma das maiores porcarias que ali está: é moscas, põem o lixo de qualquer maneira, não põem sacos. Aqui no Algarve usa-se muito arranjar o peixe e conforma arranjam o peixe deitam para os contentores. (Tavira, doméstica, E, 60 anos)

Andam por ali os cães junto com os gatos; Lavam os contentores de 15 em 15 dias, não é sempre. (Tavira, comerciante, Γ, 59 anos)

Vê-se pessoas a pegar no lixo; (Tavira, taxista, Γ, 70 anos)

Só há animais, quando o lixo está acessível. (Tavira, empregada de café, E, 22 anos)

Não limpam os contentores, às vezes têm um bocadinho de cheiro.; Há muitos animais, cães, gatos, de vez em quando até os putos a brincar, viram aquilo tudo, cai tudo no chão, há lixo espalhado; (Tavira, estudante, E, 22 anos)

Embora a frequência de recolha seja diária, acho que a recolha devia ser todo o dia, devia haver uma recolha permanente, assim o lixo fica ali muitas horas e deita cheiros. Em Tavira não existe muito cheiro, mas em Olhão deviam ver!; Pode-se dizer que os animais estão a ser afectados, estão a apanhar contágios quando vão mexer e cheirar junto dos contentores. Se não houver esse recolha os animais tornam-se maus para a sociedade como transmissores de doenças, até para as crianças. (Tavira, estudante, E, 21 anos)

Penso que há pouca limpeza, pouca higiene nos contentores e à volta deles. (Tavira, director de escola, Γ, 35 anos)

É por isso, de certeza, que muitas vezes o lixo está ali espalhado. E cheira muito mal, é horrroso. Na cidade, vejo animais, crianças e tudo a mexer no lixo. (Tavira – Luz, doméstica, E, 52 anos)

O lixo parece uma montanha, é lixo por todo o lado. (Gaia, mecânico de automóveis, Γ, 65 anos)

A questão é que não recolhem diariamente e a porção de lixo às vezes é maior e depois fica aquilo ali amontoado. (Gaia - Avintes, empregada de bar do Parque Biológico, E, 21 anos)

De vez em quando aparecem lá animais e esses acabam sempre por abrir as sacas. Onde há esses contentores, vê-se o lixo espalhado e há cheiros. (Gaia, lojista, E, 47 anos)

Porque isto é só canalhada, partem os baldes, despejam o lixo no chão, andam aos pontapés. E as saquinhas põem-se ali pouco tempo antes da camioneta vir e parece-me que se torna até por um lado mais higiénico. Depois os baldes ficam a cheirar mal, enquanto se lavam e não lavam. (Gaia, porteiro, Γ, 54 anos)

Claro que sim, os contentores costumam cheirar. (Gaia, vendedor de automóveis, Γ, 24 anos)

Vejo animais junto a alguns contentores especialmente quando as pessoas não botam o lixo nas sacas plásticas. Mas se toda a gente deitasse nos latões os

animais já lá não iam. Mas não botam no latão para não estar com o trabalho de o ir lavar. (Gaia, empregada de limpeza, E, 46 anos)

Vêm-se alguns sacos pelas ruas e por vezes os animais vão lá. Há sempre algumas pessoas que não têm tanto cuidado, não põem o lixo à noite e depois ficam os sacos até virem os carros do lixo. (Gaia, auxiliar de educação, E, 39 anos)

Aqui nesta zona à beira de minha casa é à 12^a, 4^a e 6^a feira. Recolhem por volta das 12/1212 horas; Sente-se muito os cheiros. Até porque pelo que eu vejo, os contentores nunca estão fechados, estão tão cheios que não se fecham; Vêm-se muitos animais também; Limitam-se a tirar o lixo, acho que não lavam (os contentores) (Gaia, estudante, F, 20 anos)

durante o dia e noite e já se sabe que vão lá os cães vadios; (Gaia – Crestuma, empregada da Câmara Municipal, E, 50 anos)

Acho que têm cuidado, pelo menos na minha rua, há pessoas que pegam nos saquinhos amarrados e põem na grade por causa dos cães não lhes chegarem; Sim, os cães vadios vão aos sacos se estiverem nas ruas. (Gaia – Crestuma, empregada da Câmara Municipal, E, 46 anos)

Vê-se cães e gatos, chama-lhes a atenção e sujam tudo naquela área. (Gaia – Avintes, empregada do bar do Parque Biológico, E, 50 anos)

Os indivíduos salientam muitas vezes o comportamento das populações como causa da precaridade da situação do lixo.

Contudo, na responsabilização sobre a qualidade do serviço actual e sua elevação, torna-se clara a partilha de responsabilidades entre a entidade fornecedora, geralmente a autarquia, e os utilizadores, dado que estes manipulam directamente os resíduos e podem agir correcta, ou incorrectamente, na sua deposição.

A importância da solução do problema do lixo e limpeza pública é, desta forma, encarada sob o ângulo do serviço prestado pelas autarquias e sob o ângulo dos comportamentos e práticas dos indivíduos.

A solução do problema recai em tomada de medidas certas por parte dos municípios, bem como depende em grande parte da acção dos cidadãos como responsáveis pela actuação na abrangência do serviço.

Uma convicção comum e muito importante é que uma educação que leve a uma participação activa responsável da população é condição sine qua non para a existência de um serviço de qualidade. A apreciação relativamente ao civismo dos moradores quanto ao lixo varia ao longo de todo o espectro:

Geralmente vejo as pessoas depositarem o lixo devidamente embalado e é raro ver aquela gente que deita o lixo no balde e que depois deita o balde directamente. (Tavira, Tradutor, Γ, 49 anos)

Os meus vizinhos ainda vão pôr as cabeças de peixe ao lado dos contentores para os gatos comerem; Vejo muita coisa que não está em sacos de plástico, por isso a população também tem muita culpa dos maus cheiros que existem. As pessoas têm muito a aprender e muitas pessoas não admitem quando a gente as corrige, em relação a deitar o lixo, a atar os sacos. Acho horrível os talhos deitarem os ossos no contentor sem serem metidos em sacos, é uma coisa que me repugna e que me irrita profundamente. (Tavira, proprietária de pensão, E, 50 anos)

[..] as pessoas vão ali (aos contentores) e não têm cuidado porque deixam aquilo aberto e aquilo é uma das maiores porcarias que ali está: é moscas, põem o lixo de qualquer maneira, não põem sacos. Aqui no Algarve usa-se muito arranjar o peixe e conforme arranjam o peixe deitam para os contentores.[...] (Tavira, doméstica, E, 60 anos)

[Comentou diversas vezes que as pessoas eram porcas, que atiravam tudo para o lixo, que se misturava madeiras, com sacos, com baldes que se atiravam vazios com chichi ou água: Fazem porcaria porque querem, são porcos. Para não estragar as unhas, não deitam no latão e deixam tudo sujo. Deitam fora, se voa do caixote não apanham e deixam no chão.] (Tavira, doméstica, Γ, 59 anos)

É como digo, há aquela Sra que tem muito lixo à porta de casa e os netos deitam tudo para o chão e ela não os corrige. (Tavira, vendedora de imobiliária, E, 49 anos)

é lixo por todo o lado espalhado, as pessoas não têm cuidado nenhum. (Gaia, mecânico de automóveis, Γ, 65 anos)

Portanto as pessoas de facto têm cuidado guardam o lixinho num balde e vão lá pô-lo no dia anterior porque sabem perfeitamente que os cães, a canalha, e eles lavam [...] Eu não tenho caixote do lixo. Eu por um lado acho que é preferível. Porque isto é só canalhada, partem os baldes, despejam o lixo no chão, andam aos pontapés. E as saquinhas põem-se ali pouco tempo antes da camioneta vir e parece-me que se torna até por um lado mais higiénico. Depois os baldes ficam a cheirar mal, enquanto se lavam e não lavam. (Gaia, porteiro, Γ, 54 anos)

as pessoas não têm o mínimo cuidado. Deitam e espalham o lixo no chão. É horrível, é um serviço péssimo. (Gaia, vendedor de automóveis, Γ, 24 anos)

Nós é que temos o cuidado de só colocar à noite os sacos na rua e no dia de recolha. Há sempre algumas pessoas que não têm tanto cuidado, não põem o lixo à noite e depois ficam os sacos até virem os carros do lixo. Já apresentámos queixa de uma família que não tem esse cuidado, mas eles não podem fazer nada. Temos de nos contentar com essa situação. (Gaia, auxiliar de educação, E, 39 anos)

Alguns respeitam (vizinhos). Mas o Monte da Virgem está neste estado, sobretudo porque há um vizinho meu resolve desde há pelo menos 13 anos despejar o camião cheio de solas de borracha recortadas em forma de sapatos onde quer. O meu pai foi à CM dizer o que passava, mas até hoje não fizeram nada. (Gaia, estudante, Γ, 20 anos)

Uma maior parte talvez tenha cuidado e se preocupe. Mas há pessoas que não têm conhecimento quanto aos perigos do lixo e que ainda põem nas ruas, não têm cuidado, ainda se vê muito lixo nas ruas (vizinhos). (Gaia-Madalena, enfermeira, E, 42 anos)

Noto que as pessoas têm mais cuidado. Pode haver uma mais descuidada que outra, mas na minha zona não vejo assim muito. Antigamente havia mais desleixo, agora há mais preocupação. (Gaia, empregada de limpeza, E, 45 anos)

mas porque se há cheiros é as pessoas que não têm cuidado e educação e deitam tudo para o caixote; Só tem ali duas casas, que já foram chamadas à atenção, que põem os saquinhos na rua sem ser no dia e está lá durante o dia e noite e já se sabe que vão lá os cães vadios; Agora na minha rua tenho uma vizinhança asseada. (Gaia – Crestuma, empregada da Câmara Municipal, E, 50 anos)

a maior parte dos meus vizinhos julgo que tem cuidado, pelo menos a minha zona está limpa. (Gaia – Avintes, vigilante do parque, Γ, 35 anos)

Acho que têm cuidado, pelo menos na minha rua, há pessoas que pegam nos saquinhos amarrados e põem na grade por causa dos cães não lhes chegarem; Sim, os cães vadios vão aos sacos se estiverem nas ruas. (Gaia – Crestuma, empregada da Câmara Municipal, E, 46 anos)

já passei numa rua onde se não me desviasse levava com um saco de lixo na cabeça. (Gaia, professora de Português - Francês, E, 25 anos)

Os que moram ao pé de mim, põem o lixo bem acondicionado, agora as outras pessoas não sei. (Gaia – Aguda, reformada, E, 69 anos)

Para além do aspecto visual desagradável dos bairros e das ruas, outra consequência do baixo nível dos serviços de lixo, já referida na primeira parte do estudo, é a possibilidade de propagação de doenças.

Este aspecto da protecção da saúde, constitui, para os nossos entrevistados, um motivo preponderante para que sejam encontradas soluções adequadas para o problema da remoção e tratamento dos lixos.

Pode-se dizer que os animais estão a ser afectados, estão a apanhar contágios quando vão mexer e cheirar junto dos contentores. Se não houver esse recolha os animais tornam-se maus para a sociedade como transmissores de doenças, até para as crianças. (Tavira, estudante, E, 21 anos)

Esse tipo de lixo gera ratos e o cheiro e a pessoa pode apanhar doenças só do cheiro. Acho que era importantíssimo para a higiene pública que eles tratassem desse tipo de coisas, das desinfecções à volta dos contentores. (Tavira, auxiliar de acção educativa)

4.2.3. A avaliação do serviço de recolha do lixo

Depois de analisada a situação da recolha do lixo, para podermos fazer uma abordagem ao nível da qualidade deste serviço e respectivos critérios de avaliação perguntámos especificamente aos indivíduos **se estavam satisfeitos com o serviço.**

Em Tavira, a maioria dos indivíduos manifesta que está satisfeita ou medianamente satisfeita.

Eles trabalham muito para haver muito asseio na cidade, mas é como lhe digo, o povo é que faz a porcaria. Deus dá a pobreza mas a porcaria é a gente que a acarta. (Tavira, doméstica, Γ, 59 anos)

Está satisfeita com a recolha: As ruas estão mais limpas, está tudo em ordem. (Tavira, vendedora de imobiliária, E, 49 anos)

Eu estou satisfeita coma recolha do meu lixo, nunca tive de reclamar nem eu nem os meus vizinhos. (Tavira, polícia, Γ, 45 anos)

De forma geral, não tenho nada a indicar contra o serviço. (Tavira, gerente de estabelecimento, Γ, 24 anos)

Estou sim, aqui nunca reclamou ninguém. Então o caixote está logo ali acima (Tavira – Cachopo, reformada, E, 60 anos)

Apenas alguns indivíduos revelam limitações ao nível do serviço que usufruem. As principais razões de insatisfação apontadas em Tavira são relativas ao número insuficiente de contentores, e à falta de limpeza destes, além das razões apontadas aos

moradores com poucos ou nenhuns cuidados na manipulação dos mesmos que levam à degradação das ruas e espaços públicos e ainda por não haver separação e triagem dos lixos.

Em geral, não estou satisfeito. Porque, enquanto houver sacos ao lado ou a calçada estiver suja, não poderei estar satisfeito. Mas digamos que está a cinquenta por cento. (Tavira, director de escola, Γ, 35 anos)

Bom, eu acho que é mau porque é caótico e dado o estado geral das coisas, que eu acho que é péssimo, o lixo talvez nem seja dos problemas mais graves. (Tavira – Luz, doméstica, E, 52 anos)

Deviam colocar os contentores dentro da cidade mas de maneira simpática, que estivessem protegidos, mas que fosse agradável à vista, com umas plantas ao lado. Se a população souber que está ali o contentor e que está tudo limpinho à volta, evidentemente que não vai pôr o saco ao lado e põe lá dentro. (Tavira, proprietária de pensão, E, 50 anos)

Acho que devia melhorar. Estamos quase no séc. XXI e não se admite que continue assim ainda. (Tavira, comerciante, Γ, 59 anos)

Com a recolha estou satisfeita. No que diz respeito à quantidade de contentores é que não, deviam ser mais principalmente nas zonas fora da cidade há muito poucos contentores e também deviam ser de um tamanho maior. Os meus vizinhos, a maioria não se preocupa em separar. Mesmo onde eu trabalho, ou na hotelaria em geral as pessoas é que não têm o cuidado de estar a separar. Os animais vêm-se mais na estrada. (Tavira, gasoleiro, Γ, 33 anos)

Deviam melhorar alguns aspectos, como a limpeza dos contentores e acho que deviam recolher mais vezes também, porque há muitas vezes que aquilo enche rápido. (Tavira, estudante, E, 22 anos)

O sistema de recolha devia melhorar: pôr todo o tipo de contentores que desse para 4 materiais diferentes, como papel, plástico, lixo, garrafeiras. Se houvesse um contentor só para estes 4 acho que Tavira ia melhorar. (Tavira, estudante, E, 21 anos)

Melhorar é sempre bom, não é. Acho que sim, acho que podiam vir mais vezes. (Tavira – Cachopo, trabalhadora do Centro Paroquial, E, 46 anos)

Em V. N. de Gaia a satisfação também está patente num número assinalável de inquiridos.

Médio, também não posso dizer muito. (Gaia - Avintes, empregada de bar do Parque Biológico, E, 21 anos)

Eu agora estou satisfeita. (Gaia, empregada de cozinha, Γ, 39 anos)

Aqui nesta zona (centro de Gaia), acho que está mais ou menos razoável. (Gaia, empregada de quarto, E, 39 anos)

Sim estou mais ou menos estou. (Gaia- Crestuma, reformado, Γ, 65 anos)

Eu não tenho o que dizer. (Gaia, empregada de limpeza, E, 46 anos)

Aqui na minha rua estou. (Gaia – Crestuma, empregada da Câmara Municipal, E, 50 anos)

Em geral estou, onde eu moro estou, (Gaia – Avintes, vigilante do parque, Γ, 35 anos)

Sim aqui acho que está bem. (Gaia – Crestuma, empregada da Câmara Municipal, E, 46 anos)

Penso que sim, embora não devessem faltar como acontece. (Gaia, professora de Português - Francês, E, 25 anos)

Estou, eu já deito o meu lixo bem acondicionado. (Gaia – Aguda, reformada, E, 69 anos)

Na minha zona estou. (Gaia – Coimbrões, peixeira, E, 36 anos)

Sim , se não houvesse era ainda pior. (Gaia – Avintes, empregada do bar do Parque Biológico, E, 50 anos)

O descontentamento de alguns indivíduos em V. N. de Gaia fica a dever-se à limitação da regularidade da recolha, ao facto de as ruas se apresentarem sujas e com cheiros, ao não civismo das populações, à ausência de sistemas de recolha selectiva, e ainda a frequentes greves nos serviços de recolha.

Na minha zona não tenho o que dizer. Há é pessoas que deitam lixo num canto onde há árvores/arbustos. Depois chega um cão abre e estraga aquilo tudo. Depois a Câmara vai lá, mas enquanto vai e não vai já está mal feito. (Gaia, mecânico de automóveis, Γ, 65 anos)

Na minha rua, pronto, a recolha de lixo acho que está bem, agora estará mal não haver outras recolhas de lixo para além daquele lixo doméstico. Havia de haver para aquele lixo difícil, que vai para o lixo, e que eu não deito porque

tenho possibilidades, mas há muitas pessoas que não terão e portanto acho que aí justificava-se haver uma recolha de outra maneira. (Gaia, lojista, E, 47 anos)

Só estou insatisfeita com a limpeza das ruas. Eu ando sempre a apanhar lixo e protesto com as pessoas porque elas iam pôr o lixo à minha porta quando a camioneta não podia passar por causa de um desvio depois habituaram-se àquilo e escrevi lá na parede “Aqui não é lixeira”. (Gaia, porteiro, Γ, 54 anos)

Acho que não, não estou porque até há pessoas de outros prédios que vêm pôr o lixo à minha porta, se têm porta porque é que não põem à porta delas. Se não gostam de sujar a rua à porta delas, também não deviam sujar à porta dos outros. (Gaia, empregada do bar do ISLA, E, 48 anos)

Nada satisfeita, nem poderia estar como as coisas estão. Eu tenho contentor porque ninguém descansou enquanto não houvesse um. Só que não lavados de forma que nem se pode passar perto porque é cá um cheiro, chama moscas. É um desastre e é um perigo para a saúde. (Gaia, lojista, E, 39 anos)

Não havia necessidade de haver lixo por aí porque o serviço de recolha é suficiente, as pessoas é que não têm cuidado. (Gaia – Crestuma, reformada, E, 63 anos)

Não estou totalmente satisfeita, não. Acho que está mal, deviam ir todos os dias. (Gaia, gestora de loja, E, 33 anos)

Não, nada. (Gaia, vendedor de automóveis, Γ, 24 anos)

No geral estou, tirando uma grevesita ou outra. (Gaia, auxiliar de educação, E, 39 anos)

Podia estar melhor, mas tem melhorado. (Gaia, estudante, Γ, 20 anos)

Podiam melhorar. (Gaia - Madalena, enfermeira, E, 42 anos)

Há alturas em que eles deixam estar os lixos uns dias, quando há greves ou assim, mas não acontece muito, a última vez foi na altura do Natal que realmente via-se muito lixo , muitos sacos amontoados. De resto está bem. (Gaia, empregada de limpeza, E, 45 anos)

Falta virem mais dias e trazerem o tal carro de desinfecção, que não tem acontecido. Tirando isso, acho que a coisa funciona. (Gaia – Santo Ovídio, porteiro da escola, Γ, 47 anos)

4.2.4. Percepção actual do problema; impacto do turismo

Continuámos a explorar o grau de conhecimento e avaliação do problema do lixo com a pergunta “Tem ideia de quanto lixo produz por dia, ou semana? Acha que se produz muito lixo hoje em dia?”.

A maioria dos indivíduos está consciente do aumento da produção de lixo na sua zona e especialmente nas cidades.

Em Tavira torna-se claro que as zonas urbanas são maiores produtoras de lixo:

Já tinha realçado o problema da grande produção de lixo nas cidades: [(...) nas cidades estão a aparecer novas condições e mais produção de lixo que tem levantado novos problemas.]. Em relação à quantidade de lixo produzida, afirmou: Uma família de 3 pessoas deve produzir cerca de 5 Kg. Penso que na cidade o biodregável é de percentagem maior. (Tavira, Tradutor, Γ, 49 anos)

Hoje tudo tem evoluído, tudo tem melhorado, só que a quantidade de lixo também é muito maior do que era antigamente. (Tavira, proprietária de pensão, E, 50 anos)

Acho que se produz demais e não se aproveita. No tempo dos nossos avós a reciclagem era quase 100%, não existia o que há hoje, as pessoas aproveitam tudo e nós não aproveitamos. (Tavira, estudante, E, 21 anos)

Quando estamos só os dois dia sim dia não vai um saco de lixo lá para cima (contentor). Quando temos amigos é muito mais. De verão há mais sardinhas... Sim, a sociedade cada vez é mais consumista. Eu pessoalmente concordo muito com a separação do lixo, como por o ex o papel que dantes em Lisboa ia entregar na recolha do papel, mas aqui não há recolha (nós: há dois papelões) Ai há não sabia. Mas os vidros nós já levamos. (Tavira, professora de educação visual, E, 45 anos)

Hoje produz-se mais lixo que antigamente, ou porque o pessoal é mais. (Tavira, polícia, Γ, 45 anos)

Acho que é uma loucura. Há um excesso. E acho bem por exemplo como há em determinados supermercados, como por exemplo no Lidle, que obrigam as pessoas a pagar os sacos das compras. É ótimo porque nós temos sempre sacos a mais em casa, e podemos perfeitamente levá-los, e é um disparate porque o plástico é muito difícil de ser destruído e há certas lojas, mas são normalmente as mais requintadas, que têm já embalagens de papel e acabaram com sacos de plástico. (Tavira – Luz, doméstica, E, 52 anos)

A zona serrana do Cachopo evidenciou fortes contrastes relativamente à cidade. No campo, o problema da quantidade do lixo é muito mais atenuado. Os entrevistados reportaram uma série de práticas de aproveitamento de resíduos turísticos, integrando a alimentação dos animais e a fertilização das terras que reduzem substancialmente o volume de lixo produzido e simultaneamente instauram soluções ecológicas caseiras.

Achava que isso (deitar o lixo no monte) era uma situação muito ruim, que não havia de ser assim, mas não havia outra solução. Dantes isto não era alcatroado. Aí era muito pior com as estradas de terra.

- Melhorou então?

Sim, mesmo isto aqui não é uma terra que não há mesmo assim muitas doenças. Acho que sim. Em minha casa sou só eu e o meu marido, fazemos pouco lixo, é mais a fruta, as cascas de batatas que deito para o contentor. (Tavira, doméstica, E, 60 anos)

Só somos duas pessoas em casa, talvez um saco por dia ou talvez nem isso. A maior parte das coisas aproveitamos para o cão, o resto também serve para alimentar as ovelhas e os coelhos. Como eu moro no campo a maior parte das coisas podem e são aproveitadas. (Tavira, gasoleiro, Γ, 33 anos)

Já na cidade de Tavira, a situação do lixo vê-se agravada na época do Verão em consequência do acentuado aumento populacional. Segundo os entrevistados este aumento não é regra geral acompanhado de uma maior preocupação e adequada resposta.

A produção de lixo oscila consoante as épocas. No verão há mais pessoal, produz-se mais. No inverno, talvez por se produzir menos talvez haja menos lixo. (Tavira, gasoleiro, Γ, 33 anos)

Esta cidade, além das suas características urbanas, tem ainda a particularidade de sofrer o impacto sazonal do turismo no Verão. Para avaliar a percepção da influência do turismo em Tavira procurámos saber junto dos inquiridos se **o turismo agravava o problema do lixo, ou pelo contrário, ajudava a resolvê-lo.**

Segundo a maioria das respostas o turismo, por si só, constitui um motivo preponderante para que sejam procuradas soluções adequadas por parte da Câmara Municipal no âmbito da resolução do problema da recolha do lixo.

O lixo tem aumentado, pelo menos quando vem as férias há muito mais porque quando vem as férias há muito mais população. Na altura do turismo nota-se muito mais lixo. Mais espalhado não, porque as pessoas da Câmara andam

sempre todos os dias limpando mas há mais quantidade, por ex nos sábados e domingos aí enchem mesmo. Não transbordam. AS pessoas aqui tem muito cuidado. (Tavira, polícia, Γ, 45 anos)

O turismo pode fazer duas coisas: dar maior valor à cidade ou então vê que a cidade não tem valor e vão para outras zonas. Acho que é desumano mostrar uma praia poluída a um turista que vem para aqui!. (Tavira, estudante, E, 21 anos)

Fica igual, há mais movimento talvez uns papéis no jardim, copos de plástico. Mas há muita preocupação em manter a cidade limpa. A cidade vive do turismo e é mau ter lixo. E hoje as pessoas com tanta informação na televisão, mesmo os mais humildes estão alertados para isso. Acho que o povo português é limpo por natureza, talvez os algarvios mais ainda. Eu vejo as pessoas aqui do campo, têm lixeiras próprias para queimarem o lixo e manterem os campos limpos. Há concorrência e a afluência do turismo faz subir os preços. (Tavira, professora de educação visual, E, 45 anos)

Acho que anda tudo caótico, como a maior parte das coisas no nosso país. Aqui em Tavira não está tão mal eles têm um certo cuidado com o lixo até porque isso iria penalizar o turismo. Portanto é uma questão de interesses. Eu penso que ajuda a resolver o problema porque de certeza que a Câmara não tinha nem a metade dos cuidados se não fosse o turismo. E, por outro lado, os turistas apesar de o turismo ser de um nível muito baixo em Tavira, têm mais cuidado do que nós porque nos outros países há campanhas e funcionam mesmo. Só mesmo em países como a Turquia, México é que eu tenho visto assim tanto lixo e Índia não é, isso nem se fala, é mesmo um horror. Os outros países na Europa não se vê lixo em lado nenhum. (Tavira – Luz, doméstica, E, 52 anos)

A opinião geral é que apesar de haver um aumento populacional e consequentemente um maior volume de lixo produzido, as autoridades municipais têm mostrado empenho e alguma capacidade para lidar com este problema. Segundo os inquiridos, a solução da limpeza pública nas épocas de maior turismo tem constituído uma das preocupações da autarquia, não só pelo reflexo estético ocasionado por uma cidade limpa, como também por razões económicas relacionadas com o turismo per si.

As pessoas às vezes dizem, os turistas é que sujam isto, eu acho que está errado, acima de tudo o que eu vejo em muitos turistas (ingleses, alemães, franceses) acho que até não sujam porque têm uma educação higiénica tão grande. Às vezes eu vejo por ex eles a fumarem aqui na rua e eles não deitam uma única beata para o chão. Já os tavienses, já os vi a atirarem do carro para o chão desde latas, papéis, pastilhas. Eu próprio acho horrível. Se você for ao meu carro, está tudo cheio de lixo, porque eu vou deitar tudo no caixote, não é cá deitar no meio da rua porque acho isso mal. Acho mais correcto as

peessoas guardarem o seu lixo, por ex um papel de pastilha, no bolso e depois deitarem num caixote. No Verão, há muita gente a fazer lixo e é normal que a culpa vá para os turistas. Mas eu acho que é da parte de todos. Mas como aparecem pessoas que não são de cá, é lógico que as culpas vão para essas pessoas. (Tavira, empregada de café, E, 22 anos)

Há mais lixo, mais população (duplica) mas os cuidados são os mesmos, não há problema. (Tavira, gerente de estabelecimento, Γ, 24 anos)

Às noites, agora no Verão costuma haver mais festas, as pessoas deitam na rua, há mais lixo na rua, mas acho que também limpam. Pode haver algum descuido, mas nós vemos andarem a limpar na rua, de manhã está limpo. Se sempre há um bocadinho mais de lixo no Verão, acho que se consegue manter tudo igual, os turistas não sujam mais. (Tavira, estudante, E, 22 anos)

Não, não há (afecção do turismo). Penso que as coisas não estão más de todo. E nunca me lembro de ter havido rupturas de serviço. (Tavira, director de escola, Γ, 35 anos)

Porém, a influência do turismo é percepcionada por outros inquiridos de forma negativa. Estes assinalam e defendem que no verão há um agravamento do problema dos lixos e que a Câmara deveria colmatar as deficiências e falhas que surgem nesta época colocando um maior número de contentores e realizando mais recolhas.

Penso que principalmente nos meses de Julho e Agosto deveria de haver por parte da C.M. uma atenção especial quanto ao volume dos contentores. Os contentores que dão para a população local, não dão durante os meses de fluxo turístico, o que cria um enorme volume de lixo ao contentor. Acontece em poucos sítios, mas são sítios vitais, como junto dos restaurantes. (Tavira, Tradutor, Γ, 49 anos)

Na época de Verão as coisas tendem a piorar por causa do calor e do excesso de gente. Os turistas não sabem onde estão os contentores, para mais não sabem os nossos horários de recolha. Quando têm lixo põem ao pé dos cestos de papéis que são pequenos para os sacos que eles lá põem. (Tavira, proprietária de pensão, E, 50 anos)

Agora é pior no Verão. Chegam a estar aí 7 ou 8 contentores do lixo junto uns dos outros. Geralmente é um problema de todos e não dos turistas, o sistema é o mesmo, se fizessem mais recolha talvez melhorasse. (Tavira, comerciante, Γ, 59 anos)

Assistimos igualmente em V. N. de Gaia à mesma percepção de que as cidades são um reflexo da origem e da evolução do problema.

Os entrevistados evidenciam que é nas cidades que se encontram os maiores níveis de consumo, principalmente de produtos embalados, plásticos, etc. Salienta-se que é dominante a ideia generalizada de que se deita tudo fora.

Podemos considerar talvez um saco, do género destes sacos do Continente. Acho que se produz muito lixo. Também as pessoas dantes queimavam muita coisa, punham nos seus quintais e queimavam e portanto havia muita coisa que era susceptível de ser queimada. Agora plásticos e coisas assim também agora não há hipótese de queimar. (Gaia, lojista, E, 47 anos)

*Ai aqui em Gaia produz-se umas boas toneladas de lixo
Em minha casa em geral é 1 saco por dia.* (Gaia, porteiro, Γ, 54 anos)

*Eu, o lixo normalmente não é que tenho muito lixo é mais embalagens de leite, latas de sumos é que enche mais, é um saco mas pequeno
Não sei, há sítios que sim, conforme o movimento das pessoas também.* (Gaia, empregada do bar do ISLA, E, 48 anos)

Uma saquita por dia. Pois produz e o que eu acho uma coisa que faz muito lixo são os plásticos, porque é uma coisa que não se desfaz assim. (Gaia – Crestuma, reformada, E, 63 anos)

A gente enche um saco de lixo num instante. (Gaia, auxiliar de educação, E, 39 anos)

Tenho ouvido dizer que ainda são umas toneladas a nível da cidade por dia. (Gaia, estudante, Γ, 20 anos)

Sim, há muito lixo, muitas coisas embaladas, latas, há muito lixo agora. (Gaia – Madalena, enfermeira, E, 42 anos)

Sim, há muita gente com muito lixo, vê-se muito lixo. (Gaia, empregada de limpeza, E, 45 anos)

Sim, acho que sim. A gente em casa já devia ter aquelas bancas com trituradores e triturava-se o lixo. (Gaia, gestora de loja, E, 33 anos)

Cada vez mais (lixo), também por causa dos produtos que se compram, vêm muito embalados, cada vez se deita mais lixo fora. (Gaia – Avintes, vigilante do parque, Γ, 35 anos)

Vê-se cada mais lixo. (Gaia – Crestuma, empregada da Câmara Municipal, E, 46 anos)

Claro, devido sobretudo ao consumo. (Gaia, professora de Português - Francês, E, 25 anos)

Sim, muito, agora também se deita tudo fora. (Gaia – Aguda, reformada, E, 69 anos)

Produz-se bastante, o tal problema do consumo, as pessoas compram em demasia. (Gaia – Santo Ovídio, porteiro da escola, Γ, 47 anos)

Em V. N. de Gaia a importância dada à solução do problema dos resíduos e limpeza pública ressalta na opinião da maior parte dos inquiridos sob o ponto de vista do bem estar. Os inquiridos referem a limpeza dos espaços verdes, enquanto espaços de convívio e de lazer que se encontram ameaçados pela ausência de cuidados básicos.

Um saco pequeno durante a semana, e um grande aos fins-de-semana, eu pouco lixo faço porque só chego a casa à noite. Na minha zona é impressionante, há sempre sacos espalhados e parece que a quantidade é cada vez maior e a situação pior. É uma epidemia. (Gaia, lojista, E, 39 anos)

Acho que sim. Vê-se tanto lixo por aí. (Gaia – Crestuma, empregada da Câmara Municipal, E, 50 anos)

A cidade aparece vista como um gigantesco produtor de resíduos que tenderão a aumentar à medida que novos produtos e tecnologias vão sendo colocados à disposição do consumidor urbano. No entanto, lenta e gradualmente verifica-se um maior cuidado com a deposição selectiva dos resíduos e com a reciclagem, como adiante analisamos.

Esta atitude face ao problema regista-se tanto em V. N. de Gaia como em Tavira sobretudo tanto num caso como no outro, em grupos etários mais jovens, que o fazem individualmente e ainda motivam outros a fazê-lo.

Pelo menos da minha parte vai tudo para o lixo, mas o meu filho começou a juntar coisas que eu deitava para o lixo, por ex jornais, papel, para levar para a escola, para fazer papel novo, mas eu não sei bem essa história. (...) ele já tem levado montões de jornais quando eu deitava tudo para o lixo. (Gaia, empregada de cozinha, Γ, 39 anos)

Na abordagem dos inquiridos a este problema surge já alguma preocupação com questões ambientais: separação e aproveitamento de materiais, aquisição de produtos menos embalados, etc. Neste sentido, o conceito de “serviço de qualidade” é fortemente associado à existência de separação e tratamento dos lixos.

15 Kg de lixo no restaurante. Em casa não produzo nada porque nunca estou em casa.

Produz-se bastante lixo. Com certeza que deve haver aproveitamento porque quase metade das coisas que vão para o lixo podiam ser aproveitadas. É dinheiro que se gasta, dinheiro que se podia recuperar. Até nós há coisas que vão para o lixo, mas não deviam. Mas temos que o pôr porque não há meios para pôr noutra sítio. Há só as vidreiras. Mas mesmo assim, as vidreiras são postas pela Câmara. Na Suécia é quase a própria pessoa que é a vidreira, ou seja, comercializa. Qualquer garrafa vale dinheiro. A pessoa leva a garrafa para o supermercado, mete numa máquina e ela dá-lhe o dinheiro. Também as latas. (Tavira, empregada de café, E, 22 anos)

Sim, mas também estão a fazer embalagens diferentes para não fazer tanto mal. (Tavira, estudante, E, 22 anos)

Não faço bem idéia, mas na ordm dos cinco quilo por dia. Um caixote do lixo. Normalmente tenho preocupação em separá-lo. As garrafas, as pilhas, o papel (Tavira, director de escola, Γ, 35 anos)

2 Kg Em minha casa não se produz muito lixo. Eu também tenho muito cuidado em comprar embalagens com pouca embalagem. (Gaia - Avintes, empregada de bar do Parque Biológico, E, 21 anos)

É, pois, no amplo terreno das mudanças das práticas e dos hábitos e padrões de consumo que deverá surgir um debate em torno da necessidade de repensar todo o problema dos lixos.

4.2.5- Já alguma vez reclamou?

Um dos objectivos no âmbito da avaliação da percepção do lixo foi efectuar um levantamento da propensão dos inquiridos para a formação e defesa das suas opiniões no exercício participativo da cidadania. Perguntámos aos entrevistados se alguma vez tinham reclamado ou tomado alguma iniciativa relacionada com o serviço de recolha do lixo. Esta questão foi formulada na tentativa de estudar/medir a mobilização das populações na defesa dos seus direitos. Quisemos ainda observar como os indivíduos encaram as suas reais possibilidades de influenciarem e de se envolverem

directamente no âmbito de reclamações ao serviço do lixo.

Com efeito, e como já esperávamos, deparámo-nos com uma distribuição extremamente desigual entre os indivíduos que já reclamaram e os que nunca o fizeram, estando em grande vantagem estes últimos tanto em V. N. de Gaia como em Tavira.

É de salientar que no grupo de entrevistados de Tavira encontramos apenas um indivíduo que fez uma reclamação que foi no sentido de solicitar um contentor.

Já recentemente pedi para porem em S. Estêvão outro contentor. (Tavira, gasoleiro, Γ, 33 anos)

Todos os outros entrevistados em Tavira nunca reclamaram e defenderam mesmo que em termos de solução dos disfuncionamentos do serviço acreditam mais no poder das relações informais e de amizade do que no poder de solução formal, recorrendo frequentemente a amigos que conhecem nos serviços.

Nunca directamente ou por via escrita, mas tenho falado com alguns dos meus amigos da Câmara. É um debate que tenho com eles. (Tavira, proprietária de pensão, E, 50 anos)

Em V. N. de Gaia as reclamações foram especificamente de problemas ou deficiências no serviço, como por exemplo em alturas de greves ou para solicitar um varredor para a sua rua. Encontramos ainda outros indivíduos que estão na disposição de vir a reclamar sempre que se julguem no direito.

Já quantas vezes. O meu marido gastou muito dinheiro no telefone. Ui, ele andou mais de um ano a pedir para o presidente pôr lá contentores porque era impossível. Tínhamos que pôr lá na rua o lixo, nós e mais 64 habitantes/famílias. Por isso era muito lixo que se juntava ali. Felizmente que chegou o dia de eles virem pôr os contentores. Havia outros prédios na mesma situação. Só que tinham baldes plásticos grandes e nós por ex não tínhamos nada, nem plásticos, nem outros. (Gaia, empregada de cozinha, Γ, 39 anos)

Às vezes também lhes dizia, se passava o camião e deixava sacos pela rua. Agora acho que está melhor. (Gaia – Avintes, vigilante do parque, Γ, 35 anos)

Eu próprio fui pessoalmente à Câmara uma vez que fizeram greve e andaram uns 10 dias sem recolher. Cheguei a dizer que eu próprio ia recolher o lixo e

por à porta da Câmara, o que acabei por não fazer e passados dias resolveram o problema. (Gaia – Santo Ovídio, porteiro da escola, Γ, 47 anos)

Já reclamei porque não tinha percebido que estavam em greve e o cheiro era demasiado. (Gaia – Coimbrões, peixeira, E, 36 anos)

Sim, uma vez recusaram a levar os restos do lixo do meu jardim. (Gaia – Avintes, empregada do bar do Parque Biológico, E, 50 anos)

Mas a maioria da população inquirida considera que reclamar não adianta nada, chegando mesmo alguns a defender esta posição com a justificação de que a apresentação de queixas apenas contribui para a formação de inimizades.

Não, quem sou eu para reclamar, não faço parte da Junta, parte de nada. Eu não estou para estar a criar problemas. A gente não acha bem mas o que é que se há de fazer, e se vou à junta reclamar, vou é criar inimigos. (Gaia-Crestuma, reformado, Γ, 65 anos)

Reclamar, nunca reclamei. É claro, acho que não adianta nada mas as pessoas haviam de se impor para exigir um varredor permanente para termos as ruas limpas. Ou somos todos cidadãos, ou só se varre na avenida praticamente. (Gaia, porteiro, Γ, 54 anos)

A contestação e participação política activa não são, como se vê, instrumentos habitualmente utilizados para transformar a realidade circundante; a possibilidade de influenciar a evolução dos sistemas, por parte dos indivíduos, é mais frequentemente associada à persuasão de aliados através de conversas amistosas. As frustrações experimentadas pela população neste sector não motivam acções práticas de reivindicação. No máximo, as acções resumem-se a “telefonar para os serviços” para solicitar um contentor, por exemplo, ou para saber a razão de alguma deficiência no serviço. Praticamente inexistentes são as reclamações realizadas com vista a propor melhorias ou defender os seus direitos enquanto clientes do serviço.

Verificou-se, igualmente, que como estratégia da “dissonância cognitiva” originada pelo facto de se sentirem defraudados e insatisfeitos com o serviço auferido e, simultaneamente, não exercerem o seu direito de reivindicação, apresentam a inércia dos serviços e a ineficácia das suas reclamações (“não vale de nada”); porém, quando provocada a auto-análise das suas práticas a maioria admite esta inconsistência e reconheça alguma responsabilidade pelo não exercício empenhado e participativo de uma cidadania responsável.

4.3. Separação e reutilização do lixo doméstico

No terceiro sector da entrevista abordámos, através de perguntas indirectas e directas, a representação dos nossos entrevistados sobre o que é que constitui o “lixo” doméstico e quais são as suas práticas de aproveitamento e deposição de materiais. A cada um perguntámos o que é que, na sua própria casa, deitava para o lixo e o que é que aproveitava. Especificámos a questão indagando o destino dado às embalagens, e estimulámos a sua reflexão sobre a possibilidade de aproveitamento económico de algumas dessas embalagens. Levantámos a questão do valor económico do vazilhame e do conhecido sistema de “depósito”; sondámos o conhecimento dos entrevistados sobre as diversas possibilidades de aproveitamento de embalagens. Procurámos avaliar o seu conhecimento de políticas públicas relativamente aos resíduos sólidos urbanos e o seu potencial de adesão às diferentes possibilidades de participação no ciclo de re-aproveitamento de resíduos, como a entrega voluntária em ecopontos e a recolha a domicílio. Sendo o “vidrão” o ecoponto mais conhecido e utilizado, estudámos as atitudes e representações dos nossos entrevistados relativamente àqueles. Recolhemos as narrativas de utilização (com perguntas sobre frequência de utilização, conveniência da localização, apreciação do sistema) por parte do próprio entrevistado e ainda o seu conjunto de impressões sobre a utilização e apreciação por parte de vizinhos e familiares.

A análise das entrevistas revela-nos um universo de práticas e representações com alguns pontos de consistência por entre uma apreciável heterogeneidade de idades, estrato socio-económico, situação doméstica, e de atitudes relativamente à deposição de resíduos.

4.3.1. O que é lixo? O que se aproveita?

No concelho de Tavira, onde entrevistámos residentes urbanos e rurais, de ambos os sexos e de um amplo leque etário e socio-profissional, as perguntas sobre o que era deitado para o lixo e o que era aproveitado suscitaram várias zonas de resposta. Alguns dos entrevistados reconheceram que não aproveitavam nada, nem mesmo o vidro – material que, como adiante se verá, mereceu para muitos uma menção especial.

Não aproveito nada. (Tavira, proprietária de pensão, 50 anos))

Deito tudo para o lixo. (Tavira, doméstica, 60 anos)

Não aproveito nada mais (além de garrafas de refrigerante para manter água no frigorífico) (Tavira, doméstica, 59 anos)

Não (aproveito), vai tudo para o contentor. (Tavira, comerciante, Γ, 59 anos)

O resto dos materiais (além do vidro com tara recuperável) vai tudo para o lixo. (Tavira, empregada de café, 22 anos)

Alguns vidros vão para o vidrão, não guardo embalagens nem resto vão para o lixo. (Tavira, gerente de estabelecimento, 24 anos)

Aproveito se quiser fazer alguma coisa tentando tirar partido de algumas embalagens, mas a maioria das vezes não. (Tavira, estudante, Γ, 22 anos)

Aproveito cascas de batata, cenouras. As embalagens vão para o lixo. Só as garrafas é que não. (Tavira, gasolineeiro, Γ, 33 anos)

Em Gaia, onde uma densa malha urbana se entretece com áreas de ruralidade, e onde entrevistámos um conjunto populacional com diversidade equivalente à de Tavira, encontrámos uma distribuição de respostas que não se afasta muito das que foram colhidas naquele concelho. Vários entrevistados reconheciam não aproveitar nada, alguns deles apontando razões para o justificar:

Eu não aproveito nada. Moro num prédio, num andar e não posso. Só aproveito se forem garrafas, fora disso não aproveito nada, vai tudo para o lixo. (Gaia, mecânico de automóveis, 65 anos)

Vai tudo para o lixo, vai tudo para o mesmo saco. O vidro não, menos o vidro. Pego no vidro e o meu marido leva para o contentor dos vidros. O papelão ponho no mesmo saco do lixo. (Gaia, empregada do bar do ISLA, Γ, 48 anos)

Vai tudo para o lixo. (Gaia, vendedor de automóveis, Γ, 24 anos)

Deito tudo ao lixo, não tenho animais. Só não deito as garrafas de vidro deito-as aqui nos vidrões da avenida quando passo. Papel não deito, deito no lixo. (Gaia, empregada de limpeza, E, 46 anos)

Deito tudo fora. De vez em quando aproveito garrafas de vinho para trazer água da minha terra. Antigamente separava as pilhas. Agora deixei de o fazer porque tiraram daqui da escola. (Gaia, auxiliar de educação, E, 39 anos)

Na minha casa aproveita-se pouca coisa. O plástico vai para o lixo,

aproveita-se madeira, muito papel fica por casa, dá jeito para a lareira. Quando é garrafas de vidro, guarda-se ou vai-se ao contentor dos vidros que há perto de casa. (Gaia, estudante, Γ, 20 anos)

Eu não aproveito nada. Separo as garrafas de vidro, mais nada. (Gaia - Madalena, enfermeira, E, 42 anos)

Eu sou sincera, deito tudo fora. Só o vidro é que não. (Gaia, empregada de limpeza, 45 anos)

Separo só o vidro. De resto vai tudo par o lixo. (Gaia – Avintes, vigilante do parque, Γ, 35 anos)

Não aproveito nada, deito tudo nos sacos. Só separo o vidro que a minha filha depois leva. Agora não tenho espaço para fazer, mas dantes fazia a queimada e depois aproveitada a cinza para estrumar. (Gaia – Aguda, reformada, 69 anos)

Lá em casa por norma vai tudo para o lixo, excepto o papel que separo e quando tenho uma meia dúzia de Kg vou levar à papeleira e as garrafas que vão para o vidrão. (Gaia – Santo Ovídio, porteiro da escola, Γ, 47 anos)

Embalagens ponho tudo junto porque ainda não há separação do lixo. (Gaia, lojista, E, 47 anos)

4.3.2. Desperdício, valor do lixo e “deitar dinheiro fora”

Se poucos são os que praticam um reaproveitamento sistemático das sobras do consumo, e a maioria reconhece com sinceridade deitar fora um grande número de materiais (à excepção do vidro, cujo caso analisaremos abaixo), praticamente todos se dão conta de que o desperdício tem dimensões económicas e que o lixo que produzem pode ter valor. Num momento posterior da entrevista perguntámos directamente se já tinham pensado estar a deitar dinheiro fora ao mesmo tempo que aumentam o volume do lixo. Embora alguns se tenham absterido de responder ou proferido um lacónico “não sei dizer” (18 gaia), ou “às vezes penso[nisso]” (18 Tavira), e pelo menos um entrevistado tenha declarado que para si esse problema não se punha porque “Quase não produzo lixo e faço a separação dos vários materiais. Se todas as pessoas também fizessem, isso não se colocava”. (17 tavira), a grande maioria respondeu afirmativamente, isto é, achando que o lixo tinha valor, que se

deperdiçava, e, ao mesmo tempo que se perdia dinheiro, ampliava-se o problema do lixo.

Penso nisso muitas vezes quando estou a deitar as coisas para o lixo. Mas eu penso que a maioria das pessoas não tem essa noção de que o lixo é dinheiro. (Tavira, Tradutor, Γ, 49 anos))

Acho que sim. Em Lisboa quando trabalhava no vazadouro da Amadora a gente aproveitava bocados de pão, trapos, ossos, jornal, papel branco, era tudo separado e depois faziam-se fardos. O lixo que ficava era mexido pelas máquinas depois queimavam e era tudo espalhado, servia para adubos. (Tavira, doméstica, sexo feminino, 59 anos)

Dizem que sim (...) De facto não se guarda, deita-se muito fora. (Tavira, comerciante, Γ, 59 anos)

Já, porque há certas coisas que a gente aproveitava, sei lá para fazer o quê, não é? Mas pronto, estar a guardar e deixar a um canto e não fazermos nada, mais vale deitar fora. (Tavira, estudante, 22 anos)

Sim, se podia estar a contribuir para outra coisa e vai para o lixo, acho que sim. (Gaia, empregada de cozinha, 39 anos)

Acho que sim, podia ser aproveitado. (Gaia, lojista, 47 anos)

Às vezes penso porque vão coisas muito boas no lixo. (Gaia, lojista, 39 anos)

Sim, muito, muito desperdício. (Gaia, vendedor de automóveis, Γ, 24 anos)

Sim, podíamos aproveitar muito mais. (Gaia, estudante, 20 anos)

Penso que sim, mas se não surgirem medidas, não podemos fazer nada. (Gaia - Madalena, enfermeira, 42 anos)

Sim, acho que sim. (Gaia, gestora de loja, 33 anos)

Sim, é capaz, as pessoas hoje também não ligam a nada, deitam tudo fora. (Gaia – Aguda, reformada, 69 anos)

Sim. (Gaia – Coimbrões, peixeira, 36 anos)

Sim, mas não tenho tempo em casa para pensar no que poderia fazer com aquilo (Gaia, professora de Alemão, 50 anos)

Algumas pessoas invocavam o sistema de embalagens como uma das fontes do problema:

Acho que sim, apesar de já terem um bocadinho de cuidado mas são poucas as pessoas que têm cuidado ao irem às compras e tentarem comprar produtos cuja embalagem não é tão grande, tão exagerada. Mas claro o preço também conta, e a publicidade conta imenso. (Gaia, mecânico de automóveis, 65 anos)

Eu digo pago o valor daquela embalagem, mas o desperdício é necessário. Talvez se pudessem fazer embalagens menos complicadas. (Tavira, vendedora de imobiliária, 49 anos)

Por ex acho que as embalagens não posso aproveitar vai tudo para o lixo. (Gaia, empregada do bar do ISLA, 48 anos)

Vários apontaram o nível mais amplo do desperdício, referindo-se já aos processos de reciclagem de materiais depositados separadamente:

aquilo (vidro na lixeira não comercializado) também vale dinheiro de certeza. (Tavira, reformada, 72 anos)

O lixo vale dinheiro. Uma pessoa vende o lixo. [referindo-se a um país norte europeu onde morou:] Havia até uma certa luta entre as pessoas que apanhavam o lixo: as latas, as garrafas de água, até os plásticos valem dinheiro. É pena é que em Portugal não haja este sistema, é uma vergonha não existir. De certeza que se houvesse meios para isso havia pessoas a lutar pelo lixo. Podia ser um emprego, já que não há empregos. Apanhar o lixo para vender o lixo. (Tavira, empregada de café, 22 anos)

Acho que sim, mas a gente como é que havia de fazer? Guardar em sítios próprios, não é ? As garrafas eu deito-as no vidrão. Mas não vejo assim de garrafas de plástico. Ao pé de mim só vejo o vidrão e o papelão. (Gaia, empregada de limpeza, 45 anos)

Sim, mas aqui em Portugal uma pessoa não tem meios para evitar isso, não é? Não põem os contentores para se poderem separar os lixos. (Gaia – Avintes, vigilante do parque, 35 anos)

Para se poder aproveitar acho melhor como os de vidro. (Gaia – Crestuma, empregada da Câmara Municipal, 46 anos)

Sim, há lixos que podem ser reciclados, como o plástico, pilhas, etc., e que deitamos fora porque não há lugar onde os colocar. (Gaia – Santo Ovídio, porteiro da escola, 47 anos)

4.3.3. Aproveitamento doméstico: animais, compostagem, reutilização de embalagens

Antes de analisar as atitudes e representações perante a reciclagem, que surgiram espontaneamente na discussão do problema do desperdício, convém referir um outro elemento determinante na definição do volume de lixo doméstico: as práticas de aproveitamento caseiro de materiais usados. Dado que a resposta mais comum à pergunta “o que é que aproveita e o que é que deita fora” era a de que ali tudo se deitava fora, complementámos a pergunta induzindo a questão do aproveitamento de restos para animais. Muitos dos entrevistados confirmaram praticarem-no. Essa orientação prolongou-se, nalguns casos, na referência de aproveitamento de resíduos em processos de compostagem.

Às vezes damos comida que é limpa mas que sobrou ao cão e ao gato. (Gaia - Madalena, enfermeira, 42 anos)

Os restos de comida vão para os cães (Gaia – Coimbrões, peixeira, 36 anos)

Quando tenho gente que tenha animais que eu vejo que posso levar guardo numa saquinha e levo para os bichos. (Gaia, empregada de quarto, 39 anos)

A minha mãe aproveita restos de comida para dar aos animais. (Tavira, estudante, Γ, 22 anos)

Vai tudo para o lixo só alguns restos é que se aproveitam para os animais (Tavira, taxista, Γ, 70 anos)

Aproveito cascas de batata, cenouras (Tavira, gasoleiro, Γ, 33 anos)

O aproveitamento dos restos orgânicos em processos de compostagem e fertilização da terra é referida por alguns dos entrevistados como prática que reduz o volume de lixo. Em Gaia, vários entrevistados apontaram a utilização de queimas para produção de cinzas fertilizantes. Este sistema é porém visto como dificilmente compatível com as características do estilo de vida moderno.

Faço estrume, pronto, ponho maçãs, folhas, faço uma cova no terreno e vou juntando e faço estrume. Às vezes vou ao monte, corto mato e deito para não ficar a cheirar. (Gaia – Crestuma, empregada da Câmara Municipal, 50 anos)

Eu não faço muito lixo, às vezes eles vêm nem tenho para mandar, porque costume fazer estrume com restos até de fruta, as batatas e coisas assim. (Gaia – Crestuma, empregada da Câmara Municipal, 46 anos)

Às vezes [a minha mãe] aproveita restos de comidas e dos animais para pôr na terra. Deixa estar ao ar para fermentar. É bom para plantar, é mais fácil de nascer. (Tavira, estudante, 17, 22 anos)

Agora não tenho espaço para fazer, mas dantes fazia a queimada e depois aproveitada a cinza para estrumar. (Gaia – Aguda, reformada, 69 anos)

Aproveitamos muita coisa, até porque vivemos mesmo no campo dá para fazer isso. Mas não tanto como desejaríamos precisamente porque mesmo aqui o ritmo de vida é um bocado acelerado. É muito complicado (compostagem). E esses projectos muitas vezes exigem uma certa continuidade, exigem que a pessoa permaneça permanentemente ali, e como eu ando sempre a deslocar-me não posso meter-me nesses projectos, tenho outros tão complicados para resolver. (Tavira – Luz, doméstica, 52 anos)

As perguntas estimularam alguns dos entrevistados a referir as suas práticas relativamente às embalagens vazias. Um pequeno número de entrevistados apontou fins específicos para as embalagens de vidro – garrafas de refrigerante para manter a água no frigorífico, frascos para guardar compotas feitas em casa, garrafas vazias para azeite, vinho, ou ainda para trazer água de fontes naturais

Sendo vidros que às vezes se possam utilizar guardo até para geleias, para compotas ou assim. (Gaia, empregada de quarto, 39 anos)

Às vezes guardo garrafas para pôr água (Gaia, lojista, 47 anos)

A família do meu marido é da aldeia e aproveitou as garrafas para o azeite.

Por exemplo os frascos de vidro aproveitou para fazer compotas. Mas claro que não estou a coleccionar frascos. (Gaia, lojista, 39 anos)

De vez em quando aproveitou garrafas de vinho para trazer água da minha terra. (Gaia, auxiliar de educação, 39 anos)

Aproveito vidros, compotas, sacos de plástico... tenho um papelão à porta (Gaia, bibliotecária, 35 anos)

Alguns demonstram um esforço para “inventar” utilizações para os diversos recipientes de cartão, papel e plástico em que vêm embalados os produtos de

consumo.

Dantes juntava embalagens para mandar pelos miúdos para a escola, para fazerem os trabalhos, agora não tenho feito isso. (Tavira, vendedora de imobiliária, 49 anos)

Guardo o leite, os Ictea, dá para terra e plantas para viveiros. (Gaia – Avintes, empregada do bar do Parque Biológico, 50 anos)

as embalagens do leite para por plantas que estão para renascer (Gaia-Avintes, empregada do bar do Parque Bioógico, 21 anos)

Aproveito é as garrafas de 7UP de plástico para a água e o vidro deito no vidrão que está ali à beira (Gaia – Crestuma, empregada da Câmara Municipal, 50 anos)

de resto [além do vidro] só se for as embalagens de plástico onde vêm as carnes congeladas que se podem aproveitar para fazer novos congelamentos. (Gaia, professora de Português - Francês, 25 anos)

Por acaso só aproveito se forem algumas roupinhas para dar. As garrafas deito na “coisa” das garrafas. As caixinhas e o papel o miúdo anda-me a pedir para levar para a escola. Mas é há pouquinho tempo para cá. Os plásticos não. (Gaia, empregada de cozinha, 39 anos)

Também o papel é utilizado para fins diversos entre os quais se destaca a queima para aquecimento:

e papel estamos mesmo nós a reciclar em briquetes. (Gaia - Avintes, empregada de bar do Parque Biológico, 21 anos)

eu tenho um fogão a lenha e guardo (papel) para atear o lume.(Gaia – Crestuma, empregada da Câmara Municipal, 46 anos)

Também aproveito os jornais, não deito fora e até às vezes aproveito os dos vizinhos. Tenho uma cadelinha em casa e ela faz em cima dos jornais. (Gaia, gestora de loja, 33 anos)

não sabia que havia papelão, mas também o papel que há aqui em casa são jornais e às vezes servem para forrar caixotes, ou limpar os vidros. (Tavira, professora de educação visual, 45 anos)

E, nalguns casos, papel, cartão, latas e trapos são entregues a circuitos de reutilização tradicionais

Papéis mais porque há um Senhor que vem recolher e eu dou-lhe e ele depois vende (Gaia, lojista, 47 anos)

(papel) separo e entrego a um homenzinho que anda sempre por lá ao papel, eu separo e guardo, ele leva o papel vai vender ao farrapeiro. Eu até sou contra os papéis na rua. (Gaia, porteiro, Γ, 54 anos)

Acho que sim, porque nós quando juntamos as latas vamos vender e depois vemos a quantidade que não se aproveita aí assim nas ruas... (Gaia – Avintes, empregada do bar do Parque Biológico, 50 anos)

Não tenho (ecopontos) nem para o vidro, nem para o cartão na minha zona. É muito longe, por isso nunca lá fui. Temos o cuidado de embalar para deixar que andam na rua puderem aproveitar. Nós não temos vidrões como se vê aqui na cidade, mas há pessoas que andam na rua para aproveitar o vidro e também o cartão e trapos. (Gaia – Coimbrões, peixeira, 36 anos)

É como digo eu não me desloco (aos ecopontos) porque levo (o papel) a esse senhor (2/3 vezes no ano.)Nunca fui ao vidrão. Plástico vai para o lixo, nem sabia da existência. (Gaia, lojista, 47 anos)

4.3.4. Reciclagem moderna: a separação do vidro e o vidrão

Tendo já discutido os aspectos de responsabilidade colectiva na gestão dos problemas do lixo nos momentos iniciais da entrevista, os nossos entrevistados referiram-se naturalmente a elementos extra-domésticos como relevantes no processos de separação do lixo. Na discriminação do que “aproveitavam”, por oposição ao que deitavam no lixo, as pessoas referiam-se frequentemente ao vidro; para além dos usos que apontaram (ver acima), referiram sistematicamente a separação do vidro e a utilização do ecoponto “vidrão”. Vários dos entrevistados falam da separação do vidro como uma óbvia necessidade, dever, obrigação, assumindo uma normatividade distinta sobre este material. Algumas pessoas justificaram essa particularidade em função dos perigos que advêm do facto de a mistura dos vidros no lixo doméstico poder provocar cortes e ferimentos em quem transporta o lixo e nas crianças que involuntariamente lhe mexam: “as garrafas são um perigo, para as crianças e isso tudo...”, ou “tenho um sobrinho que tem 24 anos... uma vez caíu de uma parede onde havia assim vidros de uma garrafa e ficou todo

cortado”.

Cremos, porém, que várias outras razões ajudam a fazer do vidro o material mais citado como exemplo de reaproveitamento -- das antigas práticas de por de lado as garrafas por motivos económicos, à mais recente, e bem sucedida, implantação dos “vidrões”. Com efeito, a maioria das pessoas demonstra conhecer este sistema de recolha do vidro usado e muitas referem também utilizá-lo regularmente. Poucos são os que questionam a sua utilidade.

Aproveito o vidro claro, o resto vai para o balde do lixo. (Gaia, lojista, 39 anos)

Separo as garrafas de vidro, mais nada (Gaia - Madalena, enfermeira, 42 anos)

Eu sou sincera, deito tudo fora. Só o vidro é que não. (Gaia, empregada de limpeza, 45 anos)

Separo só o vidro. De resto vai tudo para o lixo. (Gaia – Avintes, vigilante do parque, 35 anos)

Separo o vidro (Gaia, professora de Português - Francês, 25 anos)

Só separo o vidro que a minha filha depois leva (Gaia – Aguda, reformada, 69 anos)

Aproveito as garrafas de vidro (Gaia – Coimbrões, peixeira, 36 anos)

Tenho visto até porem os vidros nesses vidrões (...) Na televisão (...) Acho bem, acho bem. Em vez de andarem os vidros por aí... (Tavira – Cachopo, reformada, 60 anos)

Já ouvi na televisão (falar dos vidrões).(Tavira – Cachopo, trabalhadora do Centro Paroquial, Γ, 46 anos)

Alguns vidros vão para o vidrão (Tavira, gerente de estabelecimento, 24 anos)

Coisas que não sejam precisas vão para o lixo dos contentores para o vidro. (Gaia, empregada de quarto, Γ, 39 anos)

As garrafas ... não vou pô-las nas sacas do lixo, meto-as numa saca e passo aqui pela Serra ... e deito-as nos contentores próprios ... levo-as a pé, porque não tenho carro... ali é que é o sítio certo de se botar essas coisas porque não é tão perigoso e tem aproveitamento. Faz parte da nossa economia porque

vai para a fábrica do vidro e dá produção, dá vidro novo. (Gaia, porteiro, 7, 54 anos)

Pego no vidro e o meu marido leva para o contentor dos vidros.(Gaia, empregada do bar do ISLA, 48 anos)

As garrafas de vidro que não aproveito ponho no vidrão mesmo ao pé de casa. Tenho também um vidrão para os plásticos, quando é plásticos grandes e garrafas vou lá pôr. (Gaia, gestora de loja, 33 anos)

Ponho [no vidrão] as [garrafas] que não têm tara. Faço sempre desde que lá puseram. Falavam na TV para fazerem isso e eu fazia e muitas vezes chegava a trazer para aqui para a beira da avenida e eu moro longe, mas trazia e nunca misturei com o lixo. (Gaia, empregada de cozinha, 39 anos)

Só não deito [fora] as garrafas de vidro deito-as aqui nos vidrões da avenida quando passo. (Gaia, empregada de limpeza, 46 anos)

Quando é garrafas de vidro, guarda-se ou vai-se ao contentor dos vidros que há perto de casa. (Gaia, estudante, 20 anos)

o vidro deito no vidrão que está ali à beira. (Gaia – Crestuma, empregada da Câmara Municipal, 50 anos)

Boto as embalagens de vidro no vidrão (Gaia – Crestuma, empregada da Câmara Municipal, 46 anos)

Depara-se das entrevistas que o acto de misturar vidro com o resto do lixo doméstico é tido como um comportamento impróprio. Se não tem uma utilidade imediata em casa, o recipiente de vidro vazio é idealmente destinado a ser depositado no vidrão, cuja existência mostrou ser amplamente conhecida dos nossos entrevistados. A importância e utilidade do vidrão não foram questionadas, embora a apreciação do seu funcionamento e localização variasse. Alguns entrevistados usaram argumentos ambientalistas para apoiar o sistema de ecopontos, reconhecendo a importância dos processos de reciclagem e a necessidade de articular esforços individuais e colectivos; a maioria, porém, aderiu ao “vidrão” como uma solução para o seu próprio lixo -- como que um lugar apropriado e correcto para depositar um elemento específico do lixo doméstico. A deposição de embalagens de vidro no vidrão era vista como uma norma a cumprir e um exemplo de comportamento cívico a que se aderiu pelo menos em intenção.

A apreciação da situação dos ecopontos nas localidades revela-nos que, apesar

de bem vistos pela população, e geralmente considerados em bom estado, são muitas vezes tidos como pouco limpos, sobre-utilizados, e nem sempre em número suficiente ou em localizações de interesse do entrevistado:

Se chegar ao pé de qualquer vidrão, estão superlotados, aí a Câmara não se preocupa muito com isso. O vidro vai para a lixeira não é comercializado, nada, nada. (Tavira, reformada, 72 anos)

Aqui em Portugal não sei se se faz reciclagem, mas eu por acaso vivi na Suécia que é um país bastante avançado em relação a isso, e eu lá vi que tinham que se usar vários contentores para cada coisa: vidros, alumínio, papel, plástico. E nós cá em Portugal não temos nada disso, a civilização ainda não chegou aqui. Nós lá se juntássemos tudo no mesmo saco de lixo, o saco vinha devolvido. Tínhamos vários sacos de lixo e todos os dias havia recolha. O lixo vale dinheiro. (Tavira, empregada de café, 22 anos)

Está muito longe (o vidrão) e não consumo para lá ir levar os vidros. Se houvesse um vidrão aqui ao pé, se fosse até ali à esquina, pois eu ía lá, não custava nada. (Tavira, doméstica, 60 anos)

Por acaso não o tenho feito (ido ao vidrão). Aliás as garrafas normalmente não vão com o lixo, estão à parte. Até tenho bastantes garrafas lá em casa para aproveitar para o vidrão, mas não vou porque não tenho vidrão perto. Estou a juntar para depois levar não sei para onde ainda, tenho de perguntar. Em Almada já levei, levava com frequência, porque tinha lá ao pé de minha casa; Levava, porque acho importante para aproveitarem os vidros para a reciclagem. (Gaia, professora de Português - Francês, 25 anos)

Devia haver mais, tanto vidrões, como papelões e o que há bocado disse, plasticões também; E mais perto das localizações estratégicas, na passagem das pessoas; Mais informação também, para saberem onde se localizam e para que servem; Acho que estão em bom estado, como ainda têm pouco tempo. (Gaia, auxiliar de educação, 39 anos)

Pessoalmente não vou ao papelão. À minha beira só há o vidrão; Está perto, mas de carro, a pé não é prático; Há mais aqui no centro de Gaia, acho que deviam colocar mais vidrões e dos outros também; Acho que os que há estão bem localizados, estão perto das habitações, não tinha lógica ter um à porta de casa; Estão sempre cheios e sujos também, mas em geral estão em bom estado, porque há muitos novos. (Gaia, estudante, 20 anos)

Há pouco, há. Devia haver mais e melhor localizados. (Gaia - Madalena, enfermeira, 42 anos)

Acho que devia haver mais; Acho que por vezes estão mal localizados. Eles

deviam pôr de X em X metros para as pessoas terem acesso. Se não às vezes estão longe e as pessoas não têm essas preocupação; Alguns estão muito velhos e muito sujos; Às vezes estão muito cheios que as garrafas até andam à volta do vidrão; Deviam fazer a recolha mais vezes, até o papelão está cheio. (Gaia, empregada de limpeza, 45 anos)

Acho que estão (vidrão, plasticão) bem localizado, está à porta de minha casa (riu); Acho que devia de haver mais, quando vou ao vidrão, por ex., está sempre cheio. Não sei de quanto em quanto tempo vão lá despejar, deviam ir mais vezes; Estão em bom estado, isso estão. (Gaia, gestora de loja, 33 anos)

Acho que os vidrões para esta zona dá (quantidade). O papel temos aqui uma fábrica ao pé, a gente separa e eles levam para a fábrica. (Gaia – Crestuma, empregada da Câmara Municipal, 50 anos)

Gostava que houvessem vários contentores diferentes, não só do vidrão, mas para os outros lixos também; Os vidrões, e sobretudo do papel e do plástico, acho que são muito poucos; Até podem estar bem localizados, mas muita gente não sabe que existem; (e estão em boas condições). (Gaia – Avintes, vigilante do parque, 35 anos)

Devia de haver em mais ruas. Só há 4 vidrões na Freguesia de Crestuma. O vidrão onde a gente vai está um bocadinho longe (500 M). É à beira da Junta e está muitas vezes cheio; Sim, alguns estão em bom estado, tirando um que está muito velho; Devia de haver dos outros (papel, plástico). (Gaia – Crestuma, empregada da Câmara Municipal, 46 anos)

Deviam espalhar mais pelo concelho, por outras regiões, devia de haver mais vidrões, mas também mais para o cartão e também para outros utensílios, plásticos e isso assim; Ainda não sei onde se localizam, nem em que estado se encontram. (Gaia, professora de Português - Francês, 25 anos)

Penso que devia de haver mais e recolher com mais frequência, sobretudo o vidro. Por vezes quando vou colocar, está tão cheio, que depois começa logo a ver-se vidros espalhados pela rua em volta do vidrão. Também deviam pôr de outros tipos de lixo, por ex. se houvesse do plástico de certeza que grande parte das pessoas, não direi todos, separava. (Gaia – Santo Ovídio, porteiro da escola, 47 anos)

Devia de haver mais em mais sítios diferentes; A localização acho que está bem, também não é bom estar muito perto das casas; por vezes estão a deitar por fora, ficam muito cheios porque são poucos; na parte do vidro as pessoas aderem mais, no caso do papelão já não. (Gaia – Avintes, empregada do bar do Parque Biológico, 50 anos)

4.3.5. Reciclagem de outros materiais

Quanto à separação de outros materiais, como papel, plástico, tecidos, pilhas,

ou latas, para posterior reciclagem, as respostas foram menos menos unânimes que no caso do vidro. Alguns entrevistados desconheciam a possibilidade de entregar estes materiais às estruturas colectivas; outros sabiam-no possível, mas de alcance distante, enquanto alguns sabiam-no ao alcance em povoações ou bairros vizinhos; outros ainda já praticavam a entrega de materiais nestes ecopontos. Como vimos, o papel é frequentemente sujeito a reutilização doméstica imediata, pelo que para alguns não é considerado como material para entregar em ecopontos.

Aproveito tudo o que é possível. Nomeadamente o lixo, faço a separação: plásticos vai para os plásticos; garrafas para as garrafeiras. Como ambientalista tenho que preservar. Plásticos ainda não há, mas as pessoas põem num saco à parte ao pé do caixote do lixo. Só em Faro é que existe os plásticos. Temos os caixotes azuis para os papéis. Temos as vidreiras e os caixotes normais. Aproveito o papel como reciclagem, utilizo papel de um lado e do outro para reutilizar. Há cerca de uns três anos que já vou ao vidrão. (Tavira, estudante, Γ, 21 anos)

Faço separação do lixo, mas não faço aproveitamento do lixo. Neste momento, ainda não faço. Separo as garrafas, as pilhas, o papel, e depois em determinado momento vou levar a papelaria. (Tavira, director de escola, Γ, 35 anos)

Já se vai fazendo alguma reciclagem aqui no parque principalmente papel, latas. Plásticos fizemos até à pouco tem mas o Sr. que nos vinha receber disse que não podia recolher porque não estava a dar, entretanto estamos a armazenar aqui no parque plásticos, a enviar para reciclar latas de alumínio e de ferro, e papel estamos mesmo nós a reciclar em briquetes.

Na minha casa vai tudo para o lixo comum, para o contentor. Os vidros trago para o parque. Latas trago para o parque porque temos várias empresas que nos vêm recolher. O vidro vai para o vidrão é claro. (Gaia - Avintes, empregada de bar do Parque Biológico, 21 anos)

Boto as embalagens de vidro no vidrão. Também tenho à minha beira para o papel, mas o papel não ponho, porque eu tenho um fogão a lenha e guardo para atear o lume. (Gaia – Crestuma, empregada da Câmara Municipal, 46 anos)

Aproveito as garrafas de vidro e o que seja mais papéis sempre tento queimar (Gaia – Coimbrões, peixeira, 36 anos)

Vasilhame, papelão e latas levo para a reciclagem. (Gaia – Avintes, empregada do bar do Parque Biológico, 50 anos)

Sim, separo o vidro. Tenho ali um vidrão e há mais ali para cima e boto o

vidro no vidrão e vem a fábrica de vidro buscá-lo e transportam-no para a fábrica. (quanto ao papel...) isso eu queimo. (Gaia- Crestuma, reformado, Γ, 65 anos)

As pilhas e o destino a dar-lhes mereciam dúvidas:

[...]tenho gavetas cheias de pilhas sem saber o que vou fazer e sem saber para onde vão. (Tavira, Tradutor, Γ, 49 anos)

4.3.6. A utilização dos ecopontos

Perguntámos detalhadamente qual era a forma de utilização dos ecopontos conhecidos, de que se destacava o vidrão. Tentámos perceber como é que este elemento foi introduzido na vida quotidiana das populações inquiridas. Indagámos há quanto tempo a pessoa utilizava o sistema, por que razão o fazia, e com que frequência

Faço distribuição das garrafas no vidrão e das revistas, dos jornais e papel, que consumo toneladas por mês, no papelão. (Tavira, Tradutor, Γ, 49 anos)

divide-se e mete-se à parte (o vidro doméstico) junto com os vidros da Pensão (e dá duas idas ao vidrão por semana. Não consumo muito papel por isso não me compensa guardar. (Tavira, proprietária de pensão, 50 anos)

Quando tenho garrafas vou pôr no vidrão. Ainda aí ontem pôs uma mão cheia de garrafas. Por semana posso ir uma vez ou duas.; Papel não tenho.; Se houvesse onde depositar os plásticos era melhor ainda. Aqui em Tavira já há contentores onde pôr os plásticos do outro lado da Corredoura. (Tavira, comerciante, Γ, 59 anos)

Vou ao vidrão pôr as garrafas quando tenho. Vou cerca de 2 vezes por semana.; Soube que era um vidrão e comecei a ir lá.; O papel ouvi dizer agora, mas aqui o papelão ainda não há, vão é dar numa igreja para benefício de qualquer coisa. (Tavira, vendedora de imobiliária, 49 anos)

Quando vou ao mercado ponho o vidro no vidrão. Porque a maioria das pessoas deitava tudo junto, e não nos recipientes próprios e pensei porque é que não hei-de separar. Ainda há muito poucos e talvez estejam mal situados. (Tavira, gasoleiro, Γ, 33 anos)

A minha patroa é que faz isso (lidar com o vidrão)... há uns doze ou treze anos (que o sistema é usado)... tinha lá muitas garrafas em casa...

normalmente até há poucas... depois leva-se e joga-se para o vidro. A minha casa fica talvez a 200 metros do vidro. (Tavira, reformada, 72 anos)

uma vez por semana (vai ao vidro). Já há uns 4, 5 anos que temos aqui em baixo, que puseram. Quase toda a gente vai. Se fosse mais longe não sei o que faria, aqui ao pé sei, agora longe não. Foi desde que puseram o vidro, fomos pôr ali. (Tavira, polícia, Γ, 45 anos)

É a minha mulher que geralmente vai. Quando juntamos 3,4,5 garrafas então vai-se ao vidro.. A razão é para não misturar com outras embalagens outro lixo. Foi por ver o vidro e saber para que serve (que começou a utilizá-lo). Há 7,8 anos que existe cá em Tavira. (Tavira, gerente de estabelecimento, 24 anos)

Às vezes, muito raramente, separo o vidro, mas não temos ao pé de casa, lá só há mesmo o contentor normal. (Tavira, estudante, Γ, 22 anos)

Há cerca de uns três anos que já vou ao vidro. (Tavira, estudante, 21 anos)

Já punha em Lisboa e aqui comecei a pôr quando apareceram em Luz de Tavira. O carro anda sempre cheio de garrafas para serem despejadas. (Tavira, professora de educação visual, 45 anos)

Há uns quatro anos [...] Sabia da existência de outras cidades, p. ex. eu já vivi em Lisboa e quando cheguei aqui já tinha consciência para que é que servia [...] Penso que há muita coisa a fazer. As coisas estão ainda a um nível muito citadino: fora de Tavira, pouco ou nada há e fora de Tavira mora tanta gente como em Tavira [...] A consciência ecológica continua a ser privilégio dos intelectuais. (Tavira, director de escola, Γ, 35 anos)

Vou com frequência. Fui porque vi e achei ótima a ideia e fiquei contentíssima sempre que aparece um sinalzinho de civilização, e vejo que as pessoas estão atentas para o ambiente, a humanidade sobe na minha consideração e fico mesmo muito contente, mesmo que sejam estes pequeninos sinais, fico mesmo muito satisfeita. (Tavira – Luz, doméstica, 52 anos)

Quando tenho garrafas vou lá pôr, mas eu é raro ter. Eu não compro garrafas. Sabe por ex. azeite compro no princípio do ano vou à aldeia e compro 20 ou 30 litros e trago para casa. Vinho quando compro, compro 100 litros encho as garrafas e volto a enchê-las. Só quando compro uma garrafa de vinho do Porto que não é igual às outras e que não quero é que vou pôr ao vidro.

Vou de 2 em 2 meses, às vezes até mais. Às vezes até trago para aqui para o centro os meus sacos do lixo, o vidro não. (Gaia, mecânico de automóveis, Γ, 65 anos)

A primeira (que utilizou o vidro) não me lembro, ouvia falar. Vou bastantes vezes. (Gaia - Avintes, empregada de bar do Parque Biológico, 21 anos)

Ponho as que não têm tara. Faço sempre desde que lá puseram. Falavam na TV para fazerem isso e eu fazia e muitas vezes chegava a trazer para aqui para a beira da avenida e eu moro longe, mas trazia e nunca misturei com o lixo. Agora fica pegado aos outros contentores. E tenho outro do papel e do papelão, e eu pronto também junto, skip ou isso também separo...não lavo, as garrafas não lavo por sistema. Por sistema são de vinho ou de água que não têm depósito. É perto, está limpinho, não costuma estar cheio. (Gaia, empregada de cozinha, 39 anos)

Oh, já vou há muito tempo...a primeira (vez) estava ali em baixo a trabalhar numa confeitaria, andávamos a fazer uma arrumação ao armazém e eu disse ao meu patrão “agora onde é que se deita isto? E ele disse “deita ali no vidrão” e eu disse “onde é que é o vidrão?” A gente realmente passava ali mas quer dizer olhava e via mas para aquilo que servia nunca nos apercebemos que era realmente uma coisa do lixo, e diz ele “é ali em frente na praceta, Vá ali e bote tudo lá”. Pronto foi assim que eu vi que havia o vidrão. Há dois ou três anos. (Gaia, empregada de quarto, 39 anos)

Para aí há 2 anos ou mais. Passava e via, e logo via que aquilo era próprio. As pessoas só não deitam lá o vidro porque não querem ou não têm cuidado com as coisas. (Gaia, porteiro, 54 anos)

Eu junto o vidro à parte. Sim vou. Vou desde que puseram aqui o vidrão. (Gaia – Crestuma, reformada, 63 anos)

Sim, vou desde que o lá puseram, não ponho é muito vidro porque tenho uma garrafeira e aproveito as garrafas, lavo-as muito bem lavadas e encho-as de vinho. (Gaia- Crestuma, reformado, 65 anos)

Fui a última vez na Terça-feira passada. Deitei quatro garrafas. Não me lembro da primeira vez, não faço a menor ideia, mas já há muito tempo que venho deitar. Tenho a impressão que foi na televisão, mas também via os outros a deitar e a minha filha também me dizia “Oh Mãe vamos deitar o vidro ali, não deites no latão que a gente corta-se”. (Gaia, empregada de limpeza, 46 anos)

Dantes ía aqui ao Largo de Santo Ovídio que tem ali um vidrão e o papelão, mas desde que tenho um vidrão na minha rua passei a ir lá pôr (cerca de 5 anos); Vou mais ou menos de 2 em 2 semanas; Comecei a ir porque é uma maneira de aproveitarem o vidro. (Gaia, auxiliar de educação, 39 anos)

Por mês vamos cerca de 4 vezes, não mais; Vamos de carro, é cerca de 1,5 KM.; Vamos há muito tempo(há cerca de 10 anos), íamos a vidrão muito antigo que não tinha as formas normais destes novos. Agora foi substituído por um verde e puseram outro amarelo ao lado. (Gaia, estudante, 20 anos)

Onde eu moro não há nada disso (ecopontos). As garrafas ponho num saco ou isso e depois leva-se. Eu não sei (última vez que foi ao vidrão), é

conforme a necessidade; Vou (ao vidrão) desde que existe (não há mais de cinco anos) porque é melhor para aproveitar, e nem é seguro deitar os vidros com os outros lixos, pode causar acidentes, não é. (Gaia - Madalena, enfermeira, 42 anos)

Já há bastante tempo que vou ao vidrão, mais de cinco anos. Quando é garrafas que não têm devolução, eu junto tudo numa saca e vou lá pôr. Vou pouco, são poucas garrafas lá em casa; Porque as pessoas dizem que aquilo depois é aproveitado e é preferível ir, não custa nada mas tenho de reconhecer que se estivesse longe de mim não ia. Uma pessoa que trabalha e que esteja com a lida da casa não vai perder aquele bocadinho que faz diferença. Se tiver passagem por lá ainda ia (até 500 m), se não, não sei. (Gaia, empregada de limpeza, 45 anos)

Desde que vim para aqui morar puseram o vidrão (2 anos). É mesmo à beira de minha casa, para entrar no carro tenho de passar nos vidrões, se fosse mais longe era capaz de não fazer isso; Fui (pela última vez) a semana passada. No Porto, onde eu morava, não havia, deitava tudo para o lixo; Acho que é importante, é uma maneira de aproveitarem o vidro. (Gaia, gestora de loja, 33 anos)

Vou uma vez por semana; Já vou há bastante tempo (mais de 5 anos); Ouvi na TV dizer que seria bom deitar para aproveitarem o vidro e seria melhor do que deitar nos contentores, onde até as pessoas se podiam cortar. (Gaia – Crestuma, empregada da Câmara Municipal, 50 anos)

Só depois de vir da Alemanha é que comecei a ir ao vidrão (desde Abril 97). O papel é que vai tudo junto. Onde eu moro só temos contentores para o lixo todo, nem vidrão temos. Eu é que junto o vidro e depois trago comigo e ponho aqui no vidrão do Parque; Trago mais ou menos de 2 em 2 meses; está em boas condições, acho que sim; Se houvesse ao pé de mim é que devia ser, ter também outros contentores para outros lixos; Até 500 metros (como distância máxima a percorrer) estava bem. (Gaia – Avintes, vigilante do parque, 35 anos)

Desde que eles botaram aqui que eu vou. Já foi há bastante tempo (5 anos pelo menos). Eu não sei, mas (vou ao vidrão) aí 2 vezes por mês. Achei que era melhor o vidro não ir para o lixo e eles puseram aqui à nossa beira e comecei a ir lá pôr. (Gaia – Crestuma, empregada da Câmara Municipal, 46 anos)

Tenho essa preocupação de separar os vidros. Não tem dias, junto assim uns poucos e a minha filha leva no carro e põe no vidrão. Já há muito tempo que separo, desde que há o vidrão (mais de 5 anos); Agora as revistas e os jornais deito muito bem deitado, a não ser quando há umas campanhas nas escolas que pedem e a gente dá. Senão ponho num saco transparente ao pé dos sacos dos lixos, os lixeiros levam e se quiserem aproveitam eles. (Gaia – Aguda, reformada, 69 anos)

Como disse vou ao vidrão e à papeleira; A última vez que fui ao vidrão foi a semana passada, ponho no carro e levo; Por acaso tenho 2 vidrões na minha rua distanciados aí uns 100 m, papelões é que não há; Da existência soube através do jornal e da TV; Comecei a ir lá porque misturava tudo e tornava-se pesado ao pôr na rua para levarem e também pensei que se era possível aproveitar o vidro não havia necessidade de estar a misturar tudo (Gaia – Santo Ovídio, porteiro da escola, 47 anos)

Desloco-me aos vidrões cada qual no seu sítio. Tem de ir tudo bem lavado para não acumular cheiros. Antes de deitar damos uma passadinha de água e estão é que pomos lá. Foi no fim-de-semana (a última vez que foi); Já vai algum tempo (que foi a primeira vez), 3 ou 4 anos, não sei se mais; Desde que começaram a pôr, achei que devia ir colocar nos sítios próprios. (Gaia – Avintes, empregada do bar do Parque Biológico, 50 anos)

Enchemos um caixote grande e levamos de carro até ao vidrão mais próximo, que até fica relativamente longe; (faço-o) desde que (os vidrões) existem....é uma pena estragar-se o vidro...é perigoso, não se pode colocar em qualquer sítio (Gaia, professora de alemão, E, 50 anos)

Uso o vidrão e acho prático, fui lá pela última vez há quinze dias (Gaia, bibliotecária, E, 35 anos)

uso o vidrão há cinco anos, porque vi ir aos vidrões onde havia de deitar garrafas (Gaia, empregada de bar, E, 33 anos)

4.3.7. Exploração de alternativas

Apesar da grande adesão à utilização do ecoponto do vidro e ainda de alguns outros materiais, e da mencionada disponibilidade para adoptar integralmente este sistema, procurámos saber se a prática de deslocação aos ecopontos era vista como a ideal ou se seria preferível o sistema de recolha a domicílio dos materiais já separados, como se pratica nalguns países. Apenas alguns indivíduos declararam, por razões de comodidade, preferir a colecta a domicílio.

Preferia que fossem recolher a casa . Se fosse longe era preferível guardar em casa do que ir lá depositar. Ir recolher a casa é sempre mais vantajoso...é a lei do menor esforço. (Tavira, gerente de estabelecimento, 24 anos)

Desde que não cheirasse mal dentro de casa, não me importava de juntar e eles virem buscar. Em Lisboa também vão buscar. Achava bem para o lixo não andar tão espalhado como aqui. (Contudo, afirmou que por razões de falta de espaço, preferia que a C. M. colocasse perto de sua casa recipientes próprios para depositar os diversos materiais recicláveis).(Tavira, doméstica,

sexo feminino, 59 anos)

Pronto, também não me fazia diferença. Tinham era que vir. E tinha que lavar por causa dos cheiros. Se viessem receber eu tinha-o guardado. (Gaia, empregada de cozinha, 39 anos)

Ah, ir buscar todos os dias acho que era melhor, ou dia sim dia não (Gaia, empregada de quarto, 39 anos)

Eu penso que aí terá que ver com o sistema da Câmara, talvez o melhor sistema dá uns resultados numa Câmara e outros noutra.

Eu era capaz de preferir separar, pôr à porta e sabia que naquele dia vinham recolher. Também nunca acumulava muita coisa. (Gaia, lojista, 47 anos)

Se fosse em casa era mais simples, talvez. (Gaia - Madalena, enfermeira, 42 anos)

Separava em casa, depois guardava e levavam, uma pessoa assim está mais à vontade, não tem que se preocupar a procurar os sítios para colocar os vários lixos. (Gaia – Avintes, vigilante do parque, □, 35 anos)

Também pode ser separar em casa com sacos diferentes, sim até era melhor. O espaço é que é sempre um problema. (Gaia, professora de Português - Francês, 25 anos)

Olhe achava melhor que me viessem buscar, a gente assim podia fazer isso a toda a hora em nossa casa e não tinha que se deslocar. (Gaia – Aguda, reformada, 69 anos)

Era preferível virem buscar. Metia o saco na arrecadação, mas era preciso que eles viessem nesses dias e não deixassem as pessoas acumularem o lixo em casa. (Gaia – Santo Ovídio, porteiro da escola, □, 47 anos)

Para mim era melhor que viessem cá porque não tenho carro e ainda fica um bocadinho longe. (Gaia – Avintes, empregada do bar do Parque Biológico, 50 anos)

A maioria dos nossos entrevistados declarou porém preferir claramente o sistema de ecopontos. Os motivos indicados agupavam-se em torno da limpeza e arrumação da casa, que ficaria ameaçada pela acumulação de materiais recicláveis, da liberdade de dispôr do seu tempo e fazer o que se quer, e quando se quer, com os seus lixos; e ainda da dificuldade em imaginar um sistema de que não têm qualquer experiência, por oposição a um outro que conhecem bem. Os entrevistados de Tavira

foram particularmente categóricos na sua preferência pelo actual sistema, se bem que em Gaia também muitos afirmassem preferir os ecopontos:

No meu caso particular não tem sentido esperar pela recolha em casa, prefiro deslocar-me aos pontos de recolha. (Tavira, Tradutor, sexo masculino, 49 anos)

Prefiro ir entregar. Isso pode-se acumular, o espaço também é relativo. Uma pessoa às vezes pode ter quantidade e outras não e quando tem pode logo ir pôr, é muito mais fácil.(Tavira, proprietária de pensão, sexo feminino, 50 anos)

Ía pôr lá, como não gosto de ter os sacos aqui em casa. Muita quantidade em minha casa não. (Tavira, doméstica, sexo feminino, 60 anos)

É melhor ir aos contentores. Isso assim ía-se amontoando e não dá. Se houvesse vários contentores, punha-se, dividia-se. (Tavira, comerciante, □, 59 anos)

Desde que seja próximo ou dentro da minha passagem, sem ter de andar de propósito aqui e acolá isto tudo a pé, prefiro ir colocar nos recipientes. Uma pessoa está sujeita a sair, ir de férias e depois fica o lixo em casa, não gosto de estar a depender. (Tavira, vendedora de imobiliária, 49 anos)

Não posso dizer nunca fiz não sei se seria capaz. O vidrão é melhor. (Tavira, taxista, □, 70 anos)

Prefiro um contentor apropriado.(Tavira, reformada, 72 anos)

Prefiro ir pôr [aos ecopontos] porque em casa começa a juntar e assim não porque quando a gente tem 2 ou 3 garrafas vai ali pôr e da outra forma tinha de saber quando eles vinham cá buscá-las. (Tavira, polícia, □, 45 anos)

Esperar uma semana pela recolha em casa, isso é ridículo. Nem um dia o lixo deve ficar em casa. Eu acho que de 6 em 6 horas tem que estar fora de casa. Nós aqui abrimos às 11h e às 15 quando fechamos o lixo tem que ir para o caixote do lixo. Depois voltamos a abrir às 18h e o lixo vai novamente para o caixote às 23h. Não deve haver dias estipulados para a recolha, as pessoas, cada uma vai quando quer e lhe apetece. Porque estamos constantemente a fazer lixo. (Tavira, empregada de café, 22 anos)

Penso que são higiénicos. Prefiro o vidrão... virem a casa não porque depois não vinham : E eu tenho carro o que não me dificulta as deslocações ao vidrão. (Tavira, gasoleiro, □, 33 anos)

é sempre melhor as pessoas deslocarem-se porque senão era uma despesa terrível, mas por outro lado, virem bater à porta para buscar o lixo, as pessoas até se sentiam incomodadas por lhe irem bater à porta. Quem tem

obrigação são as pessoas que consomem, e não custa nada pôr aquilo num saquinho ou passar por um vidrão e colocar. (Gaia, mecânico de automóveis, □, 65 anos)

Isso (guardar em casa) já seria um pouco mais chato porque nem todas as pessoas têm uma arrecadação própria para isso. Isso até era uma ideia boa, mas isso dificilmente daria resultado. O que haviam era de colocar os vidrões em muito mais sítios e em maior quantidade. Porque se as pessoas o tiverem perto de si, ah aí é muito mais fácil. Às vezes as pessoas não fazem porque as coisas estão longe e as pessoas não estão para se deslocar. (Gaia, porteiro, □, 54 anos)

Como há pessoas que vão pôr o vidro, quase toda a gente pelo menos que eu conheço tem esse cuidado, também o teriam para as garrafas plásticas se houvesse contentor próprio.. Como não há vai tudo para o lixo. É um pouco complicado acumular o lixo em casa e ninguém gosta de ter lixo em casa, não é? (Gaia, empregada do bar do ISLA, 48 anos)

Preferia um género de vidrão para o plástico, e mais contentores mas sempre lavadas. Se me puserem à porta, então, não custa nada, chegar e botar. A gente pega em 2 ou 3 garrafas e nem precisa de pô-las num plástico. (Gaia, lojista, 39 anos)

Com a vida que eu tenho posso deslocar-me aos vidrões. (Gaia, vendedor de automóveis, □, 24 anos)

Eu acho que é mais fácil levar ao depósito porque escusava de esperar. (Gaia, empregada de limpeza, 46 anos)

Preferia que houvesse (ecopontos) perto de minha casa e ia directamente. (Gaia, auxiliar de educação, 39 anos)

Penso que se houvesse nas cidades diferentes contentores de separação, não custava nada as pessoas irem lá. Eu ainda não conheço esse sistema, mas parece-me que as pessoas preferiam fazer em casa, já que há a tendência para serem um bocado comodistas. (Gaia, estudante, □, 20 anos)

As casa não são grandes, não ia ter ali diariamente . Preferia deslocar-me se fosse perto, porque eu às vezes já estou pronta a dormir e se forem coisas que cheiram mal ou isso, como o peixe, eu venho cá abaixo pôr o saco. (Gaia, empregada de limpeza, 45 anos)

Prefiro o sistema como os vidrões, nem sempre estamos em casa, acumulava mais o lixo em casa, muitos sacos, muitas garrafas, era mais difícil. (Gaia, gestora de loja, 33 anos)

Era melhor ir colocar nos sítios. Eu gostava mais. (Gaia – Crestuma,

empregada da Câmara Municipal, 50 anos)

Se houvesse os sítios era melhor que guardar em casa. (Gaia – Crestuma, empregada da Câmara Municipal, 46 anos)

Houve ainda um ou outro comentário de carácter misto, em que a ideia de recolha a domicílio suscitava adesão mas o desconhecimento do sistema a refreava:

O problema é que depois vão buscar a casa e a pessoa não está. Se for pôr na rua por exemplo a um determinado dia da semana, isso seria ótimo. Bom, as embalagens acho que não há problema nenhum mas os restos de comida não (só uma semana) ; mas não posso falar pelas outras pessoas porque eu tenho uma cozinha/casa muito grande. Acho que no resto das casas isso é capaz de dar uma certa confusão. (Tavira – Luz, doméstica, 52 anos)

Para mim seria indiferente (24 gaia)

Se calhar era preferível (a recolha a domicílio) mas também tinha o inconveniente de Ter que estar 1 semana a ocupar espaço. Se houver um ecoponto perto é melhor, a pessoa sai de casa para ir para o emprego e leva os saquinhos e fica com espaço em casa. (Gaia - Avintes, empregada de bar do Parque Biológico, 21 anos)

4.3.8. O antigo “depósito”

Retomando o tema do valor do lixo, e após ter explorado os hábitos de separação e entrega voluntária e gratuita dos vidros usados, abordámos um tema referido espontaneamente por alguns: o “depósito”. Perguntámos se preferiam a simples entrega de garrafas em ecopontos ou a entrega destas a lojistas contra valor monetário. As respostas agrupam-se entre uma minoria que considera o sistema de depósito válido, útil, vantajoso e benéfico, e uma maioria que o considera incompatível com os hábitos instalados; a este raciocínio acrescenta-se um outro, apresentado por alguns, relacionado com as vantagens que a reciclagem do vidro pode trazer para a colectividade.

Dos que apoiam o sistema de depósito, as razões variam entre manter um sistema que era bom ou voltar a instaurá-lo como se fosse novo:

Se isso fosse uma coisa que fizesse falta para o comerciante levar depois, achava melhor. (Tavira, doméstica, sexo feminino, 59 anos)

Também era uma solução. Até porque o vidro e o papel valem dinheiro.
(Tavira, comerciante, 59 anos)

Ainda há alguns que fazem. A tara tem preço, valor. Para o vidrão vão aqueles que não têm preço. Talvez o sistema de tara fosse melhor porque as firmas que trabalham com essas embalagens depois vão fazer a sua reciclagem para outro lado. (Tavira, gerente de estabelecimento, □, 24 anos)

Tara perdida não concordo, acho que devia haver tara porque a tara perdida só vai para o vidrão quando vai, porque há muitos cafés e restaurantes que não estão sensibilizados para isso e vai tudo para o lixo comum. Só para aí 20% faz separação do vidro. Dando tara à garrafa vamos estar a economizar muito porque aquela garrafa vai ser utilizada várias vezes enquanto a outra que vai para o vidrão terá que se gastar energia, químicos, poluir para se fazer outra, ou seja, porque para se fazer a reciclagem também se polui e gasta outras coisas. (Gaia - Avintes, empregada de bar do Parque Biológico, 21 anos)

Era capaz de ser melhor (haver depósito para vários materiais)... talvez porque receberia dinheiro em troca e talvez porque começassem já a pensar que há coisas que podem ser aproveitadas, que podem ter utilidade, apesar de serem no fundo lixo, mas terem uma rentabilidade. (Gaia, lojista, 47 anos)

Acho que fazia menos lixo. (Gaia – Avintes, empregada do bar do Parque Biológico, 50 anos)

Alguns apontam opiniões intermédias, vendo vantagens em ambos os sistemas:

Sim, eu pago isso. Sim, recupero porque pago. Eu em parte acho melhor as que pagam tara do que as que se deitam fora. Mas cada qual tem o seu sentido. Agora a maioria até já é para ir para o vidrão. (Gaia, empregada de cozinha, □, 39 anos)

Se for tara, há muitas pessoas que não gostam de deixar dinheiro no depósito e eu não costumo deixar de levar (às lojas) só em casos de gente conhecida, vizinhos que sabem que eu mais cedo ou mais tarde levo as garrafas. Agora essa coisa da tara não perdida era capaz de ser bom, não havia tanto lixo, tanto vidro perdido, embora houvesse mais trabalho para quem tem mais vasilhame. Mas para limpeza a tara recuperável era capaz de ser melhor. (Gaia, mecânico de automóveis, □, 65 anos)

Se houvesse (depósito) talvez houvesse incentivo para não se deitar tanto fora, poluindo o ambiente... vejo tantas garrafas de plástico pelo chão, espezinhadas... mas preferia o plástico... era muito mais prático (PA gaia)

Não sei... (Tavira, doméstica, sexo feminino, 60 anos)

Sempre vejo algum lucro (na tara recuperável), mas também é chato estar a ir ao supermercado por 20 escudos, por exemplo. Se tivesse recipiente é muito mais fácil de certeza. (Tavira, estudante, 22 anos)

Levo-as ao Pingo Doce. Tanto me faz uma coisa como outra. Também são mais caras as garrafas que têm devolução do que as outras. (Gaia, empregada de limpeza, 46 anos)

Se fosse para receber a gente tinha a preocupação de ir lá levar. Mas se houvesse mais desses sítios de para pôr os plásticos e mais perto das pessoas, eu por ex. nunca reparei neles, e se elucidassem a gente como havia de fazer eu até acho que era melhor. Assim a gente, na verdade, é a lei do menor esforço, bota-se tudo na saca do lixo e lá vai. (Gaia, empregada de limpeza, 45 anos)

A maioria prefere o sistema da tara perdida e do vidrão, quer pela utilidade colectiva quer pela sua praticidade:

Bem, do ponto de vista comodista e da utilização, é mais prático deslocar-me ao lojista do que me deslocar ao vidrão no centro da cidade. Embora pense que, tanto num como no outro, é reciclagem, não é? E pessoalmente acho preferível o sistema de vidrão. Porque, através do sistema de vidrão estou a beneficiar outras pessoas, quando, como é o caso em Tavira, esse dinheiro serve para ajudar não sei o quê ou colocar bancos nos jardins, ou... (Tavira, director de escola, □, 35 anos)

O vidrão parece que é um bem porque o dinheiro vai para as crianças, para ajudar. Pelo menos é o que a gente ouve e eu confio no Presidente da Câmara (Gaia- Crestuma, reformado, □, 65 anos)

Agora é muito raro, já não tenho garrafas dessas (de depósito). Eu acho que talvez não (valha a pena) porque se pusermos no latão serve para outras coisas, recolhem para outras coisas. E muitas vezes a pessoa comprava uma garrafa de vinho estava 2 ou 3 dias em casa e depois já não dava jeito ir levá-la, ia fora. (Tavira, polícia, □, 45 anos)

Eu acho que os hábitos de consumo estão a tornar a todos mais comodistas e a tendência é para acabar com qualquer espécie de sistema que seja de troca de garrafas e coisas assim. (Tavira, Tradutor, sexo masculino, 49 anos))

Nem sei se era melhor o depósito. Para andar com uma garrafa para trás e para a frente é mais barato comprar outra. O espaço de armazenamento é um grande impedimento para os comerciantes e encarece muito. (Tavira, proprietária de pensão, sexo feminino, 50 anos)

O melhor é juntar todos os plásticos e embalagens e ir pôr nesse recipiente próprio. (Tavira, vendedora de imobiliária, 49 anos)

O sistema do vidrão acho que é melhor. (Tavira, taxista, □, 70 anos)

Prefiro o vidrão do que ir ao supermercado e trazer o dinheiro. (Tavira, reformada, 72 anos)

Acho que não tem vantagem nenhuma. A garrafa não devia ter tara nenhuma. Devia ser um sistema sem depósito. Tudo devia ir para as garrafeiras ou então entregavam-se nos próprios estabelecimentos. (Tavira, estudante, 21 anos)

Acho que é melhor o vidrão porque depois as pessoas não entregavam - eu falo por mim. Se calhar era melhor as taras, mas isso implica coisas muito graves: o comerciante ter um armazém muito grande, logo um esforço financeiro acrescido e também humano. O melhor para a saúde é o vidro e hoje já estamos que é muito melhor que o plástico. Mas é muito cómodo pôr no vidrão, vou guardando as garrafinhas e depois vou levando ao vidrão. No nosso dia-a-dia já não temos vida para ir entregar no supermercado as garrafas. (Tavira, professora de educação visual, 45 anos)

É só porque as pessoas hoje em dia têm tão pouco tempo que até ponho algumas dúvidas se elas guardavam e transportavam e iam receber o dinheiro, porque temos outra noção do tempo, agora é mesmo a sociedade do “deita fora” e mesmo assim tem-se a noção que todos os dias ficam com imensa coisa por fazer. (Tavira – Luz, doméstica, 52 anos)

não bebo bebidas alcoólicas, mas quando compro, quando vão lá os meus filhos ou assim, eu isso compro com tara e depois devolvo-as e compro outras novamente... acho bom por um lado, mas por outro acho que uma pessoa perde muito mais tempo a estar à espera na bicha que nos dêem o dinheiro, que às vezes até desistimos e não recebemos nada e vamo-nos embora. Acho que a tara perdida é capaz de ser mais fácil. (Gaia, empregada de quarto, 39 anos)

se há garrafas que se paga a tara, devolvo novamente ao merceeiro aos supermercados; as outras vão para o vidrão. Eu achava melhor que todas fossem para o vidrão, era mais higiénico porque a gente não sabe para onde elas vão e depois como vêm novamente outra vez. E no fim de contas, acho que era mais próprio para o vidrão do que andar a devolver garrafas com tara e não saber para onde elas vão. (Gaia, porteiro, □, 54 anos)

Para a pessoa da loja não é bom (taras), porque é muito mais prático o plástico, e assim como há contentor do vidro podia haver para bebidas de plástico porque o que faz o lixo em casa é o pacote do leite, coca-cola, etc. (Gaia, empregada do bar do ISLA, 48 anos)

Acho que é melhor a reciclagem, ao fim ao cabo deposita-se mas para a reciclagem. (Gaia, vendedor de automóveis, □, 24 anos)

Confio mais no vidro, porque quando pomos uma garrafa ela parte-se e parece-me a mim que vão aproveitar aquilo para alguma coisa. (Gaia, estudante, □, 20 anos)

Acho melhor pôr nesses recipientes próprios, nas ruas, perto das casas... Se a pessoa tiver noção de que é prejudicial, não é preciso receber nada. Nós é que estamos a ser beneficiados em proteger o ambiente dos cheiros e dos lixos, bem eu por mim penso assim. (Gaia - Madalena, enfermeira, 42 anos)

Eu prefiro o género de vidro do que o sistema de andar carregado com as garrafas para o supermercado. (Gaia, gestora de loja, 33 anos)

Prefiro deitar nos contentores como o vidro, é melhor deitar logo para os contentores próprios para se aproveitar. (Gaia – Crestuma, empregada da Câmara Municipal, 50 anos)

Eu acho que as pessoas já não ligam muito a isso (depósito). E lá fora as pessoas não pagam para fazer, as pessoas fazem porque querem, eu gostava que fosse assim, que pusessem o lixo cada qual no seu sítio porque querem. Lá fora as Câmaras é que ganham com isso e as pessoas aderem porque querem. (Gaia – Avintes, vigilante do parque, □, 35 anos)

se (o plástico com tara) for para ser aproveitado como o vidro, acho melhor haver como o vidro. (Gaia – Crestuma, empregada da Câmara Municipal, 46 anos)

Se é para aproveitar os plástico, penso que deve partir da vontade própria das pessoas em aderirem. (Gaia, professora de Português - Francês, 25 anos)

Não sei, se for para aproveitar as embalagens é melhor o sistema do vidro. (Gaia – Aguda, reformada, 69 anos)

É preferível o sistema tipo vidro por 2 razões: por uma questão de higiene e porque, penso eu, estes materiais reciclados estão a criar postos de trabalho. (Gaia – Santo Ovídio, porteiro da escola, □, 47 anos)

Acho que é melhor o sistema do vidro. (Gaia – Coimbrões, peixeira, 36 anos)

4.4. Motivações

No último grupo de questões, procurámos levantar as motivações dos entrevistados relativamente à separação e diminuição dos resíduos domésticos, bem como ao seu reaproveitamento. Outro dos aspectos focados procurou, por um lado, auferir a percepção dos inquiridos em relação à motivação dos outros (vizinhos, amigos, familiares) para aderirem a estas acções e, por outro, auscultar as suas opiniões acerca dos mecanismos de sensibilização a promover no âmbito de uma participação mais alargada.

A análise das motivações revela a sua pertinência como instrumento exploratório ao permitir, através dos testemunhos deixados, avançar e aprofundar sugestões inovadoras para um maior envolvimento dos indivíduos. Através do conhecimento actualizado sobre as motivações dos entrevistados, torna-se possível a reflexão de estratégias que visem estimular a adesão a comportamentos ambientais e a auto-confiança dos indivíduos a participarem em acções de intervenção. Considerando que é imprescindível considerar as populações como participantes activos nestes processos, procurou-se equacionar que práticas de triagem os sujeitos estão dispostos a aderir no tratamento dos seus lixos domésticos.

4.4.1. Motivação pessoal

Foi perguntado que **práticas de separação estariam dispostos a efectuar como forma de ajudar mais no processo de recolha do lixo**, desde a divisão dos materiais recicláveis (vidro, papel, plásticos, pacotes, latas) e o seu acondicionamento em recipientes diferentes (ter em casa mais do que um recipiente para o lixo), até à realização dos procedimentos necessários para levar a cabo uma triagem eficaz, como amachucar os materiais (melhor acondicionamento nos recipientes), amarrar o papel e cartão em fardos e lavar as embalagens.

Relativamente a este grupo de questões os entrevistados de Tavira e de Vila Nova de Gaia, revelaram posicionamentos semelhantes, pelo que tratámos os resultados em conjunto. E, apesar do leque diversificado que caracteriza os entrevistados em ambas as localidades relativamente a idade, sexo, actividade

profissional e proveniência geográfica, não se assinalam diferenças significativas que justifiquem o tratamento da informação em separado.

Em traços largos, verifica-se que grande parte dos inquiridos estão receptivos à separação de diferentes tipos de materiais (vidro, papel, plásticos, pacotes, latas). No que respeita aos cuidados a ter na separação do lixo reciclável (amachucar, amarrar, lavar), a maioria dos entrevistados também demonstrou vontade de aderir, avaliando positivamente a execução dessas práticas. Pontualmente destacam-se alguns indivíduos que por sua própria iniciativa já realizam estas acções.

[Evidenciou estar disposta a separar, amachucar e lavar as embalagens se houvesse recipientes próprios: Que trabalho dá isso amachucar ou lavar as embalagens, não dá trabalho nenhum.] (Tavira, doméstica, Γ, 59 anos)

[Mostrou-se disposta a separar diversos materiais, lavar, amarrar, amachucar, e a ter mais do que um recipiente para o lixo: Não me importava de fazer tudo isso de separar os materiais.] (Tavira, vendedora de imobiliária, E, 49 anos)

Se fosse organizado e valesse a pena pois com certeza. Se tivesse que separar o lixo também separava. Se tivesse muito papel, teria que separar se não fosse muitas quantidades. Lavar: teria que ser porque senão vinham os maus cheiros. (Tavira, taxista, Γ, 70 anos)

Já separo por materiais, como vos disse, e lavo e espalmo os plásticos e amarro os jornais e revistas. (Tavira, estudante, E, 21 anos)

Sim, reduzir o volume das embalagens, lavar os pacotes do leite para não ganharem cheiro, espalmar, faço sempre tudo isto. (Gaia - Avintes, empregada de bar do Parque Biológico, E, 21 anos)

Também já tenho uma coisa para o papel e estava disposta, o pior são as outras pessoas. Eu gosto de ter a casa limpa, mas também gosto de passar na rua e tê-la limpa. (Gaia – Crestuma, reformada, E, 63 anos)

Estou disposto a ajudar mais, nomeadamente a separar mais quando tiver a minha casa.

(lavar) Estava, e estou sensibilizado a tudo a que diga respeito à natureza e ao ecossistema. (Gaia, vendedor de automóveis, Γ, 24 anos)

Não me importava nada (lavar, amachucar, amarrar). Sim, tenho espaço (vários recipientes, separar materiais). Às vezes lavo as embalagens, de leite e assim, e aproveito para deitar restos de pequenos lixos e já não vai a cheirar tão mal para a saquinha. (Gaia – Crestuma, empregada da Câmara Municipal, E, 50 anos)

Sei que devia separar, mas não faço isso. Claro que estaria disposta a fazê-lo, a lavar, amarrar, amachucar já se faz para ocupar menos espaço no caixote. (Gaia – Crestuma, empregada da Câmara Municipal, E, 46 anos)

Já separo diferentes materiais e lavo para não ganhar cheiro; tenho vários recipientes para os colocar, do lado de fora do meu quintal. (Gaia – Avintes, empregada do bar do Parque Biológico, E, 50 anos)

Embora esteja patente a disponibilidade para a separação doméstica, ressalta, com frequência, um desconhecimento em relação tanto à forma de proceder, como aos objectivos dessa triagem.

São coisas que eu desconheço, mas eu acho que devia haver qualquer coisa assim. (Tavira, proprietária de pensão, E, 50 anos)

Talvez se houvesse mais informação fosse melhor. (Tavira, comerciante, Γ, 59 anos)

Se me pedissem até fazia. Se tiver utilidade, separava e guardava e se lavar não tem cheiro, pois lavava e amachucava. (Tavira, doméstica, E, 60 anos)

Segundo aquilo que sugerissem eu estava disposta a fazer, não me custa separar (diferentes materiais). Claro que estava, se isso é bom para o ambiente (lavar, amachucar, amarrar). (Gaia-Madalena, enfermeira, E, 42 anos)

Aparecem pontualmente indivíduos que associam a execução destas práticas, a imagens de campanhas ambientais promovidas pela comunicação social:

O que eu sei, é o que vejo nas televisões. (Tavira, polícia, Γ, 45 anos)

Ah, não me importava (separar diferentes materiais), até já tenho visto na TV sacos diferentes, não é, para cada coisa, plásticos, vidro, lixo normal? (Gaia – Avintes, empregada do bar do Parque Biológico, E, 50 anos)

É de referir, que esta disponibilidade para a triagem, surge frequentemente associada a uma prática de separação já instituída em relação ao vidro e por vezes ao papel.

Sim, eu já separo o vidro e o plástico e não custa nada. (Gaia, gestora de loja, E, 33 anos)

Eu já tenho feito isso, separado o vidro para um lado e o papel para outro. Na minha casa há muito espaço, podia-se ter vários recipientes. (Gaia, auxiliar de educação, E, 39 anos)

O papel quando não meto em sacos, já junto e ato com um fiozinho (amarrar). (Gaia – Santo Ovídio, porteiro da escola, Γ, 47 anos)

Eu separo em casa o vidro e o cartão, deito separado em 2 sacos, por isso não me custava ter mais do que um recipiente. (Gaia – Coimbrões, peixeira, E, 36 anos)

Na área urbana de Gaia, a predisposição para a triagem doméstica encontra também ligação ao sistema de depósito dos lixos domésticos praticado em diversas zonas de prédios da cidade, que consiste na deposição dos resíduos dos vários inquilinos na “casa do lixo” do prédio onde habitam. A casa do lixo, assim designada pelos entrevistados, caracteriza-se por um espaço comum existente no prédio onde os moradores podem depositar diariamente os seus sacos de lixo. Os responsáveis pelo serviço de recolha detém uma chave que lhes permite o acesso a esse espaço.

Segundo os testemunhos deixados, os resíduos domésticos devem ser colocados na casa do lixo respeitando a separação por materiais, nomeadamente procedendo à triagem do vidro, papel/cartão (amarrado em fardos) e plásticos.

Sim, eu já separo o vidro e o plástico e não custa nada. Também costumo amachucar, dobro as embalagens todas de leite, lavar é que não faço. Nós lá no prédio já amarramos os jornais e o papel com um fio e deixamos na casa do lixo; Já tenho um balde mais pequeno em que ponho as garrafas de plástico, mas nunca deixo juntar no balde como deixo o lixo. (Gaia, empregada de limpeza, E, 45 anos)

Alguns entrevistado, sobretudo em Gaia, avançam o facto de a sua participação na separação por materiais, encontrar-se dificultada pelo desconhecimento da localização dos pontos de recolha, ou mesmo pela sua distância e/ou ausência nas zonas onde habitam.

(plástico) Estava se tivesse onde o pôr. Não conheço. Punha se tivesse perto porque até fazia jeito, porque a gente usa aqueles produtos para a máquina de

lavar e é tudo plástico e até fazia jeito porque isso já é uma coisa que dá tratamento para o lixo. E assim já tinha sítio. Mas ainda não vi nenhum, nem sei onde é que esteja. (Gaia, empregada de cozinha, Γ, 39 anos)

Se não fosse muito longe ia, mas se fosse também não ia para ser franca. (Tavira, reformada, E, 72 anos)

Não sei (separar diferentes materiais), depende se estivesse perto da minha casa e houvesse locais para pôr, eu fazia. (Gaia-Madalena, enfermeira, E, 42 anos)

Não me importava nada (lavar, amachucar, amarrar, separar, ter vários recipientes). Era melhor separar. Se houvesse aqui, punha-se as sacas umas para cada banda e não custava nada. (Gaia – Avintes, vigilante do parque, Γ, 35 anos)

Concerteza que não me importava (separar diferentes materiais), nós só deitamos porque não há local para colocar. (Gaia – Santo Ovídio, porteiro da escola, Γ, 47 anos)

Para isso deviam espalhar esses tipos de contentores pela cidade, por outras regiões. (Gaia – Crestuma, empregada da Câmara Municipal, E, 46 anos)

Concerteza que não me importava (separar diferentes materiais), nós só deitamos porque não há local para colocar (Gaia – Aguda, reformada, E, 69 anos)

Outras reflexões evidenciaram a falta de práticas ecológicas por parte da população portuguesa, aludindo à necessidade de fomentar hábitos continuados de triagem.

Isso são coisas que as pessoas acabam por fazer mecanicamente. No primeiro momento pode parecer complicado, mas depois as pessoas adaptam-se e passam a fazer tudo. Eu acho que seria ideal, quanto mais redução de lixos houvesse, melhor. (Tavira, proprietária de pensão, E, 50 anos)

(...) acho que as pessoas quando têm vontade de ver as coisas limpas o trabalho não custa nada fazer as coisas desde que haja vontade. (Gaia, porteiro, Γ, 54 anos)

Sim (está disposta a separar materiais, lavar, amachucar, amarrar, ter vários recipientes), com o hábito não custa nada e tenho espaço, não me faz diferença. Já lavo e amachuco para ocupar menos espaço. Nós é que não fomos habituados. (Gaia, auxiliar de educação, E, 39 anos)

Acho que sim (lavar, amachucar, amarrar). É uma maneira de educação. (Gaia-Madalena, enfermeira, E, 42 anos)

Nas duas localidades, manifesta-se a disponibilidade para amachucar as embalagens e amarrar o papel/cartão, sobressaltando uma maior renúncia pela lavagem dos materiais, seguida pela acumulação de mais do que um recipiente para o lixo:

O espaço para estar em casa, acho que não. (Tavira, comerciante, Γ, 59 anos)

Separação de materiais/vários caixotes: eu vou ser franca, eu não me dava com isso. Dava-me muito trabalho e espaço. Espalmar, Lavar: Ai isso também não, não dava com isso (Tavira, reformada, E, 72 anos)

Lavar as embalagens, isso já não sei talvez não (Tavira, gasoleiro, Γ, 33 anos)

Quem é que está disposto a lavar uma garrafa que vai para o lixo. Duvido que alguém fizesse isso. Embora toda a gente diga que sim, que faz eu não acredito. Um bocadinho complicado. Lavar, não, separar sim. (Gaia, empregada do bar do ISLA, E, 48 anos)

Ai, isso lavar quem é que estaria disposto, ninguém. Só se fosse para aproveitar para o azeite, ou vinho. Há pessoas que realmente têm esse cuidado mas eu digo-lhe que não sei se teria esse cuidado. (Gaia, lojista, E, 39 anos)

Em casa era capaz de separar vidro, papel, o plástico, as latas, tudo bem, mas estar a lavar, se calhar não. Talvez fosse um bocadinho de trabalho a mais, depende do tempo das pessoas. O papel sim, amarrar tudo bem. (Gaia, empregada de limpeza, E, 45 anos)

Também costumo amachucar, dobro as embalagens todas de leite, lavar é que não faço. Não sei se faria (lavar), também depende do vagar (Gaia, gestora de loja, E, 33 anos)

Amachucar e dobrar não é muito trabalho, agora lavar é que já é um bocado mais penoso até porque aquilo não cheira nada bem. (Gaia – Crestuma, empregada da Câmara Municipal, E, 50 anos)

Com menor frequência, surgem testemunhos que reflectem a importância das autoridades responsáveis criarem sistemas de recompensa, enquanto mecanismos de motivação ao envolvimento das populações nestes processos:

Quem tem paciência, quando está na outra ponta da rua. Só se estiver mesmo à porta de casa. Mas se houver uma máquina que dê dinheiro de volta pelas embalagens as pessoas nem que tenham de ir não sei onde mas eles vão lá meter o vidro, o plástico, ou quer que seja. Na Suécia tudo dava dinheiro, até uma lata de coca-cola dá. As pessoas têm debaixo do lava-loiças garrafas, plásticos, tudo guardado para levar aos supermercados e lojas para receberem dinheiro de volta. E haveria pessoas que fariam recolha pela rua de certeza. Estava garantido. Nem sequer precisaríamos de ir ao lixo havia pessoas que vinham cá buscar, não tenho dúvida. (Tavira, gerente de estabelecimento, Γ, 24 anos)

Ora bem, isso era preciso que me desse algum lucro, alguma coisa, senão se no final não me desse nada eu ou qualquer outra pessoa, o que está interessada é pôr o lixo de maneira a dar o menor incómodo possível. As minhas garrafas estão sempre lavadas porque guardo as garrafas para o vinho, mas se é para deitar fora o Sr. sabe como é a gente já não está com esse trabalho. (Gaia, mecânico de automóveis, Γ, 65 anos)

Nota-se também a tendência, por parte de alguns inquiridos, em projectarem de forma comparativa as suas atitudes nos outros, responsabilizando a ausência de um comportamento ambiental colectivo pela sua menor participação no processo de triagem.

Para já não adianta porque estou eu a fazer e os outros não. (Gaia, vendedor de automóveis, Γ, 24 anos)

Dá trabalho mas se eu visse que toda a gente fazia estava disposta. (Gaia-Madalena, enfermeira, E, 42 anos)

Sim, durante 13 anos, eu e a minha mulher fizemos isso (na Alemanha). Separávamos tudo limpinho, lavado, amachucado, o cartão amarrado e tínhamos vários sítios (vários recipientes) em casa para pôr os diferentes tipos de lixo e não custava nada. Mas se for uma pessoa ou 3 a fazer isso, não dá. Porque há-de estar preocupada com o plástico, o cartão, etc., e as outras pessoas não ligarem, não vale a pena, fica tudo igual. Gaia – Crestuma, empregada da Câmara Municipal, E, 50 anos)

Há a raiva que me entra de eu estar a fazer e sair à porta da rua e ver os outros a não fazerem. (Gaia – Coimbrões, peixeira, E, 36 anos)

Apesar da disponibilidade demonstrada, presencia-se uma minoria de entrevistados que assume uma atitude indiferente relativamente ao seu envolvimento nestes processos. Deixam sobretudo transparecer razões que se

prendem ao esforço e trabalho que estas acções implicam, bem como à falta de espaço para manter os materiais recicláveis.

Não dá, dá muito trabalho. (Tavira, comerciante, Γ, 59 anos)

Eu vou ser franca, eu não me dava com isso. Dava-me muito trabalho e espaço. Se é para ser franca é para ser franca. (Tavira, reformada, E, 72 anos)

Eu não estou para isso, a mim não dá para aproveitar o papel, é capaz de ser útil, mas a nós não dá porque o papel é só uma caixa de óleo que a minha mulher compra de dois em dois meses. (Gaia- Crestuma, reformado, Γ, 65 anos)

Lavar?, acho que não, só meter para dentro do lixo, e olhe que já dá muito trabalho! (Gaia, auxiliar de educação, E, 39 anos)

4.4.2. Obstáculos

Estes entraves aparecem de forma mais marcada quando foi pedido aos entrevistados para **identificarem as maiores dificuldades que encontram na realização dessas acções**. Procurou-se através desta pergunta auscultar a percepção dos entrevistados em relação a potenciais impedimentos à sua participação na separação dos lixos domésticos, atendendo a diversos factores:

- o trabalho e o esforço inerentes à prática destas acções;
- o espaço em casa para ter vários sacos/recipientes para os materiais;
- a falta de conhecimento sobre os locais de recolha, ou a distância a que se encontram;
- a falta de informação sobre estes processos.

Da sistematização dos testemunhos recolhidos, é de sublinhar a posição dianteira que a falta de informação sobre estes processos veio ocupar na identificação das dificuldades sentidas (da totalidade dos entrevistados, 24 salientam este factor). De referir, ainda, que este entrave aparece, em grande parte dos discursos, aliado à necessidade de mais formação e do desenvolvimento de campanhas de educação ambiental.

O trabalho que dão e o espaço que ocupa, mas a falta de informação em primeiro lugar. (Tavira, proprietária de pensão, E, 50 anos)

As pessoas não estão de todo informadas e motivadas. Tudo o que não custa dinheiro, de um modo geral, como a nossa sociedade é tão alienada a esse nível, tudo o que não custe dinheiro eles não dão valor. Se calhar se eles pagassem para ir por ex. à praia e para entrar em certos espaços colectivos, já tinham cuidado com eles, mas como é de graça e eles acham que é um espaço que é livre, não pagaram para entrar, não dão muita importância, sujam tudo. Mas eu sinto que não fazem mesmo por mal. (Tavira, professora de educação visual, E, 45 anos)

(...) É também a mudança de hábitos que é um pouco lenta. (Gaia - Avintes, empregada de bar do Parque Biológico, E, 21 anos)

Acho que a maior dificuldade é a falta de disciplina que nós temos, e falta de hábito e se uma pessoa se habituar e educar é capaz de ir até Coimbra deitar o lixo se for preciso. Estamos é mal habituados a ter disciplina. (Gaia, vendedor de automóveis, Γ, 24 anos)

A falta de informação e de formação também, acho que é o pior. (Gaia, auxiliar de educação, E, 39 anos)

A informação e a própria educação e porque julgo que custa às pessoas perderem tempo com essas coisas, acho eu. Chegam a casa cansados e já não têm paciência. (Gaia, estudante, Γ, 20 anos)

Talvez a falta de informação (...) Para fazer uma coisa que é boa para a saúde das pessoas, o trabalho não me preocupa. (Gaia-Madalena, enfermeira, E, 42 anos)

A falta de informação em primeiro. Acho que se uma pessoa for bem informada também vai aderindo. (Gaia, empregada de limpeza, E, 45 anos)

A falta de informação. O trabalho não me incomoda, se a gente está em casa, é só ter o cuidado de fazer essas coisas. Incomoda só os que não querem fazer. (Gaia – Crestuma, empregada da Câmara Municipal, E, 50 anos)

(...) e a informação também. O trabalho não custa. (Gaia – Crestuma, empregada da Câmara Municipal, E, 46 anos)

E a informação também é muito importante. (Gaia, professora de Português - Francês, E, 25 anos)

A informação, podia ser mais divulgado; O espaço em casa julgo que há sempre espaço, mesmo mínimo que seja, porque pouco mais ocupa que deitar para um saco só. (Gaia – Santo Ovídio, porteiro da escola, Γ, 47 anos)

(...)a informação não é suficiente. (Gaia – Coimbrões, peixeira, E, 36 anos)

(...) Há reciclagem que as pessoas não estão dentro do assunto. Se houvesse mais informação como há em relação ao vidro, acho que as pessoas também colaboravam. Gaia – Avintes, empregada do bar do Parque Biológico, E, 50 anos)

A visibilidade pública assumida face a esta dificuldade, vem igualmente ao encontro de uma responsabilização dos agentes políticos pelo fraco suporte institucional à formação social nas matérias ambientais:

A Câmara devia fazer mais propaganda disso. (Tavira, polícia, Γ, 45 anos)

A Câmara chamar as pessoas mais à atenção. (Gaia, porteiro, Γ, 54 anos)

Acho que é capaz de levar algum tempo às pessoas a habituarem-se mas vão-se habituando aos poucos. Eu volto a citar aquele sistema, o de Bruxelas, os homens do lixo que vêm recolher se apercebem que há um plástico no lixo doméstico, não o levam, o lixo fica. Aos poucos as pessoas vão-se habituando ao sistema porque se não é à sua porta que fica o lixo. Porque eu tenho a dizer-lhe uma coisa, a Câmara de Gaia deve ser das piores Câmaras do País, não liga nenhuma, não liga aos barracos, fazem propaganda mas continuam. Há Câmaras que têm tomado muito melhores atitudes. Eu digo-lhe e não tenho receio de dizer-lhe é a pior Câmara do País. Até para se resolver qualquer coisa é uma burocracia. (Gaia, lojista, E, 47 anos)

Em segundo plano, destaca-se a identificação do trabalho e do esforço inerentes à prática destes processos, à qual alguns entrevistados acrescem o factor tempo, decorrente da pouca disponibilidade permitida pelo estilo de vida contemporâneo:

O trabalho que dão (...). (Tavira, proprietária de pensão, E, 50 anos)

O trabalho que dá (...). (Tavira, doméstica, E, 60 anos)

Não dá, dá muito trabalho. (Tavira, comerciante, Γ, 59 anos)

Dá trabalho, mas já via fazer na Alemanha. (Tavira, vendedora de imobiliária, E, 49 anos)

Dá trabalho sobretudo. (Tavira, estudante, E, 22 anos)

Mas também é preciso tempo. A vida não dá para tudo. (Gaia, auxiliar de educação, E, 39 anos)

O tempo, claro, a falta de informação também. (Gaia, gestora de loja, E, 33 anos)

No dia-a-dia, neste corre-corre das pessoas é complicado estar a ter a preocupação de separar os vários lixos, é complicado, pelo tempo que se perde e sempre dá um certo trabalho. (Gaia, professora de Português - Francês, E, 25 anos)

Apesar do menor enfoque, tanto o espaço em casa para ter vários sacos/recipientes, como a falta de conhecimento sobre os locais de recolha ou a distância a que se encontram, não deixaram de marcar posição nas dificuldades enumeradas pelos entrevistados:

(...) o espaço que pode ocupar ter vários sacos em casa. (Tavira, doméstica, E, 60 anos)

Ocupa espaço e as casas não são grandes. (Tavira, doméstica, Γ, 59 anos)

Espaço para armazenar é o maior problema. (Gaia - Avintes, empregada de bar do Parque Biológico, E, 21 anos)

Espaço, o trabalho fazia-se bem, o espaço é que era porque a cozinha já é pequenina então é que eram só sacas do lixo. (Gaia, empregada de limpeza, E, 46 anos)

(...) e os poucos vidrões. (Gaia-Madalena, enfermeira, E, 42 anos)

E depois a falta desses locais onde se põem as coisas. A gente olha e não vê e vai tudo para o saco do lixo. (Gaia, empregada de limpeza, E, 45 anos)

(...) e o espaço. Não tinha espaço para ter muitos caixotes. (Gaia, gestora de loja, E, 33 anos)

Haver muito poucos sítios. Na Alemanha em qualquer sítio havia, aqui não há; A falta de informação e a distância a que estão, não permitem a muitas pessoas fazerem isso. Na Alemanha há recipientes próprios para pôr o lixo em casa já dividido. O trabalho dá sempre na mesma, ou o balde de um lixo ou de outro é igual. (Gaia – Avintes, vigilante do parque, Γ, 35 anos)

Pode tentar-se, eu poderei fazer isso, mas não sei quantas pessoas o farão, também por razões de espaço. (Gaia, professora de Português - Francês, E, 25 anos)

A falta de contentores para pôr. (Gaia – Crestuma, empregada da Câmara Municipal, E, 46 anos)

A minha maior dificuldade é a deslocação, o trabalho, isso não me apoquent. (Gaia – Aguda, reformada, E, 69 anos)

(...) E também porem em locais mais visíveis e acessíveis recipientes para vários tipos de lixo (Gaia – Santo Ovídio, porteiro da escola, Γ, 47 anos)

4.4.3. Motivação ambiental

De modo a apurar a sensibilidade dos inquiridos face à adesão a práticas de redução da quantidade de resíduos, foi-lhes **perguntado o que estariam dispostos a fazer para contribuir para a diminuição, tanto dos seus lixos doméstico, como do lixo em geral**, abrangendo o uso de recargas sem embalagem, o consumo de produtos menos embalados, a utilização de guardanapos e fraldas de pano. Esta questão surge no intuito de perspectivar acções futuras que, no quadro de uma política de gestão de RSU, coloque a tónica na redução e reutilização dos lixos domésticos e não apenas na separação conveniente dos mesmos.

Constata-se que o uso de guardanapos de papel e fraldas de pano não suscitou forte adesão. Os consumidores de guardanapos de papel e fraldas descartáveis apontam o estilo contemporâneo de vida, aliado ao factor tempo, como justificativo das suas acções: o ritmo de vida que levam não permite outro tipo de selecção e este tipo de produtos torna-se mais prático e não exige qualquer espécie de trabalho após a sua utilização.

Não está disposta a usar guardanapos de pano: Não assim não tenho tanto trabalho. (Tavira, doméstica, E, 60 anos)

Não uso essas coisas, uso rolo de papel, para usar panos não tenho vagar. (Tavira, vendedora de imobiliária, E, 49 anos)

Não só (guardanapos de) papel. (Tavira, gasoleiro, Γ, 33 anos)

Olhe eu em princípio até 30 anos era sempre guardanapos de pano, mas desde que vi os de papel é mais prático todas as pessoas sabem. (Tavira, reformada, E, 72 anos)

Antigamente fazia-se isso. Agora vai-se comprar guardanapos de papel que se jogam fora. (...) Era um bocado trabalhoso para ela (esposa). (Tavira, polícia, Γ, 45 anos)

Não há necessidade de estar a lavar (guardanapos de pano), estender e passar guardanapos. Quem é que está disposta a isso? Então mães que trabalham e saem de manhã e entram à noite. (Gaia, empregada do bar do ISLA, E, 48 anos)

(guardanapos de pano) Isso é um bocado complicado, a água está caríssima, a electricidade também, o pó da máquina está pela hora da morte. Um saco de guardanapos que custe 100 esc., em minha casa dá para muito tempo. (fraldas pano) Acho que não estamos em tempo de andar a lavar fraldas. (Gaia, lojista, E, 39 anos)

Em relação a isso (guardanapos de pano), usava-se muito, agora já não, se calhar pelo trabalho que dá a lavar. (Gaia, estudante, Γ, 20 anos)

Acho que não, a gente tem uma vida tão agitada, que é tudo à lei do menor esforço (guardanapos de pano). (Gaia, empregada de limpeza, E, 45 anos)

Se dissessem que haveria vantagens nisso, então sim. Mas fraldas de pano já é pedir de mais. (Tavira, taxista, Γ, 70 anos)

As fraldas até usava, mas é um bocadinho complicado, as descartáveis também são caras, há que dividir a meio termo. (Tavira, estudante, E, 22 anos)

As fraldas, para ser sincera não sei, bom os meus filhos ainda utilizaram fraldas de pano porque já tenho filhos muito crescidos, e não havia fraldas de papel, mas eu acho as fraldas de papel o máximo. As fraldas de pano era uma tarefa muito penosa porque cheira muito mal e é mesmo muito chato. Quando apareceram fraldas de papel eu fiquei tão contente, achei que foi ótimo. (Tavira, professora de educação visual, E, 45 anos)

Muitas pessoas adeririam (fraldas de pano), mas a maioria não, porque as pessoas querem coisas práticas. (Tavira – Luz, doméstica, E, 52 anos)

Não sei, fraldas é um bocadinho complicado se eu tinha tempo ou não, empregada ou não, isso já joga com muita coisa. Tinha que fazer uma gestão do tempo. (Gaia - Avintes, empregada de bar do Parque Biológico, E, 21 anos)

(Fraldas de pano) Pronto, lá está, eu acho que as de pano dão muito trabalho e as outras são muito mais práticas. Eu sou muito sincera se eu tiver dinheiro vou para as descartáveis, mas claro que faz bastante mais lixo e de que maneira.

(Guardanapos) Dá um bocadão de trabalho, eu prefiro de papel porque uso e deito fora. (Gaia, empregada de limpeza, E, 46 anos)

A gente tem uma vida muito ocupada e não dá. A maior parte das vezes, estou aqui a fazer a folga da minha colega até às 22/23 horas e não dá para chegar a casa e por-me a lavar as fraldas do meu filho. Há certas coisas que não dá mesmo para fazer. (Gaia, gestora de loja, E, 33 anos)

Mas lá está, nos dias de hoje as coisa têm tendência para evoluir e evoluem para formas mais práticas, com menos trabalho. Não se tem tempo para fazer o que se fazia dantes. (Gaia, professora de Português - Francês, E, 25 anos)

Sou contra os guardanapos de papel, mas em casa utilizo de papel porque dá menos trabalho, não se têm que lavar, era uma questão de se ver; As (fraldas) de pano dão mais trabalho têm que se lavar, as outras são mais fáceis, por isso é difícil. (Gaia – Santo Ovídio, porteiro da escola, Γ, 47 anos)

Testemunhos pontuais, justificaram o uso de fraldas descartáveis pelo facto de aguentarem durante mais tempo/horas:

Num sentido estas fraldas é uma coisa melhor que as de pano, não ensopa tanto, aguenta umas horas com ela mijada e a fralda de pano não. (Tavira, doméstica, Γ, 59 anos)

(...) Mas as donas de casa não querem Ter o trabalho de estar a lavar as fraldas. Aliás nem só gastam mais, como não querem ter trabalho. Mas preferem gastar mais do que ter mais trabalho. Mas concordo, acho que a questão das fraldas é mais porque aquilo está plastificado e o facto de não verterem para fora e aguenta-se muito mais tempo. (Tavira, gerente de estabelecimento, Γ, 24 anos)

Na esteira destas afirmações depara-se o amplo terreno de questionamentos que se ergue em torno das mudanças económicas e de hábitos e padrões de consumo que reclamam urgentemente repensar toda a problemática do output de uma sociedade, cujo aumento exponencial de produção de resíduos, é continuamente alimentado por uma fonte inesgotável de produção de RSU. Tendo em atenção a complexidade dos processos de tratamento e eliminação dos RSU, compreende-se a urgência de potenciar uma mudança efectiva dos comportamentos sociais.

Embora em menor número, alguns entrevistados confirmaram o uso de guardanapos de pano e, por vezes, a possível alternância entre o uso de fraldas de pano com descartáveis. No entanto, esta adesão reflecte-se, no caso das fraldas, ou em

motivos de poupança, ou por razões de higiene/ ser mais cómodo para o bebé. E, em relação aos guardanapos de papel, para além do factor económico ser igualmente referido, intervém também a questão do hábito/preferência na sua utilização doméstica.

Sim, se as fraldas (de pano) pudessem ser recicladas, porque são muito mais cómodas. (Gaia, lojista, E, 47 anos)

Eu tive 2 filhos, no mais velho não se usava, com o mais novo já e eu usava pelo menos durante a noite e quando ia ao médico (fraldas descartáveis), mas quando estava em casa usava as de pano porque acho que são mais higiénicas. (Gaia, empregada de cozinha, Γ, 39 anos)

As fraldas até usava, mas é um bocadinho complicado, as descartáveis também são caras, há que dividir a meio termo. (Tavira, estudante, E, 22 anos)

Eu utilizo os guardanapos que eu tiver, ou de pano, ou de papel, ou rodilhas. (Tavira, doméstica, Γ, 59 anos)

Eu até gosto mais de me limpar no pano e é o que eu uso em casa. (Tavira, empregada de café, E, 22 anos)

Para já acho que é mais higiénico utilizar guardanapos de pano, só que no restaurante não se pode evitar ,porque nós nunca sabemos quantos clientes vêm ao restaurante. (Tavira, gerente de estabelecimento, Γ, 24 anos)

Eu tenho guardanapos de pano, também há papel, mas o que a gente usa diário é do pano sempre. (Gaia, mecânico de automóveis, Γ, 65 anos)

Sim, isso eu experimentava e via os resultados. A gente realmente usa os de papel para ser mais prático mas pronto também gosto dos de pano, mas agora usa-se os de papel, é um comércio e para nós é uma vantagem, nem usamos o ferro, nem lavamos. (Gaia, empregada de cozinha, Γ, 39 anos)

Gasto de papel (guardanapos), não é questão de trabalho, mas acho que a gente usa e deita logo fora e os outros tem que se estar a lavar e passar. Mas se fosse para meu benefício era capaz de trocar. (Gaia, empregada de quarto, E, 39 anos)

Em casa uso (guardanapos) de pano. Tenho a máquina de lavar e ponho tudo na máquina. (Gaia – Crestuma, empregada da Câmara Municipal, E, 46 anos)

Já uso (guardanapos de pano), não gosto de usar de papel (Gaia – Aguda, reformada, E, 69 anos)

Eu uso (guardanapos) de pano, os de papel são muito caros. Gaia – Coimbrões,

peixeira, E, 36 anos)

No mesmo sentido, a utilização de produtos com recarga encontra-se também associada a razões de cariz económico:

Compro aquelas embalagens grandes e divido dentro de um frasco mais pequeno. Esse aproveitamento, não o vejo como educação de lixo, mas como uma questão económica. (Tavira, proprietária de pensão, E, 50 anos)

Comprava porque a gente sempre poupa algum dinheiro. Eu acho que é uma questão de poupança. É capaz de nos ficar mais económico, não é. A pessoa comprando carga e tudo é mais caro e depois só se compra a embalagem para fazer carga ao que temos. (Gaia, empregada de quarto, E, 39 anos)

Verifica-se inclusivé que a compra de produtos com recarga, é originada pelo uso preferencial de uma determinada marca que adoptou este tipo de apresentação do produto no mercado:

Por ex. o SKIP, há recarga e compro, até julgo que é mais barato (Gaia, auxiliar de educação, E, 39 anos)

Sim, eu uso no SKIP, compro a caixa e ponho na caixinha de plástico. (Gaia, empregada de limpeza, E, 45 anos)

Alguns indivíduos levantam, no entanto, a questão dos produtos recicláveis serem mais caros, enquanto outros adiantam que o seu preço não justifica a compra (tido como factor inibidor a uma crescente utilização por parte das populações):

Reduzia mais, é certo. As recargas saem mais caras, não? (Tavira, estudante, E, 22 anos)

Eu tenho visto um produto que eu costumo comprar para pulverizar os punhos das camisas, eu compro aquilo com o pulverizador porque por vezes encontra-se ainda mais barato o conjunto do que só a recarga. Se fosse mais barata a recarga eu comprava. Quando a diferença é de 15 a 20 esc. A pessoa compra o conjunto e deita no lixo tudo. E não estou com o trabalho de estar a tirar. (Tavira, reformado, I, 70 anos)

Isso até deviam pôr mais em conta as recargas para que realmente as pessoas comprem as recargas, mas o preço é praticamente igual não há diferença nenhuma. (Gaia, lojista, E, 39 anos)

Relativamente à utilização de produtos menos embalados, embora a maioria dos entrevistados afirmasse estar disposta a aderir, alguns avançaram dificuldades sentidas pelas regras de consumo ditadas pelo próprio mercado, em virtude de a grande variedade de produtos comercializados encontrar-se já embalada:

Quer dizer a mim faz-me confusão e eu recuso os sacos de plástico nesses sítios, mas o resto das pessoas não faz isso, porque não têm informação sobre isso. Dever-se-ia procurar outras soluções de embalagens. (Tavira, Tradutor, Γ, 49 anos)

Sim, quer dizer, sabe que agora é só plásticos, plásticos. É tudo embalado em plástico. É os óleos, é tudo quanto há. Acho que se devia procurar fazer mais embalagens sem tanto plástico, porque o plástico até é perigoso por exemplo numa garrafa de óleo, se partir corta tanto como o vidro. (Gaia, porteiro, Γ, 54 anos)

É tudo embalado, tem que se comprar mesmo embalado. (Gaia, empregada do bar do ISLA, E, 48 anos)

Há 20 anos não se comprava nada embalado, era tudo ao quilo, mas agora não há esse sistema. (Gaia, lojista, E, 39 anos)

Eu não compro muito essas coisas, é a minha mulher e não há hipótese, é tudo embalado, não é como antigamente. (Gaia- Crestuma, reformado, Γ, 65 anos)

Sim, mas também não é culpa de quem compra, mas de quem fabrica (Gaia, estudante, Γ, 20 anos)

Sim (usar produtos menos embalados), mas o problema é que os produtos que se vendem têm de facto muita embalagem. (Gaia – Avintes, empregada do bar do Parque Biológico, E, 50 anos)

Estes comentários reflectem a necessidade de eleger como uma das preocupações centrais para a redução dos RSU, a harmonização entre as respostas dadas pelas populações em termos de participação e a capacidade de produção/distribuição dos próprios mercados.

Aqueles que não usam produtos previamente embalados, evocam questões de hábito e/ou preferência pela compra dos seus produtos junto dos pequenos comerciantes.

Quando vou há praça tenho um baldinho para trazer as compras nomeadamente o peixe para vir direitinho. (Gaia – Avintes, empregada do bar do Parque Biológico, E, 50 anos)

Sim, estava disposta (embalagens mais simples), até porque estou habituada a comprar os legumes e as carnes em locais de confiança, não compro nos supermercados. (Gaia-Madalena, enfermeira, E, 42 anos)

Sim, eu ainda compro género de mercearia, a fruta diária e a carne, fui assim habituada. (Gaia, empregada de limpeza, E, 45 anos)

Nós aqui vamos ao mercado e trazemos tudo num saquinho. (Gaia – Crestuma, empregada da Câmara Municipal, E, 50 anos)

Num apanhado global, pode-se adiantar que, apesar de grande parte dos entrevistados afirmar estar disposto ou já utilizar este tipo de produtos, os motivos avançados prendem-se essencialmente a factores sócio-económicos do próprio agregado familiar (poupança, higiene, arrumação) e não a um conhecimento sofisticado da problemática ecológica.

Na esteira desta afirmação, pode ser inferida a fraca **participação em acções de defesa do ambiente** reconhecida pela grande maioria dos entrevistados (do total dos respondentes, 5 dizem já ter participado, contra 35 respostas negativas). A colocação desta pergunta, associa-se ao reconhecimento de que a valorização dos problemas ambientais tem vindo a ser reforçada pela existência de diversas associações de ecologistas, identificando o trabalho por elas desenvolvido como um contributo importante na emergência de uma crescente sensibilidade e participação públicas.

Convém igualmente salientar que, do grupo dos indivíduos abordados, apenas dois inquiridos são membros efectivos de associações/projectos ambientalistas:

Claro (que já participou em acções de defesa do ambiente), faço parte do GEOTA, estou lá há cerca de 6 anos. (Tavira, estudante, E, 21 anos)

Faço parte de um projecto (...) realizo acções de sensibilização, participei na recolha de resíduos sólidos, tenho ido a colóquios, conferências, encontros de ambientalistas, etc. (Gaia - Avintes, empregada de bar do Parque Biológico, E, 21 anos)

Em relação aos restantes entrevistados que referem ter estado envolvidos em acções ambientais, 2 deles fizeram-no enquanto professores e outro como aluno:

Já bastantes. Eu faço coisas aqui com os meus alunos e já até fizemos coisas com uma certa piada. Andamos a recolher os lixos, as embalagens que havia aqui na escola e enchemos um enorme painel com os lixos e até conseguimos que aquilo ficasse bonito porque as embalagens por vezes são muito bonitas, e conseguimos impressionar porque era tanto, tanto lixo e com aquelas cores todas e aquilo tudo acho que foi muito interessante.

E na praia também às vezes fazemos campanhas de recolha de lixo, e fazemos culturas com o lixo. Mas pronto sinto que é pouco eficaz porque são acções muito pontuais. (Tavira, professora de educação visual, E, 45 anos)

Já, ao nível da escola e da formação de professores. (Tavira, director de escola, Γ, 35 anos)

Particpei uma vez que estive no Algarve, a fazer uma pequena limpeza na praia e fiz também pela escola aqui na praia. Que eu me lembre foram essas duas. (Gaia, estudante, Γ, 20 anos)

Aliás, alguns dos testemunhos avançados por indivíduos não participantes, deixam transparecer um certo reconhecimento do espaço “escola” como fomentador desse tipo de actividades:

Eu não, mas já andaram por aí as professoras com os alunos a limpar as ruas. (Gaia – Aguda, reformada, E, 69 anos)

Não, nunca fui convidado e a disponibilidade não é muita. Aqui na escola sei que alguns professores têm feito acções, até mesmo passeios com os alunos. (Gaia – Santo Ovídio, porteiro da escola, Γ, 47 anos)

Outros, embora afirmam não ter ainda participado, evidenciam vontade de o fazer quando surgirem oportunidades para tal:

Estou disposta a ir protestar contra a lixeira, por exemplo. (Tavira, proprietária de pensão, E, 50 anos)

Não, ainda não tive esse prazer. (Gaia, auxiliar de educação, E, 39 anos)

Não, mas gosto de saber e até gostava de ter mais informação. (Gaia – Crestuma, empregada da Câmara Municipal, E, 50 anos)

Um olhar generalista, radica no escasso envolvimento cívico do grupo de entrevistados nas questões de ordem ambiental. Não será decerto exagerado afirmar e,

que esta ausência e remete provavelmente para a carência de informação sentida pelos entrevistados, atendendo a que a disponibilização atempada de informação constitui uma condição necessária à garantia de uma participação social alargada e responsável. Acrescente-se ainda que a participação nestes tipo de acções exige que os indivíduos se sintam parte integrante desse projecto, percepcionando a sua participação como indispensável ao bom funcionamento do mesmo.

A definição de medidas mitigadoras, passa pela aposta na compreensão dos elementos da esfera da vida quotidiana que concorrem para um maior envolvimento dos sujeitos nas questões dos RSU, atendendo à importância de fomentar um crescente grau de consciência ambiental no sentido de estabelecer um elo necessário entre, por um lado, a defesa do ambiente e da qualidade de vida e, por outro, o exercício participativo de uma cidadania responsável.

4.4.4. Percepção das motivações dos outros

No sentido de percepcionar a imagem formada pelos inquiridos em relação à motivação dos outros, num primeiro momento, foi perguntado aos entrevistados **se consideravam que os seus conhecidos, amigos, vizinhos e familiares estavam dispostos a aderirem à triagem doméstica**. Convém referir que os entrevistados acabam por basear os seus comentários sobretudo em relação aos seus vizinhos e familiares, referindo-se menos aos amigos e conhecidos.

Das respostas avançadas podem-se destacar 3 tendências distintas:

- Um número significativo de entrevistados (mais em Vila Nova de Gaia) que opinam favoravelmente em relação à adesão dos seus vizinhos e amigos. É frequente aliarem a ida destes ao vidro, como imagem de potencial adesão aos processos.

Acho que sim, acho que qualquer pessoa se pensar um bocadinho não custa nada, é só separar as coisas, não custa assim tanto. É facilitar a vida deles e a vida dos outros também. (Tavira, estudante, E, 22 anos)

Foi o meu filho mais novo que me começou a falar da recolha do papel e quando lá vou há sempre toneladas de papel à espera que a namorada traga o carro para levar ao papelão. E da última vez que lá estive disse “- Mãe agora temos um vidro mesmo à frente do prédio.” É muito preocupado, muito mais

do que o meu outro filho. Não tenho vizinhos, mas falando por ex no vidrão que está na Luz de Tavira a população tem aderido muito bem.

Outras pessoas: alguns. Das minhas relações sim (Tavira – Luz, doméstica, E, 52 anos)

Acho que sim. Agora eles só põem o lixo mesmo na hora em que vêm, não põem antes. Têm essa preocupação por isso haviam de fazer. (Gaia, lojista, E, 47 anos)

O vidro quase toda a gente põe no vidrão. (Gaia, lojista, E, 39 anos)

Sim, o vidro separam, já não é o caso para o papel. (Gaia- Crestuma, reformado, Γ, 65 anos)

Acho que sim estão dispostas a ajudar, não digo a maioria, mas algumas. (Gaia, vendedor de automóveis, Γ, 24 anos)

Sim, fazemos reuniões de moradores e nota-se que as pessoas estão mais preocupadas com os problemas que os lixos podem causar, o asseio e coisas assim. (Gaia, auxiliar de educação, E, 39 anos)

Eu lido com pouca gente, mas acho que sim, estão dispostos a participar. Toda a gente se vir que está num meio de limpeza tenta-se organizar para a gente viver em conjunto no bem-estar de todos. Claro que há sempre uma pessoas que é pior que as outras. (Gaia, empregada de limpeza, E, 45 anos)

Acho que sim, eles têm cuidado e julgo que muitos também vão ao vidrão. (Gaia – Crestuma, empregada da Câmara Municipal, E, 50 anos)

Sim acho que sim, por ex. no meu prédio em que vivemos poucos, se vissem a fazer, faziam igual, seguiam o exemplo uns dos outros. (Gaia – Avintes, vigilante do parque, Γ, 35 anos)

Os que moram na minha rua, e mesmo a minha filha, sim, preocupam-se e têm cuidado. Agora outras pessoas não sei. (Gaia – Aguda, reformada, E, 69 anos)

Os que estão mais próximos eu vejo a fazer isso, nos outros locais não sei dizer. (Gaia – Santo Ovídio, porteiro da escola, Γ, 47 anos)

- Um leque mais reduzido de inquiridos refere-se aos seus vizinhos de forma pouco abonatória, evidenciando insatisfação face ao comportamento destes, em relação à deposição e acondicionamento dos lixos domésticos. As razões avançadas remetem para o desleixo e falta de formação cívica:

Não sei até que ponto as pessoas pensam sobre este assunto. (Tavira, doméstica, E, 60 anos)

Talvez uns mais que os outros, as pessoas não ligam, sabe? Têm as coisas em casa e agora têm lá tempo para estar a dividir as coisas. (Tavira, comerciante, Γ, 59 anos)

Acho difícil. Desculpe, até dentro da Igreja vi essa gente nova nas festas de São João a comer e a deitar as pevides na Igreja. (Tavira, vendedora de imobiliária, E, 49 anos)

O que me faz impressão é que as pessoas não têm a noção. Porque uma coisa é as pessoas serem um bocado rebeldes e quando estão um bocado chateadas com a vida e pensam, pronto, eu vou fazer lixo. Mas isso faz-me menos impressão que as pessoas que acham que não há problema nenhum deitar as coisas para o chão. (Tavira, professora de educação visual, E, 45 anos)

Algumas, outras não sabe que há gente que diz agora sim senhor, mas depois nunca mais. As pessoas são todas muito desleixadas, amigas de não fazer nada. Não se importam com os outros. (Gaia, mecânico de automóveis, Γ, 65 anos)

É conforme. Eu conheço famílias que separam tudo e têm muito mais preocupação do que eu e outros que não ligam nenhuma, que não querem saber, guardam à porta de casa, acumulam 17 ou 130 sacos que dá um grande mau aspecto. (Gaia, estudante, Γ, 20 anos)

Só que não há as condições, é tudo uma bandalheira. E também há aquelas pessoas que vivem bem no lixo. (Gaia – Avintes, vigilante do parque, Γ, 35 anos)

- A maioria dos indivíduos reflecte, contudo, um posicionamento intermédio, já que atribuem a menor adesão dos seus vizinhos e amigos à falta de informação e de campanhas ambientais de sensibilização. Afirmam ser necessário promover uma mudança de hábitos no sentido de potenciar, junto dos indivíduos, uma crescente preocupação cívica pelas questões ambientais.

Eu não acredito que a população vá aderir sem uma campanha muito pronunciada, a começar pela infância, para que os hábitos mudem. (Tavira, Tradutor, Γ, 49 anos)

Deu indicação de que era necessário mais informação para a população participar na separação dos materiais: (...) muitas pessoas não estão educadas para o que está a acontecer neste momento. (Tavira, proprietária de pensão, E, 50 anos)

Se fossem informadas sim porque acho que não estão sensibilizadas para o problema. (Tavira, empregada de café, E, 22 anos)

Se não houver mais publicitários a população não vai fazer isso, devia haver muito mais informação. (Tavira, estudante, E, 21 anos)

As pessoas que trabalham comigo no parque estão muito motivadas, temos trabalhado muito e acho que tem resultado. Em relação às pessoas em geral são hábitos que custam um bocadinho a adquirir e não é fácil, isto tem que ser com muito tempo, não pode ser trabalhar hoje e amanhã ter os resultados. (Gaia - Avintes, empregada de bar do Parque Biológico, E, 21 anos)

Há conhecidos meus que fazem a separação não só pelo vidro, como do papel e do plástico, mas por iniciativa própria. Mas para levar uma maioria das pessoas participarem tem de começar por haver mais contentores de depósito vários materiais pela cidade e pelas localidades. Mais pessoas a limpar o lixo das ruas, rios, parques. (Gaia, professora de Português - Francês, E, 25 anos)

4.4.5. Percepção de incentivos

Dado que a temática da sensibilização assume um papel crucial na abordagem dos mecanismos de motivação a promover para a adesão e participação das populações nas acções ambientais, julgou-se por bem eleger junto dos entrevistados um espaço de diálogo que permitisse dar voz às suas opiniões e sugestões nesta matéria. No seguimento da questão acima retratada, foi pedido **aos indivíduos que identificassem medidas de incentivo à sensibilização/motivação dos outros.**

As respostas foram unânimes em apontar o desenvolvimento de campanhas de sensibilização como vector preponderante para a adesão a estes processos, indo ao encontro das carências anteriormente confirmadas pelos entrevistados relativamente à falta de informação. Na mesma linha de resposta, patenteia igualmente a convicção comum de que a educação releva a sua importância no incentivo à participação activa da população.

O leque de testemunhos colhidos reflecte aspectos diversificados no domínio de formação ambiental, desde a importância de sensibilizar os jovens nas escolas, até à promoção de estratégias direccionadas para o contacto directo com as populações. As autoridades locais (Câmara Municipal, Junta de Freguesia) são frequentemente identificadas como estruturas de intervenção necessárias à mobilização destas

campanhas.

Eu acho que a sensibilização passa por uma educação a partir das escolas, a partir de campanhas de sensibilização inclusivé porta-a-porta, fazendo uma auscultação das pessoas e das formas como elas vêem a resolução dos problemas, passa muito por aí, porque não há soluções iguais para todas as zonas da mesma cidade, portanto é preciso procurar esquemas alternativos diversificados que responsabilizem as pessoas e que sensibilizem sobretudo a partir da infância, o lema do lixo. (Tavira, Tradutor, Γ, 49 anos)

(...) sobretudo é preciso que as pessoas gostem da sua cidade e a C. M. contribuir facilitando a informação, fazendo várias campanhas, por exemplo concursos de ruas a ver qual a mais bonita e limpinha!. (Tavira, proprietária de pensão, E, 50 anos)

As escolas deviam logo explicar. Se as crianças aprendessem na escola levavam a mensagem aos pais e avós. As crianças são muito curiosas. (Tavira – Luz, doméstica, E, 52 anos)

Nem por isso se fazem em Tavira muitas campanhas, além de certas publicidades postas na rua, não vai além disso. Na escola, desde pequenos, é um bom começo, ensinar desde cedo às crianças como é que devem ser feitas as coisas. Desde pequeno uma pessoa começa a ver as coisas, a aprender. A nível das pessoas grandes, acho que já aprenderam, não farão porque não querem Talvez fosse bom fazerem mais campanhas. (Tavira, estudante, E, 22 anos)

Fazendo principalmente campanhas a nível da escolas porque muitas vezes os miúdos é que acabam por ensinar os pais. E as escolas, evidente, aproveitando mesmo direcções de turma, reuniões com pais, sei lá. E se houver hipótese de contacto porta-a-porta, óptimo. É evidente que a pessoa tem que começar por ser informada, nem que fosse provisório começarem a habituar-se a isso. Eu acho incrível que em Gaia estejam a fazer a separação dos lixos e eu ainda não ter ouvido informação sobre isso, senão eu já teria feito, ou começava a fazer mais. Talvez tocando na tecla da saúde, alertando para os problemas que advêm daí. (Gaia, lojista, E, 47 anos)

A Câmara não faz nada, nunca vi reclamar sobre o lixo. Acho que se eles pusessem uns cartazes era bom. Deviam ir à escola também. (Gaia, lojista, E, 39 anos)

Sobretudo mais informação e formação desde miúdos, na creche, nas escolas e os próprios pais em casa. É necessário agir (deu ênfase) junto das pessoas. (Gaia, auxiliar de educação, E, 39 anos)

Acho que se forem as próprias empresas e as próprias autoridades a iniciarem uma campanha qualquer, depois é mais fácil as pessoas comuns seguirem um rumo. É necessário insistir com as pessoas, há algumas muito desleixadas. Mas não somos nós que temos de iniciar as campanhas, mas instituições que

estejam ligadas de alguma forma a coisas do lixo. Acho que já é um incentivo ao cidadão começar pelas autoridades. (Gaia, estudante, Γ, 20 anos)

Não sei, talvez mais informação e as CM preocuparem-se mais. Há muita gente que não está informada, ainda se vê montes de lixo nas ruas, a gente passa e ainda apanha aqueles cheiros de montes de lixo. (Gaia-Madalena, enfermeira, E, 42 anos)

Fazer mais sensibilização como as que fazem nas praias, chamar as pessoas a participarem, como por ex. fizeram em levar os reclusos a apanhar o lixo das praias. Quem diz as praias diz outro tipo de acções, como as florestas onde também se assiste a muito lixo. Mais campanhas nas escolas, com os alunos e também junto da população em locais de aglomeração, sei lá, saídas de igrejas (riu), eu não sei, Associações de Moradores, etc. Porque se os professores têm o dever de advertir os alunos, os pais têm o de dar o exemplo, mas eu tenho visto bastante que por vezes são os pais que deitam os papéis para o chão. É necessário educar as pessoas nesse sentido. (Gaia, professora de Português - Francês, E, 25 anos)

Campanhas de educação às pessoas, isso é que devia de ser. Dizer que o lixo que nós fazemos incomoda os outros, há falta de vontade. Devia de ser uma disciplina que havia de ir da 1ª classe até ao último ano da Universidade. (Gaia – Aguda, reformada, E, 69 anos)

A Junta de Freguesia podia tomar uma posição e saber que em determinado sítio não estavam a funcionar como deve ser, chamar as pessoas e marcar uma reunião de esclarecimento e nessa sessão esclarecer, ver se há problemas ou não e motivar formas de os resolver. Era uma forma agradável de no fundo a Junta de Freguesia sensibilizar os moradores das várias áreas de uma forma mais pessoal. (Gaia – Santo Ovídio, porteiro da escola, Γ, 47 anos)

As Câmaras e os Governos devem eles próprios dar o exemplo. Muitas vezes eles também não têm a preocupação de deitar na papeleira, É a própria falta de formação de todos. (Gaia – Coimbrões, peixeira, E, 36 anos)

Decorrente da importância de um maior número de campanhas, a publicidade e a promoção de programas ambientais através dos media (uma entrevistada avançou ainda a importância de fomentar a publicação de revistas infantis e juvenis), foi também um dos factores mais citado como essencial nesta mesma formação, em virtude de permitir uma aproximação atractiva, abrangente e de fácil acesso às populações.

Sabe que as pessoas por vezes o explicar directamente não aceitam. Eu penso que os meios de comunicação serão os ideais porque ninguém tem tempo para nada. Mas se me sentar à noite a ver uma telenovela e de entre uma telenovela

e outra aparecer um programa educacional, eu tenho tempo para o ouvir. (Tavira, proprietária de pensão, E, 50 anos)

E também não há grandes campanhas para educar as pessoas. Porque por exemplo ao nível da televisão, eu acho que se devia utilizar os grandes meios de comunicação para motivar as pessoas, não propriamente nos anúncios, mas fazendo mesmo campanhas para as motivar. Eu acho que a televisão funciona perfeitamente mas deviam fazer era filmes narrativos, não era aquele tipo de anúncio “Faz isto, Não faças aquilo”. Assim como fazem as novelas e conseguem atingir tantas pessoas e envolvê-las também se poderiam fazer pequenas histórias a motivar as pessoas. E também no sentido positivo e não estar sempre a fazer drama, aparecerem as coisas só pelo lado negativo. Acho que se deveria pôr as pessoas contentes por estarem a colaborar e a construir qualquer coisa melhor. Eu acho que os melhores veículos de transmissão para as crianças são aqueles em que elas acreditam. E como elas acreditam muito pouco na escola, a escola não lhes diz quase nada, é extremamente difícil motivá-las via escola. A televisão é melhor. Acho por exemplo uma coisa que falta muito são as revistas infantis e juvenis, não há nada. (Tavira, professora de educação visual, E, 45 anos)

A televisão resulta também muito bem (Tavira – Luz, doméstica, E, 52 anos)

Campanhas, por exemplo a de Oeiras. Fizeram uma campanha lindíssima, acho que estava demais a publicidade da televisão. Para os miúdos era uma boa lição, gostei muito, os modelos virem com os saquinhos, estava bonito. (Gaia - Avintes, empregada de bar do Parque Biológico, E, 21 anos)

A TV é para mim a que tem maior impacto. (Gaia, lojista, E, 47 anos)

Haver informação muita gente nem sabe, eu soube pela televisão e pela minha filha. (Gaia, empregada de limpeza, E, 46 anos)

Por panfletos nas ruas e nos andares e aconselhar as pessoas onde devem por os lixos. A informação é o principal. Na TV elucidarem as pessoas e darem mais publicidade. (Gaia, empregada de limpeza, E, 45 anos)

Mais publicidade, informar mais as pessoas. Por ex. uma campanha na TV. (Gaia, gestora de loja, E, 33 anos)

Mais informação na TV e nos jornais e virem cá falar com as pessoas directamente. Eles até podem fazer essas reuniões na Junta, mas as pessoas às vezes também não estão para isso. (Gaia – Crestuma, empregada da Câmara Municipal, E, 50 anos)

Seremos melhor informadas, muitas pessoas não sabem como fazer com os lixos. Através da TV falarem das coisas e até virem cá pessoas que sabem desses assuntos falarem à gente. (Gaia – Crestuma, empregada da Câmara Municipal, E, 46 anos)

Alguns entrevistados aludem ainda à necessidade de impor uma fiscalização eficaz, como medida de controlo ao cumprimento do estipulado.

Deviam de haver campanhas e multas rigorosas mas aplicadas mesmo às pessoas que fazem lixeira em qualquer lado. Porque essas pessoas não são dignas e não têm respeito nem pela saúde delas, nem pela dos outros. Primeiro educar através de placardos, e outra propaganda até porta-a-porta nas caixas do correio. E depois aplicar as multas. Acho que devia de haver um fiscal da Câmara para aplicar e fiscalizar as ruas, porque parece que o nosso povo só é educado dessa forma. As pessoas também precisam de educação e se fizessem campanhas mais rigorosas, mais constantes, acho que as pessoas iam aprender porque o nosso povo não é burro. (Gaia, porteiro, Γ, 54 anos)

Uma coisa que havia de haver era fiscalização porque as pessoas são muito badalhocas. Eu já estive em França, o meu marido esteve lá a trabalhar, e lá não havia lixo nenhum no chão e era engraçado porque a recolha era só feita uma vez por semana mas as pessoas só punham naquele dia quase à hora de o virem buscar e as pessoas habituavam-se porque se não o fizessem tinham logo que pagar uma multa. Dava gosto viver ali só por causa das limpezas. (Gaia – Crestuma, reformada, E, 63 anos)

Outras opiniões focaram a necessidade de uma rede alargada de distribuição e acessibilidade de dispositivos para deposição selectiva

Se a gente for assim habituados e habituar as crianças, elas já vão desde pequeninos habituados a esse sistema. Eu tenho uma miúda pequena e eu não a deixo atirar nada para o chão. Mas também é preciso haver de x em x metros aqueles baldinhos (riu). Tem de ter no seu conjunto as condições, reunir as condições necessárias para as pessoas fazerem as coisas. (Gaia, empregada de limpeza, E, 45 anos)

Tentar divulgar mais e pôr mais vidrões e do papel e do plástico, porque há muitas zonas que não têm isso. (Gaia, gestora de loja, E, 33 anos)

Porem os diferentes contentores, como já lhe disse e informarem as pessoas. É preciso informá-las, porque as pessoas não sabem, até virem aos prédios informar dos contentores e dos cuidados a ter, talvez isto melhorasse muito. (Gaia – Avintes, vigilante do parque, Γ, 35 anos)

Por outro lado, penso que é em Famalicão que têm um processo em que as pessoas separam e vão levar o lixo a um recinto fechado com acesso em que há diferentes secções para várias coisas, pilhas, plásticos, etc. Acho que é uma coisa boa para as pessoas poderem levar os lixos separados para a reciclagem.

Ou então haver junto das pessoas coisas do género que depois fossem recolher. (Gaia – Santo Ovídio, porteiro da escola, Γ, 47 anos)

Esporadicamente, alguns entrevistados mencionaram a promoção de mecanismos de recompensas:

Não é questão de campanhas. As pessoas nunca vão adquirir campanhas. É uma questão de economia. Se as pessoas gostam de viver e guardar aquilo que elas têm e se o Governo obrigasse as companhias que fazem vendas e produtos como por ex alimentos e bebidas, a embalar em produtos reciclados. Deviam ser obrigados a pôr máquinas recicladoras onde as pessoas vão pôr as embalagens para recuperar dinheiro. Às campanhas ninguém liga. O Governo e a Câmara fazem as campanhas e as pessoas lixam-se para isso. Só algumas pessoas, uma minoria é que se interessa pela informação difundida nos panfletos, mas a maioria vai colocá-lo no lixo. (Tavira, gerente de estabelecimento, Γ, 24 anos)

Campanhas, mas alguns têm ouvidos de mercador, não interessa aquilo que dizem, como não é nada que lhes dê lucro. Agora se dessem qualquer coisa, mas para isso era preciso estar uma pessoa a receber e para nos dar qualquer coisa, como é no vasilhame, quando a gente entrega dão em troca um vale ou dinheiro. Quando aquela pessoa que vai entregar o lixo, não tem recepcionista, não paga nada por isso, e ninguém está interessado nisso. Aquela pessoa que não lucra nada, não recebe nada em troca a maior parte não quer fazer nada. (Gaia, mecânico de automóveis, Γ, 65 anos)

A título global, a imagem reflectida pelos depoimentos deixados permite o reconhecimento de que a informação e a sensibilização ecológica dos cidadãos assumem-se como uma dinâmica fundamental a impulsionar na esperada elevação dos níveis de participação, enquanto parte integrante de uma estratégia alargada de educação ambiental.

5. PROSPECTIVA

A análise dos resultados e o nosso envolvimento com o projecto ao longo de quase oito meses permitem-nos formular algumas sugestões de interpretação e recomendação. Como se verifica nas respostas apresentadas, a população toma o problema do lixo como um problema geral, que afecta a todos, e que compete às autoridades colectivas resolver. Porém, embora o papel de cada um na definição desse problema não seja espontaneamente sugerido, ele é reconhecido a vários níveis:

na produção de maior ou menor quantidade de lixo doméstico, na adopção de práticas tradicionais de aproveitamento de materiais, nalguns casos ainda utilizadas, noutros conhecidas mas declaradas incompatíveis com a vida moderna, e ainda na adesão a modernos sistemas de tratamento de materiais recicláveis como o vidro, o papel, o plástico, e as latas. O vector económico e o reconhecimento de que se desperdiça dinheiro ao produzir excesso de lixo devem ser tomados como importantes elementos a considerar em campanhas de sensibilização para a redução do lixo e para a adopção de práticas de re-aproveitamento.

Em graus diferentes, as pessoas reconhecem o papel fundamental dos comportamentos individuais no sucesso dos sistemas colectivos de tratamento de resíduos. Reportam-nos as suas práticas de adesão ao sistema de recolha urbana do lixo doméstico, que é homogêneo e bem sucedido em Tavira, onde se adoptam os contentores de rua e se pratica a recolha seis vezes por semana, e desigual em Gaia, onde vários sistemas coexistem e onde em muitas áreas apenas se dá a recolha do lixo três vezes por semana. A maioria das pessoas preza a liberdade de poder depor o seu lixo pelo menos uma vez por dia num lugar determinado, e assim poder compatibilizar a limpeza da sua casa com a limpeza das ruas. Limpeza, asseio e organização foram os temas mais invocados a respeito do lixo urbano, pelo que acreditamos que campanhas de esclarecimento e divulgação deverão ser bem sucedidas se enfatizarem o paralelo entre a limpeza doméstica e a limpeza das ruas.

Encontrámos valores semelhantes relativamente às embalagens que se destinam à reciclagem: asseio, arrumação, civismo, são os valores que pautam o comportamento daqueles que já aderiram à triagem selectiva e à deslocação aos ecopontos – mais que uma motivação ambientalista claramente articulada, que só nos aparece num número muito pequeno de entrevistados. Acreditamos, também que campanhas de informação e fomento da utilização dos ecopontos devem igualmente enfatizar aspectos de civismo e limpeza.

A adesão ao vidro mostrou-se, pelo menos em termos de valores e representações, amplamente generalizada. Só estudos de outra natureza, medindo a utilização efectiva destes ecopontos, poderão esclarecer em que medida essa adesão corresponde a práticas efectivas. Nas entrevistas aparece uma apreciação muito positiva deste ecoponto, que se deseja em maior número e mais perto dos domicílios, e na maioria dos casos se prefer a um hipotético sistema de recolha a domicílio.

Pensamos que este é rejeitado por ser uma sistema desconhecido e que ameaça a liberdade de ir deitar fora os detritos quando bem se quer. A analogia com o vidrão, amplamente conhecido e bastante utilizado, poderá ser uma chave para a eficácia de campanhas de sensibilização para novos ecopontos, para cuja utilização pudémos notar uma elevada motivação.

Resta notar que os nossos entrevistados mencionaram frequentemente a necessidade de mais informação sobre diversos aspectos ligados ao lixo. Se bem que a televisão seja reconhecida como o meio de divulgação mais eficaz, mencionaram também a importância de campanhas de contacto directo (informação porta-a-porta) e da educação das crianças nas escolas.